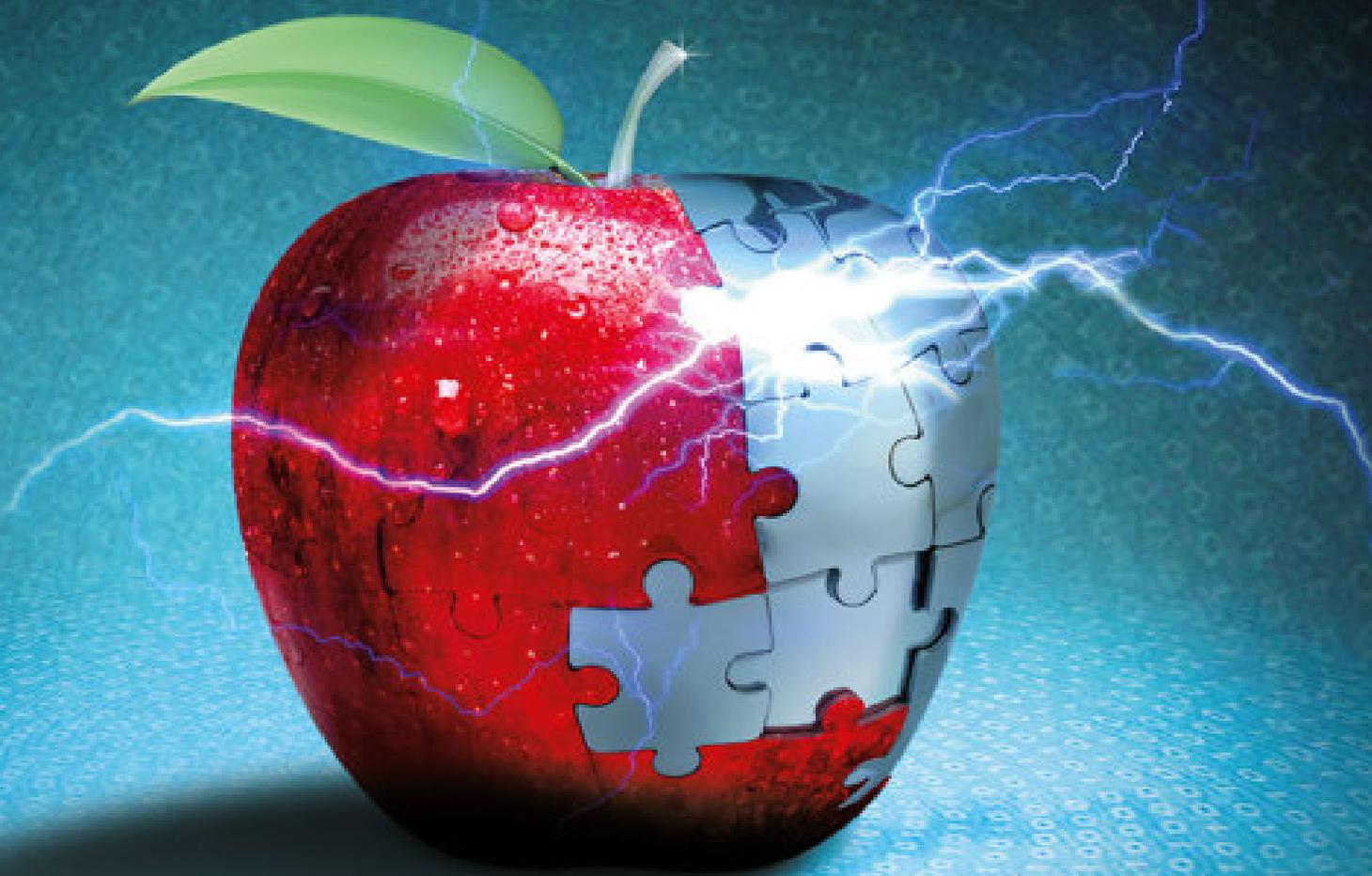


QUANDO NENHUM NAMORADO É  
PERFEITO, CONSTRUA O SEU.



# EVE & ADAM

MICHAEL GRANT  
KATHERINE APPLGATE



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1 Eve](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3 Solo](#)

[Capítulo 4 Eve](#)

[Capítulo 5 Solo](#)

[Capítulo 6 Eve](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8 Solo](#)

[Capítulo 9 Eve](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11 Solo](#)

[Capítulo 12 Eve](#)

[Capítulo 13 Solo](#)

[Capítulo 14 Eve](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18 Solo](#)

[Capítulo 19 Eve](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22 Solo](#)

[Capítulo 23 Eve](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25 Solo](#)

[Capítulo 26 Eve](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29 Solo](#)

[Capítulo 30 Adam](#)

[Capítulo 31 Eve](#)

[Capítulo 32 Adam](#)

[Capítulo 33 Eve](#)

[Capítulo 34 Solo](#)

[Capítulo 35 Eve](#)

[Capítulo 36 Adam](#)

[Capítulo 37 Eve](#)

[Capítulo 38 Solo](#)

[Capítulo 39 Adam](#)

[Capítulo 40 Eve](#)

[Capítulo 41 Solo](#)

[Capítulo 42 Eve](#)

[Capítulo 43 Eve](#)

[Agradecimientos](#)

# EVE & ADAM



MICHAEL GRANT  
KATHERINE APPLGATE

*Tradução*  
Carolina Caires Coelho



Título original: *Eve & Adam*  
Copyright © 2012 by Michael Grant and Katherine Applegate  
Publicado sob acordo com Feiwel & Friends.  
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito  
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:  
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Applegate, Katherine

Eve e Adam / Katherine Applegate e Michael Grant ; tradução Carolina Raquel Caires Coelho. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: *Eve and Adam*.

ISBN 978-85-8163-442-5

1. Ficção norte-americana I. Grant, Michael. II. Título.

14-08701 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

[www.grupoeditorialnovoconceito.com.br](http://www.grupoeditorialnovoconceito.com.br)

*Para Jean Feiwel*

*amigo*

*visionário*

*responsável*

# 1 Eve

**E**stou pensando em uma maçã quando o carro me atinge e minha perna fica toda ferida e minhas costelas se quebram e meu braço não é mais braço, mas algo irreconhecível, molhado e vermelho.

Uma maçã. Estava na barraca de frutas da feira perto de Powell. Eu a notei porque estava tão estranhamente deslocada, uma McIntosh vermelha e vibrante em meio a um monte de Granny Smiths verdes, comuns.

Ao morrer — e eu percebo isso quando voo pelo ar como um pássaro ferido —, você deveria estar pensando no amor. Se não no amor, pelo menos você deveria estar repassando seus pecados ou tentando entender por que não atravessou na faixa de pedestre.

Mas não deveria estar pensando em uma maçã.

Escuto o barulho dos freios guinchando e os berros assustados antes de eu cair na calçada. Ouço meus ossos se partirem, se quebrarem. Não é um som agradável, mais delicado do que teria pensado. Faz com que eu me lembre dos sinos de vento de nosso quintal.

Várias pernas param ao meu redor. Entre as canelas finas de um mensageiro de bicicleta, consigo ver o 30% DE DESCONTO, SÓ HOJE do cartaz na loja Lady Foot Locker.

Eu deveria estar pensando no amor agora — não em maçãs, e muito menos em um par de tênis Nike novo — e, então, paro de pensar totalmente porque estou ocupada demais gritando.



Abro os olhos e a luz me cega. Sei que devo estar morta porque nos filmes sempre tem um túnel de luz forte antes de alguém morrer.

— Evening? Fique conosco, garota. Evening? Nome legal. Olhe para mim, Evening. Você está no hospital. Quem devemos chamar?

A dor toma conta de mim, e percebo que não estou morta afinal, apesar de desejar que estivesse, porque talvez, assim, eu pudesse respirar em vez de gritar.

— Evening? Você atende por Eve ou Evening?

Algo branco com manchas vermelhas me sobrevoa como uma nuvem ao pôr do sol. Ele me cutuca, aperta e murmura. Mais um, depois outro. São sérias, mas determinadas, essas nuvens brancas. Elas falam com poucas palavras. Pedacos, como eu estou em pedacos. *Vitais. Preparação. Avisar. Permissão. Grave.*

— Evening? A quem devemos avisar?

— Veja o telefone dela. Quem está com o maldito telefone dela?

— Não encontraram, só a identidade escolar.

— Qual é o nome da sua mãe, querida? Ou do seu pai?

— Meu pai morreu — digo, mas sai em gemidos agudos, uma canção que eu não sabia que conseguia cantar. Chega a ser engraçado, realmente, porque não sei cantar nada. Tirei C+ na prova do coral para iniciantes (e é uma nota bem ruim), mas aqui estou, cantando pra valer.

Seria ótimo estar morta agora. Meu pai e eu, só nós, não isto.

*A sala de cirurgia 2 está pronta. Não temos tempo. Agora, agora, agora.*

Estou presa como uma cobaia de laboratório, mas ainda assim estou me movendo, passando pelas nuvens vermelhas e brancas. Não sabia que conseguia voar. Tantas coisas descobri esta tarde que não sabia de manhã.

— Evening? Eve? Diga um nome, querida.

Tento voltar à manhã, antes de saber que as nuvens podiam falar, antes de saber que um desconhecido podia pegar sua perna decepada.

*O que eu faço com isto?*, ele havia perguntado.

— Minha mãe é Terra Spiker — canto.

As nuvens ficam em silêncio por um momento, e então eu voo da sala de luz clara.

A acordo e escuto uma discussão. O homem está fervilhando. A mulher está explodindo.

Eles estão fora de meu campo de visão, atrás de uma cortina verde e feia. Tento fazer o que sempre faço quando meus pais brigam, que é colocar os fones de ouvido e aumentar o volume para não ouvir nada, mas algo está errado. Meu braço direito não está me obedecendo, e, quando toco minha orelha com a mão esquerda, descubro uma faixa de gaze grossa na cabeça. Apareceram tubos compridos em meus braços e nariz.

— Ela é minha filha — a mulher diz —, e, se estou dizendo que ela vai embora, é porque ela vai embora.

— Por favor, preste atenção. Ela será sua filha de uma perna só se a senhora tirá-la daqui.

O homem está implorando e eu percebo que não é meu pai porque ele nunca implorava por nada — costumava fazer birra, na verdade; e também porque está morto.

— Tenho instalações superiores, os melhores funcionários da área médica. — A mulher finaliza esse comentário suspirando alto. Esse suspiro é a marca registrada da minha mãe.

— Ela está em estado grave na UTI depois de uma cirurgia de quatorze horas. Há uma grande chance de ela perder aquela perna, e a senhora quer tirá-la daqui? Porque é mais conveniente? Seus lençóis têm mais fios? Por quê, exatamente?

Eu me sinto bem, tranquila e desconectada, mas esse homem, que concluo que deve ser um médico, parece bem assustado em

relação a minha perna, que, por acaso, não está melhor do que meu braço.

Eu provavelmente deveria acalmá-lo, tirar minha mãe desse caso — quando ela está assim, a melhor coisa é se afastar e reestruturar —, mas o tubo que enfiaram na minha garganta me impossibilita.

— Não vou liberar essa paciente em nenhuma circunstância — o médico diz.

Silêncio. Minha mãe é a rainha das pausas dramáticas.

— O senhor sabe — ela pergunta, finalmente — qual é o nome da nova ala do hospital, doutor?

Mais silêncio. As contrações não param em meu corpo.

— Pavilhão da Neurogenética Spiker — o médico diz, por fim, e, de repente, parece derrotado, ou talvez esteja perdendo nos argumentos.

— Há uma ambulância esperando do lado de fora — minha mãe diz. *Xeque-mate*. — Acredito que o senhor vá liberar a papelada.

— Se ela morrer, a responsabilidade é sua.

As palavras que ele diz devem me incomodar, porque as máquinas começam a apitar como um alarme de carro.

— Evening? — Minha mãe corre para o meu lado. Brincos Tiffany, perfume Bvlgari, terninho Chanel. Mamãe, edição sexta casual.

— Querida, vai ficar tudo bem — ela diz —, tudo está sob controle.

Sua voz trêmula a trai. Minha mãe não hesita. Tento mexer minha cabeça um milímetro e percebo que talvez não esteja me sentindo tão bem, afinal. Além disso, o alarme não para. O médico está falando algo sobre minha perna, ou sobre o que restou dela, e minha mãe está com a cabeça afundada em meu travesseiro, com as suas unhas afundadas em meu ombro. Pode estar chorando.

Tenho certeza de que todos estamos perdendo o controle, e então, no meu outro ombro, sinto uma pressão firme.

É uma mão.

Sigo o caminho da mão ao braço, ao pescoço e à cabeça, mexendo apenas meus olhos, desta vez.

A mão é a de um rapaz.

— Dra. Spiker — ele diz —, vou levá-la para a ambulância.

Minha mãe funga em minha camisola. Ela se levanta e ergue os ombros. Está no controle de novo.

— O que diabos está fazendo aqui, Solo? — ela pergunta.

— A senhora deixou seu telefone e sua maleta quando recebeu o telefonema sobre o... — ele vira o rosto na minha direção — o acidente. Eu a segui em uma das limusines Spiker.

Não reconheço esse cara nem seu nome — porque, sério, quem se chama Solo? —, mas ele deve trabalhar para a minha mãe.

Ele olha para mim, além dos tubos e do pânico. Tem a aparência um pouco desleixada, com cabelos demais, barbeador de menos. É alto e tem ombros largos, tem boa forma física e é meio loiro. Olhos extremamente azuis. Minha classificação preliminar: skatista ou surfista, um desses dois.

Gostaria que ele tirasse a mão de mim, porque ele não me conhece e eu já estou tendo problemas com espaço, ainda mais com os tubos e o soro.

— Calma, Eve — ele diz para mim, o que acho irritante. A primeira frase que vem a minha mente tem um palavrão no meio.

Não estou a fim de fazer novas amizades.

Estou a fim de tomar uns analgésicos.

Além disso, minha mãe me chama de Evening e meus amigos me chamam de E.V. Mas ninguém me chama de Eve. Então, pronto.

— Por favor, reconsidere, Dra. Spiker... — o médico diz.

— Vamos logo com isso — diz o cara chamado Solo. Ele tem a minha idade, aproximadamente, talvez esteja no segundo ano do ensino médio, talvez no último. Se ele realmente trabalha para a minha mãe, deve ser estagiário ou um prodígio. — A senhora vai na ambulância, Dra. Spiker?

— Não. Só Deus sabe que microrganismos estão naquilo. Meu motorista está esperando — minha mãe diz. — Preciso dar alguns telefonemas e duvido que a parte de trás da ambulância seja o lugar certo. Encontro você no laboratório.

O médico suspira. Ele aperta um botão e os aparelhos param.

Minha mãe beija minha têmpora.

— Vou montar tudo. Não se preocupe com nada.

Pisco para mostrar que, realmente, não estou preocupada com nada. Nem com a morfina, que está perdendo o efeito.

Solo entrega a minha mãe a maleta e o telefone. Ela desaparece, mas consigo ouvir o bater de seus saltos Jimmy Choo.

— Megera — o médico diz quando ela se afasta. — Não gosto nada disso.

— Não se preocupe — Solo diz.

*Não se preocupe.* É, você não precisa se preocupar, gênio. Vá embora. Pare de falar comigo ou sobre mim. E tire sua mão de mim, estou enjoada.

O médico checa um dos soros.

— Hum! — ele murmura. — Você é médico?

Solo esboça um sorriso meio irônico.

— Só um curioso, doutor.

Solo pega meus pertences e minha mochila. De repente, eu me lembro de que tenho lição de biologia para fazer. Um trabalho sobre

a Primeira Lei de Mendel. *Quando dois organismos se reproduzem sexualmente, o filho deles herda, aleatoriamente, um dos dois alelos de cada pai.*

Genética. Gosto de genética, das regras, da ordem. Minha melhor amiga, Aislin, diz que é porque eu sou controladora. Tal mãe, tal filha.

*Tenho muita lição de casa, sinto vontade de dizer, mas todo mundo está fazendo alguma coisa. De repente, penso que meu trabalho de biologia vai deixar de ser importante se eu morrer.*

Acredito que a morte esteja na lista de desculpas aceitáveis para não fazer a lição de casa.

— Você vai ficar bem — Solo diz para mim. — Vai estar correndo dez quilômetros em pouco tempo.

Tento falar.

— Oh! — digo.

Pois é. Não consigo falar palavrão com o tubo em minha boca.

E então, penso: como ele sabe que eu gosto de correr?

## 3 Solo

**P**ronto. Essa é a filha da chefe.

Eu havia visto fotos dela, claro. Não se pode entrar no escritório de Terra Spiker sem ver fotos da sua filha. A minha preferida é aquela em que Eve está atravessando a linha de chegada, toda suada e vermelha, com um sorriso de matar.

Olho para baixo, para a maca. Eve tem um hematoma bem grande embaixo dos dois olhos. Ainda assim, dá para ver a semelhança com a mãe. Maços do rosto altas, olhos grandes e profundos. Alta, esguia.

Mas as semelhanças param por aí. Terra é a megera de gelo: cabelo loiro quase branco, olhos cinzentos e calculistas. Eve...bem, ela é diferente. Seus cabelos são loiros dourados, e os olhos são castanho-claros.

Pelo menos, tenho certeza de que são castanhos.

Estão um pouco inquietos no momento.

Não tem muito espaço no banco estreito na parte de trás da ambulância. Quase saio voando quando eles partem da sala de emergência e acionam a sirene.

Sorriso.

— Pisa fundo, amigo — grito ao motorista.

O médico que está sentado do outro lado da maca de Eve me olha como se dissesse *que diabos é isso?*

Sei que parece estranho me divertir neste momento, mas mesmo assim: escutar a sirene que corta o silêncio das ruas de São

Francisco enquanto todos os outros carros abrem caminho? Muito legal.

Além disso, Eve vai ficar bem.

Eu acho.

Chegamos à ponte em pouco tempo. A ponte. A Golden Gate, ainda a melhor, nunca me canso dela. Às vezes, fico sonhando acordado e pensando em como seria legal deslizar pelo cabo. Sim, certamente a queda seria longa e a morte, horrorosa. Mas antes disso seria maravilhoso.

Eu me sento com os cotovelos apoiados nos joelhos, tentando curvar os ombros um pouco. Tenho ombros bonitos, posso mostrá-los. Sei que ela está me olhando. Bacana, porque também estou de olho nela.

— Aiiiiiiiiiiiiiiii!

Eve grita de repente. Está com dor. Muita dor. Então, pode ser que ela não esteja olhando para mim, não.

— Doutor, pode ajudar esta garota? — pergunto.

Ele se inclina para checar o soro. Ele está dobrado, o fluxo foi interrompido. O médico acerta o tubo e cola fita adesiva para mantê-lo no lugar.

— Ela vai melhorar em um segundo.

— Legal — digo. Eu me inclino para mais perto dela para que me escute. — Consegui fazer com que ele libere a morfina — digo, falando alto e lentamente.

Os olhos dela se viram na minha direção. Não parecem focar muito bem. E, por um segundo, eu penso: nossa, e se eu estiver enganado? E se ela morrer?

De repente, parece que quero chorar. Não vai acontecer, claro — não vou chorar —, mas sinto uma onda repentina de tristeza.

Afasto essa sensação da melhor maneira possível. Mas, quando você começa a ver a Dona Morte de perto, é difícil se acalmar.

— Não morra, está bem? — digo.

Os olhos confusos de Eve me procuram. Como se eu fosse um alvo e ela não conseguisse mirar em mim.

Então, eu me aproximo de novo e toco o seu rosto, virando a sua cabeça para mim. Infelizmente, apoio minha mão na perna errada — e Eve grita junto com o médico.

E isso impossibilita que eu diga algo para confortá-la: *Não se preocupe, eu vi umas coisas. Eu sei sobre algumas coisas.*

*Sua mãe tem poderes.*

*Ela não vai permitir que você morra.*

O peração? Que operação?

Eles me contam que durou quatorze horas.

Eu não estava presente. Estava em uma paisagem estranha de sonhos, pesadelos e lembranças — com um pouco de compras no meio.

Tenho certeza de que eu e a Aislin caminhávamos pelo shopping Westfield Mall, no centro, na Market Street. Claro, pode ter sido um sonho. É difícil saber a diferença quando seu sangue recebe a droga que eles usam para separar a consciência de seus sentidos.

Meu novo médico, aquele que chegou com a ambulância particular, está usando um avental de laboratório no qual se lê:

Dr. Anderson

Spiker Biopharmaceuticals

Criando vidas melhores

É um negro estiloso. Poderia estar arrumando meus cabelos, não checando meu pulso.

Solo fica olhando para mim. Não é um olhar do tipo *ela já era*. Mais parece que ele é um antropologista que descobriu uma tribo nova no coração da Amazônia.

A estrada estava um pouco esburacada até aqui, mas descobri que posso suportar a dor, me distrair quando ela chega e depois vai embora. Se você pensar em alguma coisa, qualquer coisa, não é tão ruim.

O fato de conseguir pensar, sendo que minha perna foi, há pouco, arrancada e colada de novo, é um milagre, e eu me sinto grata pelos pensamentos aleatórios que passam pela minha cabeça.

### ***Coisas nas quais penso, Lado A:***

Que consegui um B em meu relatório oral na aula de biologia, o que é uma droga, porque vai diminuir minha nota, e talvez minha nota geral, o que significa que não vou conseguir entrar em uma faculdade decente, e que nunca vou escapar das garras de minha mãe pirada, e eu sei que isso não importa no plano geral das coisas, ainda mais agora, mas não é essa a questão, certo?

Tenho certeza de que a professora Montoya diminuiu minha nota por causa da minha introdução: “Meninos têm mamilos”. Talvez tenha sido novidade para ela.

Foi uma atitude arriscada, eu sei, mas, quando se está no segundo período e você é o primeiro a falar, e o Red Bull acabou de acionar uma série de neurônios, você faz o que tem que fazer.

Há vinte alunos na minha sala. Quando fui prender meu iPad no projetor, diria que somente oito dos quarenta olhos estavam voltados para mim.

Depois da frase inicial, os trinta e nove olhos se viraram. Jennifer tem um olho preguiçoso, por isso eu nunca conseguiria os quarenta.

— Por quê? — perguntei. Mostrei o primeiro slide, que era do peito de um garoto. Era um belo peito, e eu sabia que chamaria a atenção de nove garotas heterossexuais e um garoto gay.

Foi uma artimanha fraca, mas sexo vende. Sempre vendeu e, no contexto de um dia de relatório chato, da aula chata de biologia no décimo primeiro ano da chata Bay Area School of Arts and Sciences, aquele peito foi o ideal.

Do modo como organizei a apresentação, veríamos aquele slide mais duas vezes. Também veríamos moléculas de DNA, um vídeo sobre dinossauros demonstrando o conceito da sobrevivência dos

mais fortes — porque, sério, não existe momento ruim para mostrar a alunos entediados um pouco de violência entre dinossauros — e os gráficos, números e equações, coisas inevitáveis que me renderiam uma nota decente. E peito para manter o público.

Pensei que tivesse acertado.

Errei.

Certo, exagerei um pouco. Mas mesmo assim. Um B depois daquele tanquinho?

### ***Coisas nas quais penso, Lado B:***

Como eu conseguiria afastar o namorado nojento da Aislin depois da aula, e por isso eu estava lendo a última mensagem de texto dela quando aquela maçã fora do lugar chamou a minha atenção, e por isso eu não estava olhando por onde andava, e por isso estou agora dentro de uma ambulância com um médico cabeleireiro e um cara com um sorrisinho idiota que nunca sai do rosto.

### ***Coisas nas quais penso, Lado C:***

Que eu tinha perdido a formatura de novo (tive um compromisso: organizar minha gaveta de meias enquanto assistia a Jon Stewarts no meu laptop). Aislin diz que não perdi nada: foi um desperdício total de boa bebida. Mesmo com as revistas e os seguranças, ela conseguiu pegar três garrafas de vodca de limão.

### ***Coisas nas quais penso, Lado D:***

Não consigo entender o negócio com o tal do Solo. Minha mãe o está usando como substituto? É o trabalho dele?

### ***Coisas nas quais penso, Lado E:***

Os olhos de Solo têm um toque de *não mexa comigo*. Seria difícil desenhá-los, mas, por outro lado, nunca consigo acertar os rostos mesmo.

Na semana passada, durante o desenho de modelo vivo, a Sra. Franklin perguntou se eu já tinha pensado em me formar em artes em vez de biologia. Pedi uma nova borracha a ela.

***Coisas nas quais penso, Lado F:***

Que Solo tem cheiro de mar, e eu sinto quando ele se inclina e mexe nos meus cabelos.

***Coisas nas quais penso, Lado G:***

Que Solo, quando acaricia meus cabelos, começa a batucar no meu tanque de oxigênio, com muita habilidade.

***Coisas nas quais penso, Lado H:***

Que eu posso nunca mais correr.

## 5 Solo

**P**aramos na Spiker Biopharm. Está localizada na parte de trás da península de Tiburon, do outro lado da Golden Gate, descendo por umas estradas ventosas. Conforme você sobe, não é assustador nem nada, porque a estrada naquele ponto está cerca de 60 metros acima do nível do mar, e o complexo Spiker é mais vertical do que horizontal. Ele se espalha pela ladeira íngreme da estrada acima da água. E é grande. Da água, parece que a Cidade de Oz teve um bebê gigante com uma daquelas lojas grandes da Apple.

O lugar encontra-se rodeado por três pilares enormes, e cada um deles é um elevador. Ligando os três, há uma construção do tipo zigurate com varandas, espaços abertos e andares inteiros dedicados a jardins, quadras de vôlei de praia e uma piscina.

É, sem dúvida, um lugar ótimo para trabalhar. Claro, se você conseguir tolerar algumas das pessoas.

E a primeira pessoa mais insuportável de todas é a própria chefe, Terra Spiker. Conhecida no lugar como Terror Spiker.

Isso, para mim, é a maior dica que alguém poderia dar: se você vai batizar sua filha de Terra, e se ela crescer e se tornar uma bruxa louca, as pessoas vão começar a chamá-la de "Terror".

Pela maneira como o complexo foi construído, os andares são maiores embaixo e menores em cima. O andar de baixo, o Piso Um, é o maior espaço, a Divisão de Pesquisa de Doenças. Lá, eles se concentram nas doenças menos populares e cuja cura não vai enriquecer ninguém.

Podemos dizer também que Terra fez um baita trabalho ali, no Piso Um. E também em relação à cura de pessoas que estavam sendo comidas vivas por parasitas ou germes e que ainda estão vivas. Porque Terra Spiker disse:

— Que se danem os lucros, estamos investindo um bilhão de dólares para acabar com essa doença.

O motivo pelo qual ninguém investiga a Spiker Biopharm com seriedade? Exatamente pelo que acontece ali no Piso Um, isso sim. Porque a psicomegera salva muitas vidas.

Por outro lado, muitas pessoas pensam em investigar a Spiker pelo que acontece nos Pisos Sete e Oito.

Eu vivo no Piso Quatro. Meus pais, Isabel e Jeffrey Plissken, eram sócios de Terra há muito tempo, quando só tinham um IBM quebrado, algumas placas de Petri e um sonho.

Não me lembro deles.

Poderia dizer que Terra me criou, mas isso não estaria certo. Ela não é uma mãe para mim. Ela me dá um lugar para viver, estudo e um emprego no laboratório.

Ela me tolera.

E nem sequer faria isso se soubesse.

## 6 Eve

Uma porta de aço se abre e entramos em uma garagem iluminada. Dois homens e uma mulher, vestidos com aventais pretos de laboratório, como o do Dr. Anderson, estão esperando por mim. Tenho uma caravana.

— Ela está estável — o Dr. Anderson comenta —, está indo bem — e os outros três parecem surpresos. Eles murmuram termos médicos que não consigo decifrar.

Sou levada para dentro de um longo túnel de azulejos brancos. Solo me acompanha caminhando.

Chegamos a um elevador grande de vidro. Cada membro do grupo para diante de uma lente na parede.

— Scanner ótico — Solo explica quando uma luz verde se acende para ele.

Eu estive no escritório de minha mãe apenas algumas vezes (ela diz que misturar a casa com o trabalho é a mesma coisa que misturar cerveja com Sprite). O complexo é visualmente bonito, ou pelo menos foi o que a *Architectural Digest* disse: “Frank Gehry turbinado”. Quando se olham as fotos de cima, dá para ver mais seguranças do que no Pentágono. Até mesmo os portões de segurança têm portões de segurança.

É o tipo de prédio comum de encontrar no Vale do Silício, não em Marin. Mas a Spiker Biopharm é um tipo diferente de empresa, minha mãe gosta de dizer, e acho que é por isso que ela decidiu montá-la em um lugar diferente.

“Diferente” seria a palavra dela, mas outras pessoas já disseram coisas piores. No que diz respeito a empresas farmacêuticas, a Spiker é o motoqueiro bad boy que seu pai não quer que você namore. Percebi isso pela primeira vez no quinto ano, quando a Sra. Zagarenski entregou uma ficha pedindo aos pais que dessem palestras para a Semana da Carreira. Ela enviou um bilhete para a casa de todo mundo, menos para a minha (“sua mãe é muito ocupada, querida”), e eu me liguei. Até Danny Rappaport recebeu um bilhete, e todos sabemos que o seu pai administrava a maior fazenda de maconha em Mendocino.

O elevador sobe ao sexto andar. A porta se abre e revela um hall de tirar o fôlego. Mármore, vidro, aço, fonte. Parece o Ritz-Carlton, para onde meu pai costumava ir quando as brigas duravam muito.

Fico tentando imaginar quando a recepcionista vai aparecer e, de repente, ali está ela.

— Querida — minha mãe diz —, bem-vinda ao meu mundo. — Envolvendo-me em um abraço perfumado, ela fala mais baixo, num sussurro, e acrescenta: — A mamãe vai resolver tudo.

Ela me leva por portas de vaivém e, de repente, estamos em um hospital.

O Dr. Anderson tem muitos assistentes: especialistas, enfermeiras, técnicos, mas, até onde sei, só um paciente. Eles ficam surpresos ao me verem bem. Todo mundo quer ver meu braço ferido, inchado como uma salsicha que cozinhou demais. Fico sabendo que meu baço, ou seja lá o que for, se rompeu. Além disso, perdi uma costela.

— Você nunca vai sentir falta dela — o Dr. Anderson me garante.

Mas a estrela do dia é minha perna costurada com os pontos do Frankenstein. Minha mãe está bem interessada — justo ela, que sempre fez meu pai colocar curativos nos meus ferimentos porque não gostava de ver sangue. Minha camisola é um guardanapo enorme, que mal cobre o essencial. Eu ficaria muito envergonhada se não estivesse tão drogada. Felizmente, parece que Solo ficou no hall.

— Milagre — a enfermeira diz.

Para mim, parece bem assustador, o sangue, a gaze, mas tenho que admitir que não estou me sentindo tão mal como estava algumas horas antes. A dor passou de insuportável para latejante. E, quando eles finalmente retiram o tubo de minha garganta, a primeira coisa que digo é “estou com fome” em um sussurro, o que causa risos e aplausos.

Um dos enfermeiros, um cara mais velho com barba grisalha aparada, me apresenta o quarto como um carregador de malas que quer ganhar gorjeta. Wi-fi! TV de tela plana! Mármore italiano! Suporte para aquecer a toalha!

— Você precisa de alguma coisa? — minha mãe pergunta. — Pedi para pegarem seu pijama e roupão em casa.

Procuro me concentrar.

— Meu laptop. Minha camiseta *Titus Andronicus*, sabe? A azul. Talvez um pouco de remédio.

— Você não vai precisar de seu laptop.

— Sabe onde está meu telefone? — pergunto. — Preciso telefonar para a Aislin. Acho que aquele rapaz... Solo? Eu acho que ele disse que alguém entregou.

Um sorriso amarelo. Minha mãe não gosta da Aislin. Ela tolera minha amiga do mesmo modo que tolerava meu porquinho-da-índia. Acho que isso se deve ao fato de Aislin ter estragado nossa cadeira sueca de massagem ao vomitar o Mojito que tinha tomado, mas Aislin acha que a porca torceu o rabo quando ela sugeriu uma cura para as dores de cabeça de minha mãe. Acredito que a frase “procure tomar” pode ter sido dita.

— Derek, veja se Solo está com o telefone da minha filha. — Um técnico sai depressa da sala e, momentos depois, Solo aparece, trazendo uma sacola de plástico.

— Alguém devolveu seu celular — ele diz. — E também seu caderno de desenhos. Está meio sujo. Mas nada de mais.

— Obrigada — digo. Minha voz se parece com a da minha tataravó depois de seu Marlboro mentolado da noite.

— Eu fico com ele — minha mãe diz, mas, por algum motivo, Solo se recusa a soltar meu caderno. Ela puxa e o caderno cai no chão.

Quando Solo se abaixa para pegar, o caderno está aberto em um desenho no qual trabalhei por várias semanas para a aula de “figuras humanas”. Temos que desenhar uma pessoa, sem ter um modelo ou foto.

*Fácil*, pensei.

Acontece que: não é tão fácil.

Solo olha para o desenho. Começou como o rosto de um cara de perfil. Não uma lembrança, apenas algo que me ocorreu. A maior parte deles é formada por linhas, ângulos, planos. Um Picasso da pré-escola.

É bem ruim.

Solo observa e olha para mim.

— Interessante — minha mãe diz sem olhar. Ela fecha o caderno e o entrega a um assistente.

Minha mãe não gosta de arte, nem da minha nem de ninguém, provavelmente porque meu pai era artista.

“Austin era um escultor falido”, ela gosta de dizer, e sempre para um pouco nessa parte, erguendo uma sobrancelha delineada por uma profissional, “mas era um fracassado talentoso”.

— Então, você é artista — Solo diz.

— Ela é uma paciente — minha mãe responde —, e precisa descansar.

— Certo. — Solo entrega meu telefone a ela.

— Não — digo rapidamente. — Pode checar as mensagens primeiro? A senha é 0123.

— Impenetrável. — Solo verifica minhas mensagens. — Aislin quer saber “que diabos! Você morreu ou o quê? Por favor, por favor, por favor, telefone”.

— Você não ligou para ela? — pergunto para a minha mãe. — Ela deve estar tão...

— Estive um pouco ocupada, querida — minha mãe diz rapidamente. — Vou pedir para alguém telefonar para ela, avisar que você está bem.

Percebo que ela está planejando se esquecer daquilo.

— Pode fazer isso? — peço a Solo. Não o conheço bem, só sei que ele ainda está segurando meu telefone.

— Claro. Sem problemas. — Ele toca a tela. — Pronto. Não se preocupe. Tenho memória fotográfica.

— É mesmo? — pergunto vagamente. De repente, eu me sinto muito cansada.

— Apenas para as coisas importantes — Solo responde.

Ele olha para a minha perna, e então para o meu peito. Não sei bem se está olhando para meu braço achatado ou para meus seios (também achatados), mas, de qualquer forma, não estou adequadamente vestida.

Ele olha nos meus olhos por um momento. Então, entrega meu celular para a minha mãe e passa pelo meu fã-clube, que está ao lado de minha cama.



**A**cordo horas depois, saindo do efeito do Vicodin. Estava escuro, mas meu quarto está iluminado por uma luz fraca e amarela. Se eu estreitasse os olhos, poderia me imaginar em um restaurante romântico. Ou em um encontro muito ruim.

A primeira coisa que vejo é Solo, muito atento ao iPad que eles usam no lugar da velha prancheta de médico. Não é a concentração de alguém tentando entender algo. É a concentração de um cara confirmando algo de que ele já desconfiava.

Ele percebe quando me mexo. O iPad volta para o pé da minha cama, e ele sorri para mim. Está disfarçando. Fazendo cara de inocente.

Eu penso: *Cara estranho que eu realmente não conheço, você não sabe que nada é mais suspeito do que um olhar inocente?*

Antes que eu possa dizer alguma coisa, Solo sai pela porta. Segundos depois, uma enfermeira chega. Eu não a vi antes, por isso imagino que trabalhe no turno da noite.

Fecho os olhos, fingindo dormir. Não estou a fim de conversar.

Ela confere o curativo em minha perna. É um baita curativo. Delicadamente, ela começa a cortar o esparadrapo e a gaze e a pressionar. Não me machuca, mas também não me deixa contente.

— Ai, meu Deus! — ela diz.

Ela abriu o curativo e a primeira reação é chamar uma divindade.

Eu arrisco para ver o horror!

Ela não está olhando para mim, e sim para a minha perna. E não está exatamente horrorizada.

Está surpresa. Está emocionada. Está vendo algo que não esperava e não consegue acreditar que possa ser verdade.

Tenho medo de olhar, porque sei que algo deve estar muito errado.

Ou, possivelmente, muito certo.

## 8 Solo

O complexo Spiker tem uma academia incrível. Sempre pegam no pé de todo mundo para que mantenham a forma. Não preciso que peguem no meu pé e não preciso ser treinado. Preciso é que me deixem sozinho.

Corro na pista de dentro. Corro descalço; eu prefiro. As solas dos meus pés fazem um som diferente, nem um pouco parecido com o som feito por aqueles tênis de corrida de trezentos dólares, resmungando enquanto a borracha de impacto faz o seu trabalho. Meus pés são quase silenciosos.

Eu corro e faço musculação, os agachamentos, tudo isso. Gosto de musculação — ela é específica. Não há enrolação na musculação; ou você levanta aquele peso de trinta e cinco quilos ou não. Sim ou não, nada de mais ou menos.

Depois da musculação, eu vou para a sala escura e fedorenta ao lado, onde estão os sacos de pancada. O resto do complexo da academia é impecável e aberto.

A sala de boxe — bem, há algo cru no esporte que se destaca, ainda que o designer contratado tenha insistido em acrescentar um tom agradável verde-petróleo para as cordas do ringue.

O Pete está ali, pronto.

Às vezes, luto com ele. Pete é mais velho do que eu, talvez tenha uns vinte e cinco anos. Nunca perguntei. Mas ele é um dos nerds, por isso nos damos bem. Falamos sobre coisas de nerd, ou falaríamos, se não estivéssemos com protetores de boca e dando socos um no outro.

Pete não é tão rápido quanto eu, e parece mais calmo também. Mas, caramba, quando ele bate, é pra valer. Você sente o golpe e tem que assimilá-lo enquanto seu cérebro gira dentro de seu crânio tentando reconectar todos os fios.

Eu adoro isso.

É bem doido o fato de eu gostar de apanhar. Mas eu gosto. Você leva um soco no lado da cabeça, um golpe que dá a impressão de que sinos tocam em seu ouvido, e então você volta, ainda meio grogue. Para mim, é um dos melhores momentos da vida.

Bata em mim. É sério, bata com força. Transforme meus joelhos em geleia.

E eu recebo o golpe e rebato? Extraordinário.

Estou acabado e coberto de suor. Desde os cabelos até os pés, molhado, ofegante, sorrindo, tentando imaginar se vou voltar a sentir o lado esquerdo de meu rosto.

— Fracote — Pete diz.

— Molenga — respondo.

— Não me sinto bem batendo numa menininha.

— Não se sinta mal, Pete. Continue tentando e pode ser que um dia você aprenda a dar um golpe de gente.

Com a troca de provocações de sempre, nós marcamos o encontro para depois de amanhã. Pete segue para o chuveiro da academia; eu sigo para meu quarto.

Meu quarto, meu lugar, meu espaço. Fica no Piso Quatro, onde a Spiker mantém quartos para cientistas e visitas importantes. Alguns desses quartos são incríveis. O meu não faz jus à palavra "incrível", mas não é ruim.

De qualquer forma, esse lugar é um baita avanço em relação ao colégio interno em Montana, para onde Terra me mandou depois que meus pais morreram. Um tipo de escola para criança-problema chamada Distant Drummer Academy. Eu não tinha problemas — a

menos que você considere o fato de eu ter virado órfão do dia para a noite — e não estava no ensino médio, mas Terra me deu um bom diagnóstico de transtorno desafiador opositivo. E uma boa doação.

Durei oito dias ali.

Depois que me expulsaram, Terra me deu duas opções: morar na casa dela ou na Spiker.

Nós dois sabíamos qual eu escolheria.

Tenho um quarto de solteiro, mas é grande o bastante para comportar uma cama queen size e um sofá, televisão, mesa, pufe e uma minicozinha. Com exceção dos dois porta-retratos em minha mesa, ele é impessoal como um quarto de hotel. Gosto assim.

Mal vejo as fotos. Tem uma dos meus pais sorrindo ao receberem um prêmio, minha mãe com um vestido verde brilhante, meu pai de smoking. E, na outra, eu e minha mãe lendo um livro juntos. Estamos em um tipo de sala de estar, sentados em cadeiras laranja de vinil. Não lembro onde era nem por que estávamos ali.

Mas não me lembro de muita coisa.

Ao lado da minicozinha, há um banheiro pequeno. É onde eu tiro a roupa, me ensaboo e me enxáguo.

É onde começo a pensar na garota.

Como se eu não soubesse o nome dela: a garota. Por favor, Solo. Eu sei o nome dela. Evening. E.V. para os amigos dela.

Eve.

Tem um problema com esse nome, Eve. Você diz “Eve”, pensa em Eva e pensa no Jardim do Éden, e então pensa em Eva e Adam, nus, mas com as partes adequadamente escondidas por folhas estratégicas.

Mas, neste momento em especial, meu cérebro não está registrando folhas.

Então, basicamente, é desprezível. A garota teve a perna decepada. Acabou de fazer uma cirurgia. Assim, eu acrescento as folhas. Mas elas não param quietas. São folhas que se mexem. São folhas que desaparecem.

Não é certo da minha parte. Entro embaixo dos dois jatos de água e lavo o corpo com água quente. Talvez devesse usar água fria. Mas não quero.

— É esse o problema com você, cara — digo, falando sozinho. — Você é péssimo fazendo coisas que não quer fazer.

Não me sinto mal falando comigo mesmo.

Com quem mais posso falar?

Solo não é só um nome, é uma descrição. Não tenho amigos. Tenho alguns na internet, mas não é a mesma coisa.

Nunca tive uma namorada.

Quando toquei Eve, ela foi a primeira garota que toquei desde que vim para cá, há seis anos. A menos que você considere cientistas mulheres, técnicas e funcionárias de escritório em quem esbarrei sem querer nos corredores.

Às vezes, eu as considero. É um comportamento humano normal considerar o que você quiser considerar.

— Reaja, cara — eu digo a mim mesmo, baixinho. — Ela é uma Spiker. Está ao lado da inimiga.

Os microfones não captam o que eu digo com o chuveiro aberto. Sei dessas coisas. Apesar de não ter que saber. Vivo aqui há seis anos. Eu sei. Sei de tudo.

E sei o que vou fazer com isso.

Assim que a Eve for embora.

## 9 Eve

**T**rês diazinhos, mas, ah, meu Deus, que dias compridos!

O tempo é relativo. Uma hora que passamos observando a tinta secar é muito mais longa do que uma hora recebendo massagem.

E é exatamente o que está acontecendo. Estou recebendo uma massagem de Luna, a massoterapeuta.

Luna não toca Na Perna.

Na minha cabeça, A Perna tem letra maiúscula porque minha vida parece girar ao redor Da Perna agora. Todas as pessoas que encontrei nos últimos dias me perguntam sobre A Perna.

*Como está?*

*Como está A Perna?*

*A Perna está presa. Obrigada por perguntar. Ali está A Perna. Está à mostra, sempre descoberta, apesar de ainda estar tão enfaixada que parece que peguei A Perna emprestada de alguma múmia do Egito.*

*Como está A Perna?*

*Está meio mumificada, obrigada.*

Tive um sonho no qual A Perna não estava mais presa. Não foi um sonho bom. Eu me assustei. Tento ser firme, forte e durona a respeito dela, mas é sério: eu senti medo.

— Preciso da Aislin — digo a minha mãe.

— A Aislin é uma vagabunda que só bebe — ela responde, sem desviar os olhos do laptop.

Isso é diplomático para ela.

Decido mudar de assunto.

— Em que está trabalhando?

Com esforço, ela desvia os olhos da tela.

— Fluff. Um projeto para um dos bioquímicos.

— Fluff?

— Software educacional. Projeto 88715.

— Nome bacana. As crianças vão gostar.

— Hum! Hum! — ela responde olhando para a tela.

— Aislin não é uma vagabunda — digo. Não nego que ela curta beber. — Está em um relacionamento sério há meses. De qualquer modo, é minha amiga. Sinto falta dela.

— Converse com a massoterapeuta — minha mãe diz. Ela olha para Luna. — Quem é você? Converse com a minha filha.

Sinto Luna estremecer. Ela provavelmente tem cinquenta anos, uma haitiana muito bacana. Gosto da Luna. Ela não me machuca como os outros médicos.

Luna tem seis filhos. Estão na faculdade e um deles é corretor em San Rafael.

Quantas coisas tenho em comum com Luna? Nenhuma.

— Quero os meus amigos — digo.

— Pff, amigos, no plural? Desde quando você tem amigos no plural? Você tem uma amiga e ela é uma vagabunda que bebe.

— Eu me sinto sozinha. Não há nenhum outro paciente. A única pessoa por aqui que tem a minha idade é o Solo.

— Você não tem conversado com ele, não é? — minha mãe pergunta, fingindo um tom casual. Casual, assim como caloroso e simpático, não faz parte do repertório emocional dela.

— Não — minto, tentando entender por que ela quer saber.

Na verdade, eu o vi todos os dias desde que cheguei, passando pelo meu quarto com certa indiferença. Ele só falou comigo uma vez, para me dizer que telefonou para Aislin e disse a ela que não se preocupasse comigo.

Os olhos dele são surpreendentemente azuis.

Eu não deveria, mas pergunto:

— Quem é Solo, afinal? E por que ele está aqui?

Minha mãe me ignora. Ela tem maneiras diferentes de ignorar, e essa quer dizer que está escondendo algo. Ela acha que ninguém percebe, e talvez nenhum de seus seguidores perceba, mas eu tive dezessete anos para conhecer a cara de paisagem que ela faz.

Antes de poder pressioná-la para responder, o Dr. Anderson entra na sala, decidido. Ele sempre caminha de modo decidido, apesar de não parecer ser um homem de grandes decisões, ainda mais porque sou a única paciente.

— Como está a perna? — ele pergunta.

— A Perna está entediada — respondo. — A Perna quer saber por que não posso me recuperar em casa.

— Você está aqui há três dias, Evening! Está maluca? — minha mãe grita.

— É melhor eu ir — Luna diz timidamente, meio perguntando, meio torcendo para aceitarem.

— Fique — minha mãe ordena. — Acalme-a.

— Não preciso ser acalmada. Preciso da Aislin. Preciso *fazer* alguma coisa.

— Você precisa ir com calma, Evening — o Dr. Anderson diz. Ele tem dentes perfeitos e têmporas grisalhas como as de um modelo da Just For Men. — Esse tipo de recuperação se mede em meses, não em dias.

— Estou perdendo o fim do ano escolar. — Estou começando a sentir pena de mim mesma. — Tenho lição de casa, provas. Ai, droga, minha prova de biologia é na terça! E meu projeto “desenho de modelo vivo” é metade da minha nota no semestre.

— Você não pode desenhar — minha mãe diz. — Seus dedos estão amassados. Seu braço está muito ferido. — Ela para, mentalmente repassando o manual O Que As Mães Devem Saber. — Ela é destra, certo? — pergunta ao Dr. Anderson.

Ele assente discretamente.

— Pelo menos posso usar meu laptop? Posso digitar com a mão esquerda.

— Minha mãe olha para o próprio laptop.

Ela está tendo uma inspiração. Dá para ver nitidamente a lâmpada se acender sobre sua cabeça.

— Evening, tenho o projeto perfeito para você! Algo para mantê-la ocupada.

— Não quero um projeto. Quero passar algumas horas com Aislin. Quero que você mande alguém buscá-la.

Luna passou para a minha coluna lombar e, sério, minha vontade de brigar com minha mãe — mesmo que seja só para fugir do tédio — está diminuindo a cada movimento.

— Envolve a genética. — Minha mãe deixa o computador de lado e se aproxima de minha cama. — Você ama a genética. Eu até pagaria para você tomar conta desse projeto.

— Pagar?

— Por que não? Eu teria que pagar outra pessoa para testar. Quanto você quer? Cem dólares? Mil?

Minha mãe, senhoras e senhores: uma das empresárias mais importantes dos Estados Unidos. Não faz ideia do que seja um dólar.

— Quero dez mil dólares — digo.

O Dr. Anderson assente e aprova.

— É um bom número? — minha mãe pergunta. Ela faz a pergunta a Luna. — É um bom número?

— Senhora, eu não...

— Não importa — minha mãe diz. Faz um gesto brusco com a mão. — A questão é que eu tenho algo para manter você ocupada.

— Aislin vai me manter ocupada. Este é meu preço: Aislin. Você pode ficar com o dinheiro.

Ela bate os dedos de unhas recém-feitas. “Francesinha” duas vezes por semana. Cinco luas crescentes dançam sobre a minha cama. Ela suspira.

O Dr. Anderson examina uma mancha em seu estetoscópio.

— Uma visita — minha mãe diz finalmente. — Vou pedir para meus seguranças fazerem uma revista nela. Se ela trazer drogas ou bebida, vou confiscar tudo e os seguranças vão tirá-la daqui.

Imagino que seja exagero.

Então, olho para ela de novo, para a minha mãe, e tenho certeza de que tudo aquilo é verdade. Ela é a dona de uma empresa de um bilhão de dólares. Esse prédio é grande o bastante para abrigar um hospital, entre muitas outras coisas.

Será que minha mãe pode mesmo bater nas pessoas?

Talvez. Talvez possa.

Ela sorri para mostrar que não está falando sério. O sorriso me convence de que ela pode, sim, fazer essas coisas.

— Então, qual é o projeto? Quer que eu lave uns tubos de ensaio?

— Não, para isso temos pessoas como Solo — ela diz. — Você é uma Spiker.

Sinto um leve toque de pena de Solo. Eu estava pensando que ele pudesse ser um parceiro, mas ela está falando como se ele fosse um

empregado.

*Pessoas como...*

Muita benevolência nessas duas palavras.

— Será uma ótima introdução ao tipo de ideia e criatividade que exigimos na Spiker — minha mãe diz. — Vai ser desafiador, querida. Vai colocar para fora o talento que você tem escondido dentro de você. — Ela está se animando agora. As linhas em sua testa parecem mais suaves; seus olhos olham com ansiedade para o horizonte.

Ela faz uma pausa, esperando ter certeza de que estou prestando atenção.

— Quero que você, Evening, crie o garoto perfeito.

Luna para de massagear.

— Vou fazer isso com giz de cera? Ou massinha de modelar?

Minha mãe sorri de modo tolerante.

— Ah, acho que podemos fazer um pouco melhor do que isso. Você pode começar amanhã cedo. Se fizer, vou trazer sua amiguinha aqui amanhã à tarde.

— Acho que a Aislin tem aula de dança...

— Evening, quando eu vou buscar as pessoas, elas vêm.

— É aqui que você vai trabalhar. Brincar.

Minha mãe hesita, franze o semblante, percebe que isso dá marcas de expressão, e logo volta ao seu rosto normal.

- Brincar, trabalhar, chame como quiser.
- Desde que eu atinja o objetivo.
- Exatamente.

Solo está empurrando minha cadeira de rodas enquanto minha mãe vai na frente. No último minuto, o empregado que iria nos ajudar teve um ataque de cólica intestinal. Seu backup não pôde ser localizado.

Penso, por um milésimo de segundo, que Solo pode ter dado um jeito de estar aqui comigo. Talvez ele esteja tão desesperado por companhia como eu.

Solo empurra minha cadeira para uma estação de trabalho em formato de ferradura. É um espaço incrível, com teto alto e mobília com estofado de couro. Há uma enorme figueira perto da mesa. É repleta de luzes brilhantes e claras, provavelmente um resto do Natal passado. É estranhamente extravagante no ambiente claro e minimalista.

Não tenho tempo para admirar a decoração, porque estou ocupada demais olhando, boquiaberta, para o monitor de seis metros de altura, que vai do chão ao teto. Nunca vi uma tela tão grande. Tela de cinema.

Uma cadeia de DNA é mostrada no monitor. Não é uma imagem qualquer de um livro comum. E certamente não é igual ao modelo primitivo de hélice dupla que eu fiz no sexto ano com bolas de isopor e palitos de dente. Segundo a minha mãe: “O que somos? Arcaicos?”.

Essa coisa... essa coisa está pulsando com energia. Está viva.

— Esse é o projeto — minha mãe diz. — É o 88715.

— É real — murmuro.

— Não, é só uma simulação. Dá para ver o DNA, os cromossomos, dá para ir além... — Ela demonstra, passando um dedo pela tela *touch* que está montada na altura da cadeira de rodas. A imagem na parede se aproxima. — Agora você vê um cromossomo. Mais adiante, uma célula.

Solo prende minha cadeira de rodas e pega uma cadeira. Ele boceja. Fica claro que não está tão surpreso como eu.

— A melhor parte é que você pode usar quantas interfaces diferentes quiser. — Toque, toque, arrasta. — Esta é feita com peças de Lego, para crianças menores. Vê que há uma representação de Legos do DNA?

Minha mãe está contente, com a voz animada. Ela fica assim quando se empolga com uma ideia. E esse pequeno projeto — esse “fluff” — não é nada se comparado com o seu trabalho na descoberta de novos remédios. Quando está trabalhando em algo no qual se sente animada, ela se muda para o laboratório da Spiker durante dias, até semanas. Mais de uma vez ela voltou para casa com o rímel borrado, as unhas roídas e os olhos vermelhos.

Normalmente, é porque sua equipe errou. Mas, às vezes, e esta é uma situação mais comum, é porque eles acertaram.

— Você pode acrescentar ou tirar blocos — minha mãe continua. — Pode colocá-los por cima e ver como ficam. Ou... — toque, toque, toque — você pode ver cada elemento como uma bola colorida ou

como uma peça em um mosaico. Mas, de qualquer modo, pode ir adiante e ver o efeito.

— O efeito no quê?

— Na sua pessoa.

— Minha o quê?

— Sua pessoa. — Ela diz cuidadosamente. — Pes-so-a. A pessoa que você estiver criando.

Eu me inclino para a frente e A Perna se mexe um pouco.

— Parece até que você está falando sobre um ser humano de verdade.

Ela hesita e afasta uma mecha solta dos cabelos.

— Não seja ridícula. Claro que não é real. Isso seria ilegal. As multas seriam astronômicas. O governo provavelmente nos fecharia. Eu até poderia ser presa. Eu!

— Eu não...

— Não, não, não. Isso só dá aos alunos uma oportunidade de aprender a....

— A brincar de Deus? — pergunto.

Ela estrala os dedos.

— Exatamente, exatamente, exatamente. — Respira fundo. — Exatamente. Queremos capacitar a pessoa comum, uma pessoa como... como ele — ela olha para Solo —, a entender o que faz com que os seres humanos sejam... humanos. — Ela mexe a mão.

— “Como ele”? — repito.

— Você sabe o que eu quero dizer: alguém que não seja um cientista.

— Um mero mortal — Solo sugere.

— A burrice é relativa — minha mãe diz, ainda falando comigo. — E também é específica em cada caso. Thomas, o cientista mais diretamente responsável por este projeto, tem Q.I. de 169. E seu corpo também é todo coberto por tatuagens ridículas. Ele é muito bom em ciência. Você, Eve, é muito esperta na escola, principalmente com ciência, e muito burra na hora de escolher amigos.

— Ah, beleza — digo.

— O quê?

— Desculpa. Voltei para 2005.

Solo esboça um sorriso.

— A questão é: você consegue brincar de Deus.

— Posso jogar Portal em vez disso?

— Você joga Portal? — Solo pergunta.

— Já joguei — digo com cuidado. — Tudo bem pra você uma garota jogar Portal?

— Uma garota? — Ele está confuso.

— Sim. Na verdade, sou uma garota.

— Eu percebi — ele diz.

— Não, você não notou que ela é uma garota — minha mãe rosna. — Você notou que ela é minha filha.

Minha mãe olha para Solo, o mesmo olhar que já assustou muitos homens e mulheres. Ela está uma fera.

Mas Solo não está com medo.

Ah, ele finge estar intimidado, mas é mentira. Estou vendo com clareza. Ele está bem pouco intimidado. Na verdade, nessa encenação, tem algo mais profundo rolando.

— Sim, senhora — ele diz.

Ai, meu Deus. Ele a odeia.

Isso me assusta. Não acredito que estou vendo com meus olhos. Ele a odeia mesmo.

Sei lá, eu também odeio a minha mãe, às vezes. Mas sou a filha dela. É normal.

E há momentos, como agora, em que eu gosto dela um pouco. Pelo menos adoro o jeito como ela fala do seu trabalho.

Independentemente do que está rolando na cabeça de Solo, ele esconde depressa. Olha para o lado, para longe dela, e, quando volta a olhar, seus olhos estão tão distantes quanto um céu sem estrelas.

Ele tem cílios bonitos. Melhores do que os meus.

Procuo fazer algo. Levo a mão em direção à tela. Objetos na tela se movem.

— Então, vou fazer um ser humano — digo. — Eles são assim?

— Não, não. Isso seria um conjunto de pinturas por números. — Minha mãe sorri, mas não para mim. Está sorrindo para a imagem gerada no computador. — Não, se você vai brincar de Deus, grande parte da diversão está em formar o cérebro. A mente.

Ela dá um passo para trás. Levanta as mãos, formando um tipo de cesta de dedos. É um dos gestos dela. Ela o usa quando está lecionando.

— Estamos em um momento de mudança na evolução da espécie humana — ela diz, observando, com os olhos meio doidos, uma plateia imaginária. — A evolução tem seguido adiante sem parar. Agora, nós, o produto da evolução, estamos assumindo as rédeas. Estamos tomando o volante.

— São as rédeas ou o volante? — pergunto, fazendo uma gracinha, mas ela não presta atenção.

— Logo teremos a habilidade de planejar e criar o novo ser humano. Ainda será evolução, mas evolução guiada.

Faz-se uma longa pausa. Não tenho certeza absoluta de que ela esteja esperando aplausos.

— Claro — ela diz, diminuindo a empolgação — apenas nas simulações de computador.

Não sei aonde ela queria chegar com o discurso. Mas tenho certeza de que esse projeto parece interessante. A tela me chama. De repente, estou torcendo para que todo mundo desapareça e me deixe brincar.

— Acho que eu vou... sabe? Brincar um pouco com o programa — digo.

Minha mãe fica satisfeita. Solo está... bem, não sei direito.

Dez minutos se passam. Olho para a frente e estou sozinha.

Nem percebi quando eles se foram.



Olho para a minha primeira opção. Escolha que tenho que fazer antes de entrar nos detalhes da brincadeira: homem ou mulher?

Olho para o monitor.

Tem uma coisa: não sou linda.

Sou bonitinha. Sim, é isso. Bonitinha.

Mas não sou a garota que os garotos desejam.

Líder de torcida? Não. Rainha do baile? Não. Aquela com mais chance de se tornar modelo? Não.

Nunca precisei tirar garotos do meu pé.

Certo. Vou “criar” um homem ou uma mulher?

Pior ainda... não, talvez seja *melhor* ainda... sou fresca. Não tanto com a aparência, apesar de eu ser meio fresca até com isso. É que não consigo fingir que um cara é interessante quando ele não é. Se ele for imaturo, eu provavelmente vou dizer. Cinco minutos depois

de conhecê-lo. E, se ele se veste de um jeito ridículo, eu provavelmente também vou dizer isso, ou simplesmente me afastar.

Quando você está no ensino médio, analisando os garotos, e você descarta todos aqueles que procuram a garota perfeita, todos os infantis, bobos, chatos, malvados ou obcecados por sexo, não sobra muita coisa.

Não que eu me considere um prêmio.

Não, espere, isso não é verdade. Eu acho que sou um tipo de prêmio, sim. Sou esperta, às vezes engraçada, e bonitinha. Não vejo motivos para ter encontros com caras que se expressam com monossílabos e querem assistir a filmes idiotas.

O que então responder à pergunta: homem ou mulher? Também não entendo por que deveria deixar um cara me tocar quando sei que o relacionamento não tem futuro. Não tenho tanta necessidade de que passem a mão em mim.

Então, tive exatamente três encontros. O primeiro foi quando eu tinha quatorze anos. O mais recente, dois anos atrás.

Um cara tentou me beijar, certa vez. Não deixei.

Vivo essa parte da minha vida por meio da Aislin.

Ouçó as histórias dela. E admito que fico fascinada na maior parte das vezes. Às vezes, meio assustada. E, então, fascinada de novo.

Às vezes, eu me pergunto como seria ser ela. Ser tão... experimental. Ser tipo "que se dane". Ter opiniões detalhadas e ser bem informada a respeito de questões relacionadas a beijos. Ou qualquer outra coisa.

Não tenho opinião a respeito de homens com pelos no peito e sem pelos no peito. Aislin poderia escrever um tratado sobre isso.

Certo. Quem eu quero criar com meus poderes parecidos com os de Deus?

Homem ou mulher?

Suspiro. E me remexo na cadeira de rodas.

A quem eu quero enganar?

Homem.

## 11 Solo

**A**inda não consigo entrar no arquivo de Eve no Projeto 88715. Está com senha.

Ela terminou há meia hora, mas já conferi o vídeo de segurança. Consigo ver o seu rosto enquanto ela olha com atenção para a tela. Consigo ver até eu mesmo, olhando com atenção para... ela. E Terra, maluca como já era de esperar, falando sobre a dominação do mundo.

Tenho acessado — e editado — esse tipo de arquivo há alguns anos. Não edito só os embaraçosos; faço edições mínimas para disfarçar o fato de eu ter invadido a segurança.

Eu fico irritado por não conseguir entrar no arquivo de Eve. É aquele novo protocolo de segurança. Muitas coisas novas estão fora do meu alcance. Mas tenho o bastante para fazer a Food and Drug Administration, o órgão que regula tudo relacionado à medicina nos Estados Unidos, chegar como um furacão aqui.

Em pouco tempo, pode ser que eu tenha o bastante para trazer o FBI.

Eu quero que Terra Spiker seja presa? Essa pergunta me deixa um pouco desconfortável. Ela, certamente, desrespeitou a lei. Muitas leis.

Está na hora de ir para a escola. É sábado, mas eu enrolei a semana toda e preciso correr atrás. Não vai demorar muito; nunca demora. Clico na janela da minha escola on-line. Troquei o logo genérico da escola pela foto de um cara dormindo. O que acho que representa bem como me sinto em relação aos estudos.

Na minha tela, abro o vídeo de uma palestra a respeito do Projeto Manhattan. História antiga a respeito da primeira bomba atômica.

As letras dessa unidade ficam do lado direito da tela, em uma janela. Há vários links no texto que abrem áudio, vídeo ou texto.

O palestrante fala nos meus fones. Eu clico em um link que mostra a repetição de uma bomba atômica explodindo.

Surge um convite para um chat. É de alguém que conheço da internet. Ele, ela ou indefinido tem o nome FerryRat7734.

FerryRat7734: Como estão as coisas?

SnakePlissken: Você pode dizer só "E aí?"

Não sei se FerryRat quis escrever FurryRat. Não faço perguntas para pessoas que conheço da Rede. Acho que elas têm o direito de ser quem ou o que quiserem.

Meu *username* é SnakePlissken, como o personagem do filme *Fuga de Nova York*. Há um motivo para isso. É o único personagem que encontrei que tem o mesmo sobrenome que eu. Plissken. Jogue no Google a palavra "Plissken" e é o cara que você verá primeiro. Eu não apareço no Google. Sou invisível. É de propósito.

FerryRat7734: Só eu acho que eles estão nos ensinando a fazer uma bomba atômica?

SnakePlissken: A ciência é bem fácil. A engenharia é difícil.

FerryRat7734: Então, pode me fazer um favor? Pode me mandar umas anotações sobre as aulas da próxima semana?

SnakePlissken: Vai tirar férias?

FerryRat7734: Quem me dera. Tenho um procedimento.

Eu me recosto. O professor continua falando. Uma segunda caixa de diálogo se abre com alguém dizendo: "Como se soletra Openhimer?". Eu deveria responder a essa pergunta, não fazer outra

a FerryRat. Percebo que estou entrando em um ninho de cobras. Mas como não continuar num assunto assim?

SnakePlissken: Que procedimento?

FerryRat7734: Você não quer saber. Pode apostar.

Digo que não é verdade, mas é. E repito a pergunta.

Transplante de pulmão. FerryRat tem fibrose cística, uma doença genética. O transplante de pulmão é o recurso final, de desespero.

SnakePlissken: Droga.

FerryRat7734: Pois é. Então, faça anotações, está bem? Ainda não estou morto.

SnakePlissken: Pode deixar.

O que mais posso dizer? Alguém diz que está morrendo, o que você diz? Você diz sim, vou fazer anotações.

Percebo, pela primeira vez, que muitos desses estudantes que eu só conheço pelo chat podem estar doentes, de um jeito ou de outro.

Fico envergonhado por nunca nem sequer ter pensado nisso.

— Levemente distraído, não, Solo? — murmuro.

Eu fico sentado até o final da palestra e depois durante a aula de história.

E, então, tenho que trabalhar. Hoje vou recepcionar os visitantes para uma conferência. Temos esse evento uma vez por mês. Vários Cérebros e Gênios chegam e nós tomamos vinho, comemos e eles falam sobre as maravilhas da biotecnologia e do grande investimento que é a Spiker.

Estou colocando flores nas salas, checando os frigobares, esse tipo de coisa. Depois, preciso cobrir o cara do café durante algumas horas enquanto ele vai a um casamento em Monterey.

Não tenho que fazer esse tipo de trabalho. Terra permitiria que eu ficasse aqui, discreto. Mas esse tipo de trabalho me dá acesso a tudo, e eu estou querendo acesso.

Quando termino, entro no sistema, mascaro minha identidade e começo a pesquisar sobre fibrose cística. Por mais arrogante que Terra possa ser, e por mais criminosa que possa ser, a Spiker faz um trabalho incrível.

Há muitas ocorrências para fibrose cística. A empresa tem feito muita pesquisa sobre o assunto. Mas todos os arquivos foram removidos e transferidos para o Projeto 88715.

Digito "doenças genéticas" no Google e consigo uma lista.

De volta à base de dados da Spiker. Procuo hemofilia. Muitos arquivos. Parece que estamos perto de uma cura à base de genes. Transferida para Projeto 88715.

Neurofibromatose. Idem.

Doença falciforme. Idem.

Doença de Tay-Sachs. Idem.

Nem todas as doenças genéticas, mas muitas. Demais para não ser nada. Meia dúzia de grandes doenças genéticas nas quais a Spiker tem trabalhado, de repente, passou para o Projeto 88715.

Por que transferir toda essa informação a respeito de doenças genéticas para um projeto ridículo de sala de aula?

Sei que o orçamento para o Projeto 88715 é de doze milhões de dólares. É muito dinheiro, mas não para a Spiker. Na Spiker, qualquer coisa por menos de um milhão é troco do pão.

Pego as descrições breves de fibrose cística, hemofilia e de outras doenças. Faço uma conta por cima: o orçamento total é de mais de vinte e oito bilhões de dólares. Bilhões. Com "B".

Vinte e oito *bilhões* de dólares de repente estão sob a proteção de um projeto de doze *milhões* de dólares?

É mais ou menos como dizer que a rede de supermercados de sua cidade será administrada pelas crianças que vendem limonada na esquina. Terra Spiker está armando alguma. E ainda não sei exatamente o quê.

Mas vou descobrir.

## 12 Eve

— Hummm. Caviar. — Aislin diz.

É uma das frases dela.

É fim de tarde, e Solo acabou de entrar no quarto. Está segurando a bolsa de Aislin.

Aislin não tem botão de controle. Ela é incapaz de não dizer o que está pensando.

— Oi? — Solo diz.

— É caro. É... delicioso. E eu poderia comer de colher. — Ela está falando com a voz rouca, remexendo o quadril e jogando os cabelos, o que faz Solo ficar assustado. Ele provavelmente não está acostumado com garotas como Aislin.

Pensando bem, quase ninguém está acostumado com esse tipo de garota, porque só há uma Aislin.

Nossa, como senti falta dela!

— Deixe-o em paz, Aislin — digo com tranquilidade.

O que eu posso dizer? Eu gosto dela. É totalmente o meu oposto.

— Ah, ele é seu, E.V.? — Aislin pergunta, com inocência. Ela está a cerca de quinze centímetros de Solo. — Será que posso pelo menos... ficar com as sobras?

Aislin é alta, mais alta do que eu, e eu não sou baixa. Está vestindo um short que, se fosse mais curto, seria chamado de biquíni, e ela tem um quilômetro de perna. Sua camiseta parece ter sido pintada no corpo, porque é muito justa. Tem cabelos curtos,

ruivos, e os olhos são amendoados, dando a ela um olhar felino e exótico.

E seios. Que ela ostenta com orgulho.

Eu me amo, amo meu corpo e tenho orgulho de ser quem sou e blá-blá-blá. Mas, às vezes, eu daria tudo para ter o corpo e a coragem de Aislin.

Ela não conhece o medo.

Não, não é verdade. Ela não *demonstra* ter medo.

— Sua bolsa — Solo diz, recostando-se com os olhos arregalados e a voz um pouco trêmula. — É... uh... coisa da segurança, sabe? — Ele olha para mim com pânico.

Eu dou de ombros. Não vou salvar você, cara. Olho para baixo e escondo um sorriso ansioso porque sei o que virá em seguida.

Aislin pega a bolsa das mãos de Solo, mas, antes que ele possa escapar, ela segura o pulso dele. Abre a bolsa e examina o conteúdo.

— Então, acho que eles pegaram meu cantil.

— Eles disseram que seus pertences serão devolvidos quando você for embora.

Bom menino, Solo: uma frase completa.

— Espere! — Aislin diz. Ela procura dentro da bolsa e, sim, tira uma longa tira de preservativos. — Pelo menos eles não pegaram nada de que eu realmente... preciso — ela fala.

Solo dá uma resmungada esquisita. Sai correndo do quarto.

Aislin ri, animada. Ela se recosta na beira da cama e eu digo:

— Você é uma cadela.

— Eu sei.

— Você não faz ideia de como senti sua falta. — Suspiro. — Sinto falta de tudo. Sinto falta da lição de casa. Sinto falta do fedor

especial do banheiro das meninas.

— Nerd. As aulas acabam em alguns dias, mesmo. Eles vão deixar você compensar na primavera. — Aislin dá um tapinha Na Perna. — Ai, droga, desculpa! Machuquei você?

— Não. Os analgésicos funcionam muito bem.

— Você não tem uns a mais para me dar?

Respiro profundamente.

— Como está Maddox?

— Quem? — ela pergunta. — Desculpa, esse nome sumiu da minha mente quando vi o Sr. McMúsculos.

— O nome dele é Solo.

Ela dá um sorriso malicioso.

— Ah, claro. Mas ele poderia fazer parte de uma dupla sem problemas. — Ela faz a cara séria. — Maddox está solto, na condicional. Se ele não fizer nada de errado de novo, é possível que permitam que ele faça serviço comunitário.

— Se... — digo.

Sei que é errado, mas os problemas de Aislin quase me confortam; eles são comuns na nossa vida.

Conheci Aislin no sexto ano. Meu pai morreu naquele verão, e ela me ajudou, foi uma distração, e eu precisava muito. Mesmo naquela época, ela já era uma fashionista glamourosa, e quando eu ainda estava longe de sequer notar que os garotos existiam como algo diferente, à parte e interessante, Aislin já os atraía como uma cobra atrai a presa.

Ela também foi a única pessoa que conseguiu me fazer rir naquele ano horrórico.

— Você conhece o Maddox — Aislin disse. Ela olha para baixo e desvia o olhar, tentando não demonstrar quando algo a incomoda.

Quando ele for preso — e ele vai, um dia —, Aislin provavelmente vai esperar por ele. Ela é muito leal.

Eu a amo.

— Então, o que você tem feito aqui para se divertir? — ela pergunta.

— Ajude-me a ir para a cadeira de rodas e eu vou mostrar.

Demora um pouco, mas conseguimos colocar minha perna enorme e meu corpo cheio de hematomas na cadeira de rodas.

Mas, pensando bem, será que estou cheia de hematomas ainda?

— Me leve até o espelho — peço.

É um espelho que pega a parede toda, com moldura dourada.

Eu me preparo para o pior. Eu me vi antes, um reflexo em um equipamento brilhante. Não estava legal. Eu tinha olhos enormes de rato, meu nariz estava vermelho, e havia dois calombos visíveis na minha testa, um dos quais tinha o tamanho de uma gema de ovo.

Desde então, tenho evitado espelhos.

Olho para a minha imagem refletida sem acreditar.

Eu sou eu.

— Huh — digo. Onde estão meus hematomas? Minha gema de ovo? — Me leve para mais perto.

— É meio difícil acreditar que você quase morreu — Aislin comenta. — Faz só alguns dias.

— É maluco — digo. — Sei lá, meus olhos estavam... — Balanço a mão na frente do rosto. — Parecia que eu tinha sido atropelada por um trem. E com razão. Eu não deveria estar...

Aislin dá de ombros.

— É, mas aqui não é um hospital normal, certo?

— Não, você está certa, não é. — Minha mãe estava totalmente louca para me tirar de São Francisco e me colocar aqui. Acho que ela estava planejando alguma coisa.

Enquanto observo meu reflexo, Aislin caminha pela sala.

— Tela plana enorme, sistema de som bacana. Talvez eu devesse ser atropelada.

— Tenho pontos aqui — digo, tirando um curativo. — Bem aqui no meu rosto. Agora não tem nada.

— Sortuda — Aislin diz. — Teria sido difícil esconder com maquiagem. — Ela abre as portas do meu armário. — Uau! Roupões chiques. Posso roubar um?

Olho para o armário. Meu caderno de desenho está na prateleira de cima, quase não dá para ver.

— Ei, pode pegar aquele caderno para mim? Provavelmente minha mãe fez alguém colocá-lo aí.

— Eu já disse que sua mãe é uma bruxa de gelo?

— Acho que você já deve ter mencionado isso rapidamente, sim. — Levanto meu celular. — Pelo menos ela finalmente me devolveu o telefone. Carregado e tudo.

Aislin fica na ponta dos pés e pega o caderno de desenho. Folheia as páginas, segura uma para eu ver.

— Ele é um desenho. Não tem profundidade. Não tem alma.

— Que se dane a profundidade.

— Não consigo acertar os olhos.

— Hum. Talvez. Mas ele tem lábios ótimos. — Ela dá um tapinha no queixo com o dedo indicador. — Sabe, ele me faz lembrar o... qual é o nome? Só *love*.

— Solo.

— Mas precisa de um corpo. O seu desenho. Só *love* está muito bem no quesito corpo. — Ela sorri. — Se precisar de sugestões, posso ajudar você a finalizá-lo. Se é que me entende.

Eu a ignoro.

— Deve ser genético. Meu pai também não conseguia desenhar rostos.

— Mas ele era um escultor.

— Escultura, desenho. Os mesmos problemas. — Olho pela janela para os morros encobertos pela névoa. — Eu lembro que, uma vez, ele tentou desenhar a minha mãe. Estava usando tinta a óleo, eu acho. Desistiu depois de algumas tentativas.

— Deve ter sido difícil desenhar o Satanás na tela. — Aislin coloca o caderno de desenho na mesa de canto. — Ei, você consegue desenhar, por acaso? Com o braço todo mumificado desse jeito?

— Nem. — Olho para minha mão machucada. — Mas, do jeito que as coisas estão indo, quem sabe?

— Então, onde fica o frigobar?

— Tem uma geladeira com refrigerantes dentro daquele armário.

Aislin pega um cantil do elástico do short, nas costas. Naturalmente, a segurança só encontrou o cantil dentro de sua bolsa; quem leva mais de um?

Ela toma um gole e estende o cantil para mim:

— Xarope para a tosse?

— Quer dizer vodca? — pergunto. Não quero demonstrar reprovação, não mesmo, porque ela fica irritada quando faço isso e se cria uma barreira entre nós.

— Vodca de limão, xarope para a tosse, quem sabe a diferença, afinal? — Aislin pergunta.

— Eu estou com vontade — digo. — Mas, não.

— Você está tomando remédio.

— Além disso, não bebo.

— Já bebeu cerveja.

— Não deixem pegar você ou minha mãe vai impedi-la de vir novamente. E olha só, Aislin: estou sozinha aqui. Preciso de você.

Ela dá uma de durona. Mas fica com os olhos marejados e me abraça.

— Não se preocupe, ninguém vai me tirar de perto de você — ela afirma. — Vamos encontrar o Sr. Lindo. Vou dizer que você gosta dele.

— Mato você se disser isso!

— Sei, sei: você está de cadeira de rodas. Não é tão assustadora assim.

— Tem uma coisa que quero te mostrar antes.

Aislin me leva em direção à porta.

— O que é?

— Estou fazendo o meu homem.

Ela franze o semblante.

— Oi?

— Homem. Macho.

— Sou toda ouvidos, garota.

## 13 Solo

**E**ntão. Ela tem uma amiga. Não é bem o tipo de amiga que eu esperava.

Interessante.

Observo do fim do corredor enquanto Eve e Aislin seguem em direção ao elevador. Aislin está empurrando a cadeira de rodas a toda a velocidade. Eve está rindo.

Cara, ela tem uma risada linda.

Como fazer isso sem ser óbvio? Ela não é burra, a Eve vai desconfiar que estou querendo saber mais sobre ela se nós nos encontrarmos toda hora.

Eu *preciso* saber sobre ela, pelo menos um pouco. Não como garota, claro — apesar de ela ser. Mas não é essa a questão.

Você é tão chato, Solo. Claro que faz parte. Por que não é sincero consigo mesmo e admite que faz parte?

Sim, certo, você precisa conhecê-la para poder decidir se ela é útil. Mas, cara. Solo. Cara: não é só isso.

Decido deixar quieto. Deixo Eve e a sua amiga ficarem em paz. Não preciso forçar agora. Além disso, tenho trabalho a fazer. Eu as observo afastando-se.

Droga.

Não gosto do fato de elas estarem aqui. Eu cheguei até este ponto da vida sem os tais amigos. Há algumas pessoas com quem converso na internet. Humanos mesmo, de verdade, da minha idade, não são importantes.

E, ainda assim, quase não consigo resistir à tentação enquanto elas seguem em direção ao elevador.

A porta do elevador se fecha.

— Droga — digo, resistindo à vontade de bater em alguma coisa.

Meu telefone vibra e mostra que tenho uma mensagem de texto. É trabalho, claro. Nenhum de meus vinte amigos íntimos tem meu número de telefone. Deve ser alguém precisando de um donut, ou de um instrumento, ou de algo esquecido que devo buscar em um carro no estacionamento. Teoricamente, poderia ser um de meus professores a distância, mas não é possível: eu me mantenho em dia com meu trabalho. Não é difícil.

Checo a tela. Tommy Tatuado quer um cappuccino e um pãozinho com sementes de papoula.

Resmungo e sigo em direção ao elevador. Aperto o “7” e sou levado ao Meld, um espaço incrível onde os Gênios ficam. É uma área grande — dá para colocar um avião ali —, mas é dividida em estações de trabalho que podem ser mudadas. Parece que eles pegaram cubículos de todos os escritórios chatos do mundo — uma parede, uma mesa e uma cadeira — e os dispuseram ali.

Cada estação de trabalho tem um motor elétrico e quatro volantes de náilon. Elas formam grupos e se separam, e se reagrupam formando novos grupos diferentes. Nunca se sabe quando um dos Gênios pode estar só olhando, mas temos um aplicativo que mostra as localizações atuais. Eu sei, por exemplo, que Tommy Tatuado, o bioquímico maluco de Berkeley, está na estação J-7.

Na cozinha, eu pego o carrinho de café. Cafeína em várias formas, chá de ervas orgânico, pães, muffins, barras de cereais. Não é o meu trabalho, mas eu não me importo de cobrir o meu colega. Não existe maneira melhor de descobrir o que está rolando do que ser um peão que todo mundo ignora. Se você é o cara do café, todos acham que você não entende nada do que aparece nas telas dos computadores, nos projetores holográficos e até na prancheta antiga.

Em um local repleto de pessoas que pensam ser Gênios, um cara entregando café é invisível. Ninguém percebe quando pareço estar conferindo os e-mails em meu telefone, mas, na verdade, estou tirando fotos ou gravando conversas. Tenho uma ótima memória, e isso também ajuda.

Paro e tomo um gole de minha garrafa de água. Karen, uma das assistentes de pesquisa, pega um queijo dinamarquês de meu carrinho.

— Foi promovido? — ela pergunta.

Eu dou de ombros, continuo, mantenho os olhos abertos. É difícil roubar dados aqui, muito difícil. Mas não é impossível.

Meu maior problema: na Spiker Biopharm não usamos a nuvem.

É uma questão de segurança. Todo mundo arquiva dados na nuvem. É onde as pessoas deixam suas fotos, músicas, manuscritos, seja lá o que for. Mas a Spiker não é "seja lá o que for", por isso todos os dados da Spiker vão diretamente para servidores internos.

Não temos gravadores de CD. Nem entrada para cabo USB.

E isso dificulta para mim, não consigo roubar dados. Mas...

Há um arquivo na nuvem. Eu fiz um código tão pesado que nem mesmo a CIA consegue entrar. As pessoas normalmente usam um código de segurança de quatro ou cinco caracteres. Meu código tem trinta e dois caracteres.

Eu me consolo com isso enquanto caminho em direção a Tommy.

— Pãozinho e um cappu, certo? — pergunto.

Ele tem mais ou menos uns trinta anos. Tem o corpo coberto por tatuagens, em todos os cantos, menos as mãos, pescoço e rosto. Até mesmo a testa tem a palavra *Pixies* — é uma banda de rock alternativo — em letras góticas.

Tommy se considera um cara bacana. Ele é bacana comigo, no modo condescendente com o qual uma pessoa que sempre foi o

cara mais esperto da sala é bacana com alguém que ele considera inferior.

— Com sementes de papoula? — ele pergunta.

— Com sementes de papoula — confirmo.

Ele pega o lanche, suspira e balança a cabeça.

— Ei, cara. Você viu a garota?

Imagino de quem ele está falando, mas preciso bancar o bobo.

— Que garota?

— A menina. A filha. Não sei o nome dela.

— Está falando de Evening Spiker? Sim, eu a vi.

Ele olha para mim desconfiado. Está analisando se posso responder à pergunta seguinte. Está tentando entender se o diálogo comigo será perda de tempo.

— O que tem com ela? É inteligente? Burra? O quê?

Eu dou de ombros. Porque sou só um peão, e é o que os adolescentes idiotas fazem.

— Ela me parece bem esperta, acho. Por quê?

Ele balança a cabeça, irritado. As perguntas devem ser feitas só para mim. Mas ele é o Tommy Tatuado, por isso tem que manter a fama de não ser um imbecil.

— A chefe deu um projeto para ela. Algo meu. Amadorismo.

Os olhos dele brilham; ele falou demais, chegou bem perto de criticar Terror Spiker.

Eu dou de ombros de novo.

— Ela não deve estar fazendo muita coisa. Está bem machucada.

— Sim, talvez — Tommy diz, com confiança —, mas acho que ela vai se recuperar incrivelmente bem.

— Espero que sim — digo. E eu penso *é, ela vai se recuperar* incrivelmente. E obrigado por confirmar que sabe disso, cara das sementes de papoula.

— Bem, não é nada importante — Tommy comenta. — O software com o qual ela está mexendo. É só uma coisa que eu fiz numa noite em que estava bem louco.

— Terror mostrou para ela hoje cedo — digo. — Projeto 88 alguma coisa?

— Isso. — Tommy beberica seu cappuccino. — Sim, como eu disse, é merda. Coisa à toa.

— Mais um pãozinho? — pergunto.

— Não.

— Até mais, então. — E empurro o carrinho.

Coisa à toa.

Como você quiser, Tommy.

Sei uma ou outra coisa sobre o Projeto 88715, e é bem mais do que uma coisinha educacional que você fez depois de se drogar.

É mais do que uma sequência brilhante de DNA em um monitor gigante.

Mais do que um brinquedo que Terra tem usado para manter Eve ocupada.

E de uma coisa eu já sei: quando Tommy e os Gênios, aos sussurros, falam sobre o Projeto 88715, eles o chamam por outro nome.

Chamam de "Projeto Adam".

## 14 Eve

— Então, quando conseguiremos fazer a unidade dele? — Aislin pergunta, olhando para o monitor enorme.

— Dele o quê?

— Exatamente, o “o quê” dele. Seu “uau, o que é isso?”. Aquela região.

— Está se referindo às partes de menino dele? — Estou tentando parecer indiferente. Indiferente não funciona muito bem com a frase “partes de menino”. Mas, no meu embaraço, não consigo pensar em frase melhor.

— Você acabou de dizer “partes de menino”? — Aislin pergunta, aproximando uma cadeira.

— Você tem que fazer as coisas na ordem. É assim que o software funciona — explico. — Primeiro você tem que decidir a respeito das partes físicas mais simples. Hoje cedo cuidei dos olhos.

— Você está dizendo os olhos *dele*. — Aislin me observa digitar no teclado. — Você está fazendo um homem, certo?

Concordo.

— Isso é uma garota.

Toque, toque, clique. Adoro esse software. É como fazer arte, mas sem o medo do fracasso. Criação, com uma tecla salvadora de “delete”.

Clico em um botão chamado “Mostre-me”. A tela na parede mostra duas íris enormes. Só íris. Nada mais.

— Credo! — Aislin exclama. — Que diabos é isso?

— Íris. Dei olhos castanhos a ele.

— Por quê?

— Não sei. Nunca conheci ninguém com olhos dessa cor. Talvez seja por isso.

É fascinante o modo como fizeram esse software. Há muitos genes que determinam a simples questão da cor dos olhos. Você os coloca em um tipo de rede. A rede — que nessa versão foi feita para parecer uma série extensa de contas — tem um monte de “contas” já preenchidas. Isso deixa muito espaço em branco para eu escolher.

Posso aumentar ou diminuir o zoom. No tamanho real, eles são quase invisíveis. Cheios, eles têm um metro e oitenta de diâmetro. Aproxime bem e você entra na escala nano, na qual eles não têm cor nenhuma. São apenas células cinza.

Aislin apoia as botas na mesa e se reclina, com as mãos apoiadas atrás da cabeça.

— Isso está me assustando. Faça algo que não seja nojento.

Acrescento as escleras aos olhos.

— Certo, agora, os capilares — digo, observando o menu de opções.

— Vamos fazer músculos abdominais em vez disso.

— Eu disse a você: me deixe fazer. Além disso, é a parte divertida. Todos os detalhes.

— Uhu, uhu! — Aislin não está convencida.

Escolho pequenos capilares e Aislin assente, aprovando.

— Não quero que ele fique com os olhos vermelhos com facilidade.

Olho para a minha criação.

— Não sei bem a respeito da cor da íris. É meio misturado.

— Qual é a sua cor de olhos preferida?

— Não tenho — digo, porque tenho certeza de que não tenho.

Aislin faz uma careta.

Mudo para azul.

— Mais — Aislin diz.

Toque, toque. São de um azul intenso.

— Bingo.

— A próxima coisa — digo — é a acuidade visual. Devo fazê-lo um pouco míope?

— Não — Aislin diz com firmeza. — Nada de óculos. Nem lentes de contato.

Paro para pensar. Todo mundo devia ter defeitos. Não é isso que nos torna interessantes? Não é isso que nos impede de sermos cópias uns dos outros?

Um leve ajuste no formato dos olhos e das lentes, e ele estará usando lentes de fundo de garrafa pelo resto de sua vida simulada.

— Certo, você venceu. — Escolho a visão perfeita. Posso mudar as coisas depois.

— Quantos anos têm esses olhos, hein? — Aislin pergunta.

— Parte da diversão do simulador é que posso escolher a idade da minha pessoa. Posso fazer dele um bebê. Ou posso envelhecê-lo tanto quanto aqueles vampiros imortais — sorrio. — Mas isso seria assustador.

De certo modo, fazer um bebê parece próximo demais da realidade. Quem quer um bebê? Certo, mais tarde, daqui a dez ou vinte anos. Ou trinta. Não agora. A resposta segura — pelo menos é o que digo a mim mesma — é fazê-lo aproximadamente da minha idade.

— Hum, eu não sei quantos anos ele deveria ter. Talvez dezessete?

— Dezoito — Aislin diz decidida.

— Dezoito, então.

Toque, toque. A cor das íris ganha foco. As escleras são um pouco menos transparentes.

O sistema me avisa: *Fluxo de sangue necessário para conseguir viabilidade.*

Sim, claro, o fluxo de sangue, mas tem que ser neste minuto?

— O computador está piscando para você — Aislin diz, apontando para a tela.

— Os olhos precisam de sangue.

— Credo.

— Consigo fazer o coração e o sistema circulatório completos — digo, lendo minhas opções. — Ou posso unir um fornecimento artificial de sangue, algo temporário.

— Faça o segundo. — Aislin inclina a cabeça para o monitor gigante. — Mais fácil.

A imagem na parede muda. É difícil ver, a princípio. Mas mesmo os efeitos especiais não parecem reais. As imagens que estou vendo são incríveis, mas agora o incrível está se tornando espetacular.

Eu poderia jurar que esses dois olhos, os balões brancos com suas terminações nervosas, eu poderia jurar que são reais. Parecem exatamente suspensos em líquido transparente. As veias e artérias dos olhos estão presas a um tubo plástico que pulsa lentamente ao ritmo de um coração humano.

— Nojento — Aislin comenta.

— Mas muito legal — digo.

O telefone de Aislin bipa e ela checa a mensagem.

— Maddox — ela diz, em um tom doce e de desculpas. É a voz especial que ela reserva para me dispensar. — Desculpe, mas preciso ir.

— Não! — eu grito, segurando o braço dela com minha mão boa. — Você acabou de chegar!

— Ele está meio doido com uns assuntos. — Aislin se levanta e se alonga. — Você sabe como ele fica.

Sim, eu sei. E não suporto esse cara, às vezes. Mas sei que não devo dizer o que estou pensando.

— Olha, estamos no fim de semana. Posso vir amanhã te visitar.

— Certo — faço um bico. — Mas, se eu chegar na parte boa do meu "cara", vou fazer sem você. — Suspiro. — Não quero me sentir sozinha de novo. — Você quer que a limusine leve você de volta ao centro?

— Não. O Maddox vem me pegar. Tudo bem. — Aislin se inclina e me abraça. — Amo você, você sabe.

— Eu também.

— Quer que eu empurre você de volta ao quarto?

Olho para os olhos azuis enormes sobre mim como se fossem dois planetas Terra gêmeos.

— Acho que vou ficar mais um pouco. Estou curtindo.

Aislin para.

— Sabe de uma coisa?

— O quê?

— Estou muito feliz por você estar bem. — Ela acena para os olhos flutuantes. — Tchau, Sr. Olhos.

Aislin está quase saindo...

— Ele precisa de um nome, E.V. — Contraí os lábios. E estrala os dedos. — Tchau, Adam — ela diz, e vai embora.

Adam. Acho que, se você vai criar um homem, é bom dar a ele o nome de Adam.

Mas não gosto desse nome. Toda a minha vida, eu insisti para que as pessoas me chamassem de "Evening" ou "E.V.", qualquer coisa, menos "Eve". Eve leva, inevitavelmente, a Adão e Eva, e isso leva ao fruto proibido e à coisa toda da nudez. Quando se está no ensino médio, esse papo todo sai do controle.

Fico pensando se o Adam, o Dr. Olhos, acharia ruim ser chamado de Adam. Parece bem hipócrita da minha parte escolher "Adam" só porque minha mãe, sem a menor criatividade, me deu o nome de Eve, ou Eva.

Posso chamá-lo de Ad, um apelido. Ou Dam.

Ou Steve, sei lá.

— O que você...

— Ah! — Eu dou um pulo na cadeira de rodas. E me preparo para a onda de dor que vem com tal movimento, mas minha perna não reclama.

Graças a Deus existem analgésicos.

É Solo, empurrando um tipo de carrinho. Há quanto tempo ele está de pé atrás de mim?

— Oi — digo. — Você não bate antes de entrar?

— Não tem porta — ele aponta.

— Bem, me dê um sinal de que está me espiando! Pigarreie ou algo assim!

— Ah! — ele diz, pigarreando. Ele aproxima o carrinho de mim. — Olhos, hein? — ele pergunta, olhando além de onde estou, para os olhos soltos.

— Sim. — Quero completar com algo sarcástico, mas deixo quieto porque me virei para olhar para ele e percebo agora, e como poderia não ter notado, que os olhos que criei são os olhos do Solo.

— Qual é o nome dessa cor? — ele pergunta.

— É que... eu... vou mudar. Eu estava tentando um azul.

— Gosta de olhos azuis, hein?

— Sim, gosto. Gosto de olhos azuis.

— Pensei que você quisesse comer alguma coisa. — Ele tira um saco de papel do carrinho.

— Meio tarde para o almoço, não? — O relógio no canto da tela indica que são 15h17. — Como você sabe que ainda não almocei? — pergunto quando meu estômago ronca alto.

— Intuição — ele diz com seriedade.

Salvo meu trabalho sobre Adam e desconecto.

— Venha, não vamos comer aqui — Solo diz. Sem esperar minha aprovação, ele coloca o saco de comida no meu colo e segura a minha cadeira de rodas.

— E o carrinho?

Ele dá de ombros.

— O que tem?

Descemos um andar, passamos pelo corredor, atravessamos mais um espaço aberto repleto de brinquedos para adultos, para os Gênios, e chegamos a uma área ampla que dá vista para a baía. Não é a paisagem de um milhão de dólares que temos em Tiburon, que faz frente para a cidade, mas não é ruim. A névoa subiu, e temos uma boa vista da ponte Richmond-San Rafael. Tem um caminhão-tanque ali, lento, transportando a água como uma baleia em migração. Se eu conseguisse olhar além da ilha Angel, conseguiria ver a cidade. Mas me irrita o fato de eu não conseguir. Sinto falta de casa, da escola, da cidade.

Tem um grupo de quatro pessoas meio sérias a uma mesa a vinte metros, longe demais para que nós possamos ouvi-las. Espalhamos

a comida em uma mesa de piquenique. Sanduíches, salgadinhos, dois pudins, um de chocolate e um de baunilha.

— Da cafeteria? — pergunto, abrindo um dos sanduíches e encontrando peru e queijo brie.

— São bons — Solo diz. — Diga uma coisa para a sua mãe: ela cuida de seus funcionários.

— Sim, percebi. Você sabe o que eles não têm? Hambúrgueres duplos.

Ele concorda.

— Você é fã de hambúrgueres?

— Na verdade, quero porque não posso ter — admito. — Também quero a Cold Stone. E estou com vontade de comer o macarrão com carne que eles servem a cada duas quintas-feiras na minha escola. Além de... deixa pra lá.

— Não, pode continuar. Acho interessante. Saber do que você sente falta na vida normal.

Mordo um sanduíche e engulo com um gole de água com limão.

— Certo, sinto falta da Zachary's. A melhor pizzaria de São Francisco. Sinto falta de me arrumar para ir à escola, de esperar no ponto de ônibus.

— Você não tem uma limusine?

Faço uma careta.

— Ela ofereceu. A minha mãe, quero dizer.

— Mas você não quer aparecer na escola de limusine.

— Isso torna você um otário.

— É.

— Há alunos na minha escola que vão de limusine.

— Escola particular?

Eu rio.

— Tentei, uma vez, fazer com que ela me matriculasse em uma escola pública. Pensei que seria bom conhecer pessoas que não têm empregadas, e cujas mães são empregadas.

— Pobre menina rica — Solo diz.

Talvez eu devesse me sentir ofendida. Mas o vento frio meio que me deixa calma.

— Sinto falta da vida comum. Ou da minha versão de vida comum. Da escola.

— Mas você não pode sair por causa da sua perna.

Que jeito interessante ele tem de dizer isso. Não é uma pergunta. Não é uma afirmativa. É quase um desafio.

— Dói muito? — Solo pergunta.

— Não... não — respondo. — Mas isso por causa dos analgésicos, claro.

Ele olha para a comida e mastiga. Tem algo a dizer, mas está pensando.

— Já viu sem os curativos? Já viu a perna como está?

Balanço a cabeça, negando.

— Não... não. — Minhas sobrancelhas estão franzidas enquanto ele observa a água calma. Como ele sabe que não vi a ferida? — Perguntei. Eles disseram que ainda estava ruim. Não queriam me assustar.

Um sorrisinho vem e vai.

— É.

Deixo o sanduíche de lado.

— Quem é você, afinal? — pergunto.

— Solo Plissken.

— Não perguntei qual é o seu nome — digo. — Quem é você? Você não tem idade suficiente para ter esse trabalho em tempo integral em um lugar como a Spiker.

— Você sempre demora tanto assim para começar a fazer perguntas óbvias?

Fico corada.

— Estou perguntando agora.

— Sou um empregado da sua mãe. Quando meus pais morreram, seis anos atrás, ela me herdou.

A conta é simples. Mas, ainda assim, estou ali, surpresa.

— Ela tem sido sua guardiã há seis anos? E nunca me contou?

Ele olha para mim, dentro dos meus olhos.

— Por que será?

De repente, eu me sinto bem desconfortável. Ele sabe de coisas que não sei. Por que diabos estou descobrindo coisas de minha mãe por meio desse cara?

Respiro fundo, tento me concentrar.

— O que aconteceu com os seus pais?

Mais uma vez, aquele sorriso falso.

— A pergunta secreta. Ou talvez você vá encontrar a verdade, pouco a pouco.

— Se não quiser responder...

— Acidente de carro. Não tem uma grande história aqui. Nenhum mistério. Eu estava na casa da minha avó. Eles estavam em férias, sem mim. — Ele faz uma pausa, toma um gole de seu cantil. — Que bom que eu não estava com eles. Eles saíram da estrada, desceram um barranco. *Crash. Bum.*

Penso na morte de meu pai. O bater insistente na porta, os policiais de cara séria, o grito de agonia de minha mãe.

Imagine perder os dois em um piscar de olhos.

— Sinto muito — digo baixinho. — Por que não foi morar com sua avó?

— Ela tem oitenta e sete anos. E acha que o presidente é Roosevelt.

— Mas por que a minha mãe? Porque ela é simpática e protetora?

Ele ri. E tem uma risada bacana. Droga. Queria que a risada dele não fosse tão legal. Ele é um desvio temporário na minha vida. Não é o meu tipo. Só pela risada. Talvez os olhos. Não o sorriso, nem os cabelos, que precisam ser cortados, e sinto vontade de pegar a faca e cortá-los eu mesma.

— Sua mãe e meus pais eram sócios.

— Então... você é dono de parte da Spiker?

Solo nega com a cabeça.

— Não. Meus pais foram tirados da parceria pela sua mãe.

Isso não me surpreende muito. Ainda assim, por algum motivo, eu me sinto meio culpada. Pecados da própria mãe e coisas assim.

— Acho que seu pai, que ainda estava vivo, tentou apaziguar. Mas não rolou. Até então, todos eles eram amigos. Meus pais morreram antes de mudar o testamento que me deixava sob a tutela de sua mãe.

— Você a odeia — digo.

Solo não reage no mesmo instante. Ele pensa. Segura o queixo com a mão e pensa cuidadosamente.

Por fim, ele diz:

— Não odeio ninguém. — Ele sorri. — Mas me magoa, sim.

Quero perguntar muito mais, mas meu telefone vibra. Uma mensagem de texto.

*Preciso d vc agora. Mto.*

Quando telefono para Aislin, a ligação não completa. Olho para o meu telefone: uma barra de sinal. É por isso. Só o suficiente para entregar uma mensagem de texto.

— Droga — digo. Será que a Aislin está com problemas? Não me surpreende. Aislin mandando mensagem pedindo ajuda? Incomum. Normalmente ela dá um jeito e depois me conta os detalhes.

— Aislin? — Solo pergunta.

Mais uma mensagem de texto.

*Onde está? Caras atrás do M no GGP. Vou lá ajudar.*

— Droga. O idiota do namorado da Aislin está em apuros. Ele está no Golden Gate Park, e ela acha que vai salvá-lo.

— Que tipo de apuros?

— Quer saber se é crime grave ou coisa simples? — Esfrego os olhos. — Nunca dá para saber quando se trata de Maddox.

Eu envio uma mensagem de texto para ela.

*ESPERA. Vou pensar em algo.*

— Não sei o que fazer — digo a Solo. — Não posso sair daqui, não com... A Perna. O Dr. Anderson me disse para não fazer pressão.

— O Dr. Anderson é um chato.

Mexo A Perna de um lado para o outro, alguns centímetros em cada direção. Sem dor. Nada.

Solo assente com aprovação.

Olho nos olhos dele.

— Se eu precisasse desaparecer daqui por algumas horas sem ser pega, você me ajudaria?

Vejo uma arrogância intrigante no rosto dele.

— Pode contar comigo.

**E**stou conhecendo um lado interessante de Solo. Ele não é o cara tímido no meu quarto de hospital, mudo diante da atitude de Aislin. Está totalmente no controle, empurrando minha cadeira de rodas pelas áreas de manutenção e cozinha abandonadas e laboratórios escuros.

Conforme avançamos, ele faz comentários. Coisas do tipo:

— Esta sala provavelmente nunca foi usada, então desliguei as câmeras de segurança... A câmera dessa parte está quebrada... Posso apagar essa fita mais tarde, ninguém vai ver... O cientista que trabalha aqui é paranoico, então não tem câmera. O infravermelho aqui fica desligado desde que não acendamos a luz...

O que estou começando a considerar uma “Fuga da Spiker” envolve cerca de sessenta passos diferentes, todos dentro da mente de Solo. O prédio é enorme, mas ele memorizou tudo — todas as portas, quartos e ângulos das câmeras.

Chegamos aos degraus.

— Como vamos descer? — pergunto.

— Eu levo você. Depois, vou subir e pegar sua cadeira de rodas.

— Acho que não.

— Quer sair ou não?

— Você não parece tão forte — digo, mas é mentira. Ele parece forte.

Mais uma mensagem de texto de Aislin.

*Maddox ferado.*

Ortografia nunca foi o forte dela.

— Incline-se para a frente — Solo diz.

Eu obedeço e a mão dele vai para as minhas costas. Sinto os braços dele passando por cima do meu sutiã.

— Vou levantar A Perna.

— Estou com medo de que doa.

— Não vai doer — ele diz, e fico tentando imaginar como ele pode ter tanta certeza. As palmas das mãos dele passam por minhas coxas e, quase sem esforço, ele me tira da cadeira. Meu rosto está perto do dele, tão perto que os seus cabelos roçam na minha face e no meu nariz e eu preciso me controlar para não espirrar.

Tento me lembrar do que comi no almoço. Tento me lembrar do motivo pelo qual não passei desodorante hoje de manhã.

Fico pensando se aquele é o cheiro do xampu dele ou só o cheiro dele. De qualquer forma, eu gosto. Na verdade, o que quer que seja, e não estou dizendo que sei, acho estranhamente fascinante.

Ele desce a escada comigo, ajoelha-se e me coloca no último degrau, e sobe para pegar minha cadeira de rodas.

Não me viro para observá-lo subir, porque eu estaria olhando para o traseiro dele. O que certamente é algo que eu faria.

O jeans é justo. Não sobra pano.

Insisto em subir sozinha na cadeira de rodas. É mais fácil do que pensei. Voltamos à pista e, alguns minutos depois, chegamos à garagem subterrânea.

Solo toca meu ombro.

— Precisamos tomar cuidado aqui — ele avisa.

Esperamos do lado de fora de uma porta fechada em um canto do espaço mal iluminado cercado de concreto.

— Você tem carro? — pergunto.

— Tenho uma dúzia de carros — ele responde. Estranhamente, são todos idênticos.

Ele aponta para um tipo de estacionamento onde uma dezena de carros elétricos está estacionada. Cada um deles tem o logo da Spiker na lateral.

Solo checa a hora no celular. Olha para a frente e, poucos segundos depois, um guarda se aproxima. Ele escuta os passos. Indo e vindo, desaparecendo.

— Pronto — Solo diz. Ele me leva para perto dos carros que não estão trancados. As “chaves” estão no painel.

Solo empurra o banco do passageiro para trás no máximo e me coloca ali dentro. Dobra a minha cadeira e a coloca no porta-malas. O carro dá a partida sem barulho.

— Você sabe dirigir? — pergunto.

— Você tem seis dólares em notas? — Solo pergunta, ignorando o que eu disse.

— Minha bolsa não está aqui.

— Veja no porta-luvas. Veja se tem um saco de moedas.

Procuro embaixo de alguns mapas e encontro dois pacotes.

— Ótimo. Temos que usar dinheiro na ponte.

Aponto para o localizador preso ao para-brisa.

— Sim — ele diz. — Tire isso e coloque dentro do porta-luvas. Não queremos ser localizados. Não quero ter que mexer no sistema de localização.

— Mas não acha ruim mexer no sistema da Spiker? — pergunto.

Um olhar irritado, talvez até bravo, aparece nos olhos de Solo.

— Cinto — ele diz sério.

Eu prendo o cinto e partimos quase sem barulho, apenas um sussurrar dos motores elétricos. Os pneus no chão de concreto pintado fazem mais barulho.

— Abaixei o visor de sol e a sua cabeça — ele diz. — Câmeras.

Há uma cancela automática. Solo pega um cartão de identificação do bolso. Consigo ver que a foto não é dele. O nome do cartão é Wanda Chang.

— Engraçado, você não parece chinês — digo.

Ele passa o cartão pelo leitor. A cancela sobe.

E, pela primeira vez em muito tempo, eu estou ao ar livre.

— Eles nunca vão descobrir? — pergunto, olhando com ansiedade para os portões.

Ele dá de ombros.

— Não posso garantir isso. Eles sabem que eu escapo de vez em quando.

— Escapa? — Apesar de eu estar me sentindo do mesmo jeito, parece meio dramático demais.

— O que mais acontece quando o macaco sai da jaula?

— Você não é um macaco. É estranho, mas é humano — digo.

— Na maioria das vezes — ele diz com um sorrisinho.

— Mas você *pode* sair, certo?

— Sim, mas aonde eu iria, exatamente? Não tenho carro — ele vira à direita —, a menos que pegue um deles como estou fazendo hoje. E a Spiker fica no meio do nada.

São vinte minutos até a Ponte Golden Gate, que, como sempre, está coberta por névoa. Ligo para Aislin para dizer que estou indo, mas ela não responde.

Quando chegamos à casa de Aislin, envio uma mensagem de texto dizendo que estou do lado de fora. Ela aparece logo em

seguida, descendo a escada. Está chateada. O nariz está vermelho e o rímel, borrado. Mas ela ainda tem tempo de olhar duas vezes quando vê Solo dirigindo.

— Desculpe por não ter atendido quando você ligou. Estava falando com o Maddox. — Aislin se senta no banco de trás. Suspira de modo dramático; ela está bem preocupada, não apenas fingindo.

— Obrigada por terem vindo. — Ela sorri para Solo. — E você ainda me trouxe um brinquedo com o qual me distrair no caminho. Que gentil.

— O que aconteceu? — pergunto.

— Maddox. Claro — ela diz. — Ele está encurralado.

— Encurralado onde?

— No parque.

— E *por que* ele está ali? — pergunto.

— Uns caras. Eles acham que ele está com o dinheiro deles. Maddox está no parque e os caras, atrás dele.

— Ele não pode chamar a polícia? — Solo pergunta.

— Isso seria... embaraçoso. — Aislin procura na bolsa e pega um brilho labial, que passa com facilidade, sem precisar de espelho. — Podem decidir prendê-lo.

— Ah — Solo diz. — Ele está portando...

— Um pouco de maconha. Ele precisa vender para conseguir o dinheiro para pagar os caras. — Solo olha para mim, sem expressão. Abro um sorriso amarelo. Dou de ombros.

Ele vai fazer a volta e nos levar direto para a Spiker, e eu não o culpo.

Solo se enfia no trânsito.

— Não acredito que sua mãe considere a Aislin má influência — ele diz. — Eu a considero divertida.



Não há muitas ruas dentro do Golden Gate Park. O parque é enorme, maior do que o Central Park, em Nova York. É um retângulo longo com um lado com vista para a Haight Street — cidade hippie — e o outro para o Oceano Pacífico.

Da mata ao mar, poderíamos dizer.

— Onde ele está? — Solo pergunta quando entra à direita, e passa raspando em uma senhora meio desajeitada na sua bicicleta.

— Ele está em um lago — Aislin responde.

— Claro que sim — digo baixinho.

— Em um lago? — Solo repete. — Na água?

— Em uma ilha.

Pego meu telefone.

— Vou pegar um mapa do parque no Google. — Quando o mapa aparece na tela, eu resmungo. — Há muitos lagos. Tipo uns vinte, ou mais.

Solo acompanha com uma luz amarela.

— Algum com ilhas? — ele pergunta.

Chegamos à beira do parque.

— É uma ilha grande ou pequena? — pergunto a Aislin. — Muitos deles têm ilhas.

Ela manda uma mensagem de texto quando Solo entra na John F. Kennedy Drive, a rua que se estende pelo lado norte do parque. O

trânsito está calmo. O sol está desaparecendo e as sombras estão se estendendo sob as árvores.

— Ele pergunta o quanto é grande — Aislin lê em seu celular.

— Que bela questão filosófica — digo. — Pergunte quanto tempo ele demoraria para vir andando.

Depois de vários minutos de trocas de mensagens — o Maddox não é, devemos dizer, intelectualmente privilegiado —, concluimos que ele está em uma ilha em algo chamado Mallard Lake.

Ligo o GPS no painel.

“Faça um retorno”, uma voz feminina instrui, em um tom que sugere que já estamos no lugar errado.

Solo breca.

— Acho que não é legal.

“Agora, faça um retorno”, a voz manda.

Solo faz um retorno.

“Em cem metros, vire à direita”, a voz diz.

— O que faremos quando chegarmos lá? — pergunto a Aislin. — Esses caras que estão atrás de Maddox...

“Vire à direita.”

— ... eles não são pessoas que poderiam portar armas, certo?

“Em oitocentos metros, vire à direita.”

— Armas? — Aislin repete. Como se ela nunca tivesse escutado a palavra antes. — Pode ser que sim, mas...

— Nossa! — digo.

— ... o que eles vão fazer? Atirar em nós? — Ela tenta rir. Não consegue.

Aislin se estica do banco de trás e liga o rádio. Está tocando Rancid, e eles cantam sobre mais uma noite em East Bay. Uma das

minhas preferidas, apesar de ser, em parte, a respeito de terremotos e de ver estradas caírem. (Não é da minha época esse terremoto.)

Apesar de gostar da música, estico o braço para desligar. Solo me interrompe, dando um tapinha em meu braço. Ele é rápido como uma serpente.

— É um bom *cover*. Faz com que pareçamos jovens normais.

Ele abaixa os vidros. O ar está úmido e com cheiro de pinheiro.

“Vire à direita”, diz a voz.

O lago está próximo, mas não dá para ver da rua. Nós o vemos no mapa do GPS. É um triângulo com uma ilha no fim. O parque não está cheio e só há alguns carros estacionados, aqui e ali. Mas, próximo ao lago, há três carros, muito mal estacionados, claro.

— Aquele é o Ford da esposa do irmão do padrasto do Maddox! — Aislin grita.

O carro, um Fusion marrom amassado, está entre dois outros carros, um Miata velho e um Civic com arranhões.

A porta do lado do motorista do Miata está aberta. Não tem ninguém dentro.

Solo diminui a velocidade e para ao lado. Estamos cercados por árvores demais e arbustos demais. O local parece uma floresta no meio de São Francisco.

O rádio continua ligado quando Solo desliga o motor.

— Envie uma mensagem de texto a seu namorado e diga que estamos aqui — ele orienta.

— Ele disse que não consegue se mexer — Aislin responde.

Solo aumenta a música.

— Pergunte se ele está ouvindo a música.

Maddox está ouvindo a música.

— Se ele está ouvindo, então... Vamos lá. — Solo diz. Ele parece satisfeito. — Cintos afivelados?

— Por quê? — pergunto.

Dois caras asiáticos, magros, fumando, aparecem dos arbustos, árvores caídas e grama molhada. Um é musculoso e usa uma jaqueta de couro verde. O outro, mais baixo, está usando uma camiseta preta. Eles nos olham sérios. Um olhar de pessoa durona. O musculoso coloca a mão dentro da jaqueta. É um movimento para nos dizer que ele carrega algo ali dentro.

Solo pisa no acelerador. O carro — nosso carro, aquele no qual estou — bate no Miata. Bem na porta do lado do motorista.

O impacto me lança para a frente, contra o cinto do ombro. Mas não é suficiente para acionar o airbag.

— Ei! — eu grito. Afinal, o que mais se pode gritar quando alguém bate o carro de propósito?

Os dois caras olham para mim, boquiabertos. Um cigarro cai.

— Nossa! Desculpa! — Solo diz, e é um pedido muito convincente.

— O quê... — o Jaqueta de Couro grita e bate a ponta do cigarro com a mão no ar.

— Desculpa, cara, desculpa! — Solo grita. Ele pega o telefone e começa a digitar. — Vou ligar para a polícia. Falha minha. Totalmente minha culpa. Mas precisamos que os policiais venham para fazermos um registro.

— Nada de polícia — o Jaqueta de Couro diz. Ele faz um não com o dedo para Solo.

— Precisamos chamar os policiais, mano — Solo diz. Não acredito que o Solo seja um cara que já usou a palavra “mano” antes, e eu tenho certeza de que ele nunca fará isso novamente. Mas ajuda a fazer com que ele pareça inofensivo e não muito esperto.

O Jaqueta de Couro puxa uma arma.

Nunca vi uma arma de verdade na vida. Acho que é de brinquedo. Mas uma parte do meu cérebro está gritando a respeito de ela ser real e de que eu vou levar um tiro. Por favor, não quero morrer, não, não, não, apesar de por fora eu ser bem controlada e parecer calma.

— Saia daqui — o cara diz.

E é quando eu aprendo o mais útil sobre carros elétricos: o motor não ronca quando você pisa no acelerador. E é o que Solo faz: dá a ré e gira o volante bem depressa.

O carro vai para trás com tanta força que parece que batemos de novo, e, por um segundo, uma parte confusa de meu cérebro se pergunta se eu levei um tiro. Mas não: nenhum barulho de tiro.

O lado esquerdo da frente gira depressa e acerta o Jaqueta de Couro.

É uma baita batida. Nada como a que arrancou minha perna. Mas não existe “batidinha” quando um carro atropela você.

O Jaqueta de Couro cai, com força, de costas na grama. Uma perna está embaixo do carro e a arma dele voa para a grama, atrás de sua cabeça.

Ele não tenta pegá-la. Tenta se sentar. É um movimento ruim, porque Solo abre a porta e acerta o rosto dele. E o Jaqueta de Couro cai de novo e, desta vez, não vai se levantar logo.

Tudo acontece muito rápido, muito depressa para descrever os movimentos, um borrão de imagens, solavancos repentinos, sobressaltos, barulhos, gritos, berros, o salto do Camiseta.

Escutamos gritos. Dois caras vêm correndo na nossa direção vindos do outro lado do lago. O Camiseta está gritando, mas não sabe o que fazer. Os outros dois correm, veem o amigo no chão, nos olham, diminuem a velocidade. Se um deles tem uma arma, digo a mim mesma, ele já a teria puxado.

— Avise a seu namorado que ele pode sair, a barra está limpa — Solo diz a Aislin com a voz incrivelmente calma.

Eu me viro para ver se ela está bem. Seus dedos estão tremendo enquanto tenta enviar uma mensagem de texto.

O carro ainda está em ré. Solo o afasta para trás até a roda encontrar um obstáculo. É a perna do Jaqueta de Couro.

Solo diz:

— Estamos aqui para pegar nosso amigo. Se vocês o soltarem, sem problemas. Se não, vou dar a ré e passar em cima da perna do amigo de vocês.

Maddox aparece. Está ensopado, todo sujo de lama, dos tênis ao peito. Folhas e gravetos estão grudados nele como uma tentativa ruim de camuflagem.

Ele é um cara bonito, o Maddox, porque é forte, grande. Mas, no momento, assustado e sujo, ele está ridículo.

— Entre! — Aislin grita.

Solo espera até ele afivelar o cinto.

— Puxe o seu amigo daqui de baixo e chame uma ambulância — ele orienta os três caras.

— Todo mundo pronto?

Ah, estamos prontos.

Nós nos afastamos e Solo diz:

— É bem mais fácil quando você não tem que se preocupar com câmeras de segurança.

Maddox abraça Aislin como se fosse um homem que está se afogando e se segurando na boia. Ela tolera isso por alguns segundos, e, então, dá um soco no peito dele e o afasta.

— Ei!

— Idiota! — ela grita.

Estou ignorando os dois porque não consigo tirar os olhos de Solo, que está se afastando com competência, misturando-se ao trânsito,

e entrando no Sunset District.

— Como você... — eu começo, mas não sei bem como terminar a frase.

Ele emite um som parecido com uma risada.

— O rato que corre pelo labirinto todos os dias desenvolve alguns movimentos. E eu sou o rato-chefe.

Não é piada. Ele tenta fingir que é, mas tem algo ali, logo sob a superfície.

Dirigimos em silêncio. Pelo menos aqui no banco da frente está em silêncio. Aislin e Maddox alternam gritos com amassos.

— Preciso devolver o carro — Solo diz. — O tempo é curto.

Eu me viro para trás.

— Aislin, você precisa ir comigo.

— Ela vai comigo — Maddox diz. Ele está pálido, diferente do que costuma ser. Sério, ele é charmoso. Mas não quando está assustado, sujo e tremendo depois do pico de adrenalina, acho.

Eu sei, porque também estou trêmula. Eu não tive tempo para me assustar. A confusão toda durou um ou dois minutos, talvez.

Não mais do que isso. Agora estou assustada. Assustada e brava.

— Droga, Maddox! — grito. — Você podia ter matado todo mundo aqui.

— De jeito nenhum — ele protesta, mas é um protesto fraco. — Eles teriam me surrado até cansar.

— É, porque nada nunca sai do controle. — Estou gritando. — Solo salvou você, seu fracassado. — Estou irada agora. — Saia da vida de Aislin e pare de levá-la para o buraco com você.

Aislin olha pela janela para as luzes que passam. Não para mim, nem para Maddox.

— Não posso levá-los para dentro da Spiker — Solo diz. — Existem limites nos meus poderes de rato do labirinto.

— Posso entrar com a Aislin. Pela porta da frente — respondo. Solo balança a cabeça levemente.

— Não sem explicar como ela chegou ali. Precisamos deixá-la primeiro. Depois que voltarmos, podemos colocá-la para dentro.

— Aislin, vamos deixar você na sua casa — digo. — Ou onde quiser. Mas precisa pegar um táxi e ir para a Spiker. Fique comigo durante um tempo. Pelo menos até seus pais voltarem de Barbados.

— Belize.

Os pais de Aislin viajam muito. Estão sempre bronzeados.

— Ei, eu ainda tenho uns dias de aula e...

— Droga, Aislin! — grito, interrompendo. — Podemos levar você para a escola.

— Querida — ela diz, e toca meu braço. Lança para mim aquele olhar secreto de "estou ferrada". É o olhar cansado, resignado e triste que diz *Eu não presto, não tenho sorte na vida, esse é meu destino, e você não pode me ajudar*.

É só o que ela diz. Apenas "querida".

Eu me viro, irritada. Digo a Solo para deixar Aislin e Maddox na casa dos pais dela.

O que toma conta de uma pessoa e a convence a se autodestruir? Seria a vida desinteressante? Às vezes. Mas a vida de Aislin não é péssima. Os pais dela brigam, mas os pais de muitas pessoas brigam. Não são ricos, mas têm dinheiro suficiente para mantê-la na nossa escola particular de gente fresca. O suficiente para manter o bronzeado sempre em dia.

A mãe dela é uma mulher meio fraca, fútil e inconsequente — o oposto da minha. Absolutamente ninguém já descreveu Terra Spiker como fraca. Mas Aislin não está sofrendo. Eu saberia. Não temos

segredos. O pai dela é como Aislin, uma pessoa engraçada, interessante e, hum, digamos... aventureira. Mas ele ama Aislin e ela sabe disso.

São pais distraídos, nem sempre presentes, não são perfeitos. Bem-vindos ao clube.

Então, o que acontece?

É só DNA? É aquele código controlador que nunca conseguimos dominar? Tem algum cromossomo bem no fundo das células de Aislin que a deixa fadada a uma vida de infelicidade com fracassados como Maddox?

*Por outro lado, Aislin, pelo menos, tem um relacionamento.*

Ah, que comentário infeliz de meu próprio cérebro. Estou discutindo comigo mesma conforme passamos pelas árvores, procurando a casa de Aislin.

Sim, ela tem um relacionamento. Um relacionamento ruim.

Um relacionamento ruim é melhor do que nenhum relacionamento?

*Como saber?*

Não há pressa. Não sou uma bomba prestes a explodir. Posso esperar até encontrar a pessoa certa.

*Você quer dizer a pessoa perfeita. A pessoa sem defeitos. Essa pessoa não existe.*

Deixamos Aislin em casa. Eu a chamo para perto da minha janela, e sussurro alto, e Maddox, ainda bem, finge que não escuta, e eu peço a ela para ir para a Spiker e ficar comigo. Peço e imploro, e sei que estou perdendo meu tempo.

Observo Aislin e Maddox entrarem. Ela acena de qualquer jeito antes de fechar a porta.

Eu bato A Perna contra o painel.

— Ah, ela me deixa maluca às vezes.

— Sua perna não parece estar te deixando maluca — Solo diz.

— O quê? — Ele está certo. Eu me esqueci totalmente. — Sim, bem, não é a minha principal preocupação no momento.

Ele olha para mim como se estivesse esperando algo. Eu tenho a impressão repentina e bizarra que ele pode estar pensando em me beijar.

— Nem pense — eu digo. — Eu não me tornei vulnerável a seu charme.

Ele ergue as sobrancelhas.

— Ah, você achou que eu ia agarrar você?

— Não... — começo a dizer, me retraindo.

— Pare de projetar seus sentimentos em mim — Solo diz.

É um fora incrivelmente bem dado.

Não consigo pensar em nada para responder, apesar de saber que acharei algo daqui a umas três horas, quando for tarde demais para ter importância.

— Não, eu pensei que talvez as coisas estivessem começando a se conectar para você, só isso — Solo diz quando sai com o carro. — Claro que, se você insistir em se jogar em cima de mim, eu posso me divertir.

— Não vou me jogar em cima de você.

— Bem, terá que partir de você — ele diz. — Você é a filha da chefe. Terá que dar o primeiro passo.

— Então, pode se considerar a salvo — digo.

Ligo o rádio.

Alto.

**V**oltar foi mais fácil do que eu pensei. Ainda assim, a coisa toda me deixou agitada, cansada, confusa.

Solo me leva para a clínica, onde todos, aparentemente, estão meio agitados, pensando no que poderia ter acontecido com a filha da chefe. Felizmente, minha mãe passou o dia em um spa. Ela fica fora de alcance quando está passando por uma desintoxicação, rejuvenescimento ou renovação.

— Eu estava passeando por aí — digo ao Dr. Anderson.

— Você deveria estar na cama — ele diz. — Não está em condições de passear.

*Nem de correr atrás de criminosos, digo para mim mesma.*

Quando os funcionários voltam ao normal, Solo me leva para a estação de trabalho onde o Projeto 88715 está montado. Comecei a pensar nela como “minha” estação de trabalho. Meu projeto.

As luzes estão fracas, mas as luzes brilhantes na figueira enorme estão acesas. Não tem ninguém por perto.

Pigarreio.

— Obrigada — digo. — Por ajudar com a Aislin.

— Sem problemas. — Solo enfia as mãos nos bolsos. — Está com fome? Posso ir até o refeitório, ver o que tem por lá.

— Não, estou bem. Elétrica.

— Você acha que a Aislin vem?

— Não. Eu não tenho o charme de Maddox.

Solo ri, olha para os sapatos.

— Você é bonita. Mas não é o Maddox.

A tensão do carro parece ter passado. Ótimo. Podemos fingir que não aconteceu.

Eu me conecto, aperto algumas teclas e, de repente, um par enorme de olhos gigantes — os olhos de Solo — aparece a nossa frente.

— Adam espera — digo.

— Adam, hein?

— Foi o nome que Aislin deu a ele. Mas poderia ser Steve. Ainda está para ser definido.

Solo trava a minha cadeira de rodas.

— Certo, então. Boa noite — ele diz.

— Boa noite. E obrigada de novo.

Eu me sinto estranhamente solitária quando ele se vai. Muitas máquinas murmuram baixo, mas, tirando isso, o silêncio reina.

Aqueles olhos latejam devagar, lançando um luar azul sobre minha mesa.

Eu provavelmente deveria fazer o restante do rosto de Adam. Esses olhos precisam de um lar, afinal.

Olho para a tela, analisando minhas opções. O software me dá um pouco de flexibilidade. Depois de alguns minutos de hesitação, clico em "mãos".

Não sei por quê. Digo a mim mesma que é porque os polegares são muito importantes para a espécie *Homo sapiens*. Para usar ferramentas e essas coisas.

Parece profundo em minha mente.

O rosto? É só aparência, na verdade. Mas as mãos, bem... as mãos *fazem* coisas. As mãos criam.

Estou me saindo muito bem com o software agora. Quando ele lança um aviso sobre o fluxo de sangue, eu me lembro de como conectar as mãos virtuais ao fluxo temporário de sangue virtual. O software muda de posição subitamente, como fez com os olhos, e as mãos assumem uma realidade estranha.

Mãos. Com tubos levando sangue de um lado a outro.

Mãos, flutuando aproximadamente a setenta centímetros abaixo dos olhos que, de qualquer forma, também flutuam no nada.

Eu tenho mãos. Boas mãos. E dois olhos. Bons olhos.

E só o que falta são rosto, pernas, braços, ombros, peito, costas e um cérebro.

Sim, só isso.

Eu enrolo um pouco. Por que estou relutante em dar a ele um rosto?

Porque, sério, como se faz um rosto? É por isso. É por isso, em parte, pelo menos.

Mas tem outra coisa. Com um rosto, você tem uma pessoa. Um indivíduo específico.

Adam não será Adam sem um rosto.

E ele só vai ter um rosto quando eu fizer um.

Mordo meu lábio inferior. Beleza, então.

Sobrancelha. Não deve ser baixa, não gosto de sobrancelhas baixas. Não quero alta demais, só um pouco mais alta do que o comum.

Depois da sobrancelha, vem o cabelo. Loiro? Moreno? Ruivo?

Rupert Grint é ruivo. E parece bacana.

Estou atrás de alguém bacana?

Não. Não tão legal quanto o Rupert. Um pouco menos legal.

Daniel Craig. Ele tem cabelos loiros. Ele pode ser bacana na vida real, mas não interpreta personagens bacanas nos filmes. Os loiros podem ser cruéis.

— Isso é idiota — digo.

— O que é idiota?

Eu me sobressalto. Não conheço a voz. Eu me viro e vejo uma pessoa estranha. Ele parece ter tatuagens no corpo todo, menos no rosto. Não, esqueça isso: ele tem uma tatuagem na testa. Por falar em sobrancelhas.

— O que é idiota? — ele pergunta sem rodeios.

— Quem é você?

— Por acaso, sou o Dr. Holyfield. Sou responsável pelo Projeto 88715.

— Ah.

— Gostaria de saber o que é idiota.

Não me deixo intimidar. Ele quer que eu tenha medo, está franzindo o semblante, mas não me deixo intimidar com facilidade. Certamente não em um prédio com o nome da minha família do lado de fora.

— Cabelos. Eu estava pensando na cor dos cabelos — explico.

Ele olha para mim como se não aceitasse a minha resposta. Como se existisse uma resposta melhor que estou me recusando a dar.

Eu olho para ele também.

Ele também não gosta disso. Que pena.

— A cor é irrelevante — ele diz, finalmente. — Não passa de estética. Não é por isso que você está comandando essa simulação. Sua mãe não deu a você a tarefa para descobrir suas preferências em cores de cabelo.

— Hum. Então, por que ela “me deu a tarefa”?

— Porque ela quer manter você ocupada, creio eu. — Ele dá de ombros quando me ofendo. — E, creio eu, porque pode ser interessante ver o que uma pessoa comum faz.

— Comum.

Ele olha para o que fiz até agora — íris e mãos.

— Por que começaria com mãos e olhos?

Respiro fundo. A verdade é que não passei muito tempo pensando no “porquê”. Mas não quero admitir. Esse cara está me irritando. Tirando as tatuagens, ele é bem como os outros cientistas da Spiker que conheci: arrogante e apaixonado pelo próprio Q.I.

Então, eu digo:

— Porque os deuses querem ser vistos, e eles querem ser servidos.

— Deuses?

Ergo meus ombros no que espero ser uma imitação do gesto *bonzão demais*.

— Não me dê a tarefa de criar um ser humano a menos que queira que eu me sinta Deus.

— É só uma simulação — ele diz, estreitando os olhos de modo suspeito.

— Certo, e eu sou só uma simulação de Deus.

A conversa não está indo bem para ele.

— Se houvesse um Deus nesse processo, seria o cara que criou o software RDSS-3 e o uniu aos CGMs.

— Os o quê?

— O RDSS é o Sistema Rápido de Seleção de DNA e, claro, CGM é o Controle... — ele para, olha para mim e bate no peito. — Eu. Quem fez o RDSS e alcançou seu potencial.

— Então, *você* é Deus.

Ele ri.

— Bem, você não é. Eu fiz esse sistema. E você só o está usando.

— Sim. Como um pintor usa tinta. Certo? — pergunto, de modo inocente. — Aposto que o cara que vendeu tinta ao Da Vinci acreditava que *e/le* era o artista.

— Hum... — ele diz, com os olhos frios. — Deve ser legal ser você, menina. Rica e privilegiada. Tudo é dado a você de mão beijada. Deve ser bem bacana.

Ele se vira e se afasta.

O que diabos é CGM?, fico me perguntando... *Controle*. Foi o máximo que ele disse, e parou.

Digito no Google. CGM e a palavra "controle". Muitos resultados, nenhum deles muito interessante.

— Cabelos pretos — digo a ninguém.

Cabelos pretos, é isso. Eu toco a tela, movo o mouse. Mas o programa me avisa que eu cometi um erro. Vamos precisar de um couro cabeludo e de uma cabeça inteira antes de colocarmos os cabelos.

Não faço ideia de como decidir o formato da cabeça. Na minha vida toda, nunca passei três segundos pensando em formatos de cabeça.

Volto ao Google e começo a estudar.

— Espere um pouco — digo alto. — É isso o que ela está fazendo? Minha mãe está tentando fazer com que eu estude genética? Não, isso seria muito maternal, não suficientemente subterrâneo.

Hum.

Mas não importa. Estou curtindo isso. E é uma boa maneira de parar de pensar em Aislin, em Solo e Na Perna.

Durante as próximas três horas, eu mal desvio os olhos da tela.

E, quando finalmente olho para a frente, vejo Adam olhando para mim.

Ele tem um belo rosto. O nariz é perfeito. As maçãs do rosto poderiam ser de um modelo. Os cabelos pretos são lustrosos. A boca... é a única coisa com a qual não me sinto satisfeita. Aquela boca, aqueles lábios, são quase perfeitos demais. Tem algo de irritante naquela boca perfeitamente desenhada.

Os olhos são inexpressivos, não têm brilho de inteligência, de ideias ou consciência por trás deles.

E, de repente, percebo que estava certa na resposta que dei ao Dr. Holyfield. Quero que minha criação me veja. Por isso, terei que dar um cérebro a Adam.

## 18 Solo

**M**eu telefone toca às 2h14.

Saio da cama, fico de pé, percebo que o telefone ainda está tocando, me viro, tento lembrar onde diabos ele está e por que diabos está tocando. Eu o encontro e começo a mexer nele do modo todo errado.

Não acordo bem às duas da madrugada.

— Solo.

Meus olhos se arregalam. É Terror em carne e osso. São 2h14 da madrugada. E, de repente, percebo que não estou vestindo nem uma peça, e, sem querer, eu olho em direção à câmera de segurança.

Não me preocupo em andar pelado. Primeiro, noventa e nove por cento das filmagens das câmeras não são vistas por ninguém. Vão diretamente para os servidores. E, segundo, nos raros momentos em que o vídeo é visto, é um segurança entediado que assiste.

De qualquer modo, não sou muito tímido.

Só que é Ela, a Poderosa, a Bruxa Má em pessoa, me chamando no meio da noite.

— Sim? — digo, porque só consigo pensar em dizer isso.

— Preciso de você. Vá ao elevador sul, Piso Dois.

— Quando?

— Agora.

— Agora?

— Estou gaguejando? Agora.

Hesito, tentando acelerar os processadores.

— Já chamei outros dois funcionários, e os dois não conseguiram ou não quiseram responder. Os dois, agora, são ex-funcionários.

— Estou indo — digo.

Clique.

— Que merda? — pergunto ao meu quarto. Eu me sinto totalmente acordado e, ainda assim, consigo vestir a calça jeans do lado errado. E onde deixei minha camisa? Está fedida? Há camisas limpas no meu armário? Sim, tem uma.

Encontro a parte da frente da camisa. Isso. Ótimo. Sapatos.

Estou mais ou menos vestido e parto pelo corredor, com os olhos vermelhos, cabelos despenteados, sem meias, sem cueca, sem cinto. Meu olho esquerdo parece ter sido colado, mas estou indo.

Chego ao elevador e desço ao segundo andar, que é a principal área da recepção. Os elevadores que vêm da garagem param aqui primeiro. É um espaço incrivelmente surpreendente, assustador, um átrio de quatro andares com uma enorme hélice dupla flutuando no ar, brilhando com luzes piscantes.

As luzes estão fracas, iluminando só uma parte das portas do elevador e a mesa da recepção. Tem um cara da segurança sentado ali, surpreso em me ver. Está pensando em me perguntar por que estou aqui quando escutamos o toc toc dos saltos de Terra.

O guarda rapidamente ajeita a gravata, me lança um olhar e fica de pé quando Terra entra.

Sinceramente, como ela consegue estar tão bem a esta hora? Sim, Eve mencionou que ela passou o dia em um spa, mas são duas e pouco da madrugada e a mulher parece que acabou de sair da revista *Mães Assustadoras e Gostasas*.

Ela olha energicamente para mim, como se tivesse me flagrado fazendo algo. Fico corado porque há muitas chances de isso ter

acontecido.

— Aquela maldita garota está aqui — ela diz.

Sério? Ela está se referindo à própria filha como “maldita garota”? Acho meio pesado, mesmo para Terra Spiker.

— Eu estava no meio do trabalho — Terra continua.

*Às duas da madrugada?* Penso, mas fico calado.

— E agora você deve estar vendo que não estou no meio do trabalho.

O elevador apita. A porta se abre. Há um segurança à paisana — instantaneamente reconhecido pelo terno de *Homens de Preto* e o ponto de comunicação no ouvido. E o volume da arma embaixo da jaqueta.

Ele segura o braço de Aislin com força.

Começo a sorrir para Aislin. E, então, eu vejo. O nariz dela foi quebrado. Um olho está vermelho e inchado e, em pouco tempo, vai ficar roxo. Há um vergão em seu pescoço, uma faixa da roupa que obviamente foi rasgada e amarrada de qualquer jeito. Tem sangue em uma parte do couro cabeludo onde alguém arrancou seus cabelos.

O guarda e Aislin saíram do elevador. Ele ainda a segurava com força pelo pulso, como se ela fosse uma ameaça.

— Que surpresa ver você, Aislin — Terra diz em uma voz capaz de congelar o oxigênio.

Pela primeira vez, Aislin não sabe o que dizer. Estava chorando. Ela vê Terra, se retrai, e olha para mim. Por um segundo, seu olhar é de total vulnerabilidade. É difícil olhar: ela não é do tipo vulnerável.

— Uma surpresa ver você, não uma surpresa vê-la em apuros — Terra diz. — E você ainda não entende por que não a quero perto dela? Veja por si mesma.

— Deixe-a em paz. — As palavras saem de minha boca antes que eu perceba.

Os dois caras da segurança parecem que tiveram um ataque. Ninguém respira. Terra olha para mim sem acreditar. Vejo um olhar de diversão nos olhos de Aislin. E de gratidão.

Terra para de olhar para mim depois de respirar fundo.

— A Aislin vai passar a noite aqui, Solo — ela diz. — Encontre um quarto para ela. Não acorde a Evening. Ela ainda está se recuperando e não precisa... disso.

A palavra “disso” está repleta de veneno.

— Vinte e quatro horas — Terra diz a Aislin, com o dedo de unha pintada erguido no ar. — E só porque minha filha me odiaria se eu não permitisse.

Ela bate os saltos por dez passos, para, vira mais uma vez e diz:

— E mande um recado ao Dr. Anderson, Solo. Essa garota está arrebitada.

E, então, ela desaparece.

— Oi, Solo — Aislin diz de modo tímido enquanto o guarda se afasta.

— Vamos chamar a Eve — eu digo.

— Não, não, não, você ouviu a mãe dela.

— É, bem... Terra pode... ela pode cair morta. Algo ruim aconteceu com você. Você veio aqui para ver a Eve, não a mim.

Ela se encosta em mim. Cheira a bebida e cigarros.

— Você é um cara legal. Espero que a E.V. perceba isso.

Eu a ignoro.

Não, não a ignoro, exatamente. Parece que uma flecha acertou meu peito e eu me vejo meio assustado, sem fôlego e, não sei, não

sei qual é a outra emoção. Como algo que eu não sabia existir em mim, e então, de repente, existe.

Atravesso o corredor com Aislin. Ela está recostada em mim e mole, mas acho que não é por causa da bebida. Acho que ela está meio desesperada.

— Você telefonou para a polícia?

— Longa história — ela diz.

— Porque você deveria...

Passamos pela mesa das enfermeiras.

— Vamos ver a Eve — digo. — A Evening.

A enfermeira se levanta.

— Essa garota precisa de cuidados.

— Chame o Dr. Anderson — digo.

— Eu estou bem — Aislin diz, balançando a mão vagamente.

A porta de Eve está aberta, mas eu bato mesmo assim. Preciso bater várias vezes até ela acordar.

— Oi? — ela diz.

— Sou eu, Solo. Estou aqui com a Aislin.

— *O quê?*

— Oi, E.V. — Aislin diz.

— O que... entre, OK?

Eve está como eu provavelmente estava vinte minutos antes. Como se só conseguisse abrir um olho. E parece que tem baba no canto esquerdo de sua boca.

Por que eu acho isso meio sensual? Sério. Baba de sono.

Ela se senta. Está vestindo uma camiseta pequena demais. Os cabelos estão jogados para um lado da cabeça.

Os olhos dela se arregalam. Ela mal percebe minha presença. Aislin se aproxima cambaleante da cama e se joga nos braços dela. É um abraço comprido. Eu fico na porta, olhando para o chão.

Estou pensando que está na hora de eu sair dali em silêncio quando Eve olha para mim por cima dos ombros de Aislin, franze o semblante, inclina a cabeça um pouco, indicando que devo entrar.

Entro. Parece que entrei no Templo Sagrado.

Ai, meu Deus. Nunca estive no quarto de uma garota antes. Tem um cheiro diferente. Cheira bem.

Ainda assim, é meio desencorajador. Tudo é muito novo para mim. Mesmo essa sensação de que tudo é muito novo.

— Aislin — Eve diz baixinho. — Ah, Aislin.

A enfermeira aparece na porta.

— O Dr. Anderson está vindo — ela diz. — E você não está em condições de receber visitas de madrugada.

— Por favor — Eve diz, acariciando os cabelos de Aislin —, deixem-nos.

A enfermeira retorce as mãos.

— Dois minutos — Eve diz, e a enfermeira se retira.

Eve tem um pouco da mãe, percebo chocado. Nunca tinha visto antes, mas, quando ela quer, consegue fazer a mesma voz de ordem e controle.

— E então? — Eve pergunta a Aislin.

Aislin não olha nos olhos dela.

Eve olha para mim. Começo a responder sem me dar conta do que estou fazendo.

— Sua mãe me acordou e disse que eu deveria encontrá-la no elevador. Aislin apareceu. Tenho que encontrar um lugar para ela ficar.

Eve escuta o que eu não disse.

— Minha mãe disse para você trazê-la aqui, para mim?

— Não. Na verdade, ela me disse exatamente para não fazer isso.

A expressão de Eve se suaviza.

— Nem sempre faço exatamente o que me mandam — declaro.

— Bem, obrigada — ela diz.

Passo os dedos pelos meus cabelos. Estão embaraçados, até mesmo para meus padrões, que são bem baixos.

— É melhor eu ir.

— Fique — Eve diz com firmeza, falando como Terra de novo. Ela se retrai, olha para baixo, sorri discretamente. — Quero dizer, por favor, fique, se não se incomoda.

Pego uma cadeira.

— Claro, sem problemas. — Esperava que ela dissesse isso.

— Conte, Aislin — Eve diz com paciência.

— Eles foram ao apartamento de Maddox. — Aislin respira meio trêmula. — Eu estava lá. Eles começaram a bater. Loucura. Eles o ameaçaram. Eles quebraram uma janela e alguém deve ter chamado a polícia. O que foi bom, porque eles entraram. Os caras arruaceiros, não os policiais. Digo, eles tentaram... e então um deles... — Ela imita um soco. Ela começou agitada, mas agora a narrativa está falhando. Ela está ofegante, como se tudo estivesse acontecendo de novo.

— O cara, ele me bateu, e eu caí. Me chutou... Maddox, estavam com ele, os outros caras, e eles estavam acabando com ele, que gritava pedindo ajuda. Eu tentei. Meu telefone. E, então, *bam* de novo. Uma arma e eles estavam apontando. Maddox. E, então, as sirenes, e eu corri, saí pela porta, descí a escada e ia chamar os policiais para ajudar. Confusa por ter apanhado e tal.

Eve olha para mim.

Ouvimos uma batida na porta de Eve. É o Dr. Anderson com a enfermeira, que está trazendo uma bandeja de curativos e suturas.

— Nossa — o médico diz. Ele está usando um pijama vermelho de seda. Está descalço.

O Dr. Anderson leva Aislin a um local onde a luz é melhor, perto da mesa. Ele olha de canto de olho para o nariz dela. Os cortes estão feios. A enfermeira emite um som de reprovação.

O médico coloca as luvas de borracha, toca o ferimento.

— Sim, certamente precisará de pontos, jovem. Mas, primeiro, vamos fazer uma radiografia, para ter certeza de que não há nada quebrado.

Aislin não reclama. Ela está fora do ar.

A enfermeira e o médico ajudam-na a sair pela porta.

— Vai demorar só um minuto — a enfermeira avisa.

— Você, fique quietinha — o Dr. Anderson diz a Eve. — Já teve diversão demais para um dia só.

— Não foi só diversão — digo.

Eve contrai os lábios, controlando um sorriso.

— Devo ir? — pergunto a Eve quando eles saíram. — Sei lá, não tem nada que eu possa fazer, acho.

Eve ajusta os lençóis.

— Tudo bem se você ficasse — ela diz casualmente. Não sei se ela me quer por perto ou não. — Talvez eu precise de ajuda enquanto estiver com a Aislin por perto.

— Sim, tudo bem — digo, num tom parecido com o dela. — Estou bem desperto, mesmo.

Ficamos sentados em silêncio. O espelho tem cartões grudados nele, com votos de melhora. Há flores em todos os lados. Coisas de

garota estão espalhadas pelo quarto: kit de maquiagem, um vidro de perfume, algo impossível de identificar, bege e sedoso.

Aislin volta com a enfermeira e o médico.

— Não tem nada quebrado — ele diz. — Acho que podemos deixar tudo bem de novo. — Ele boceja. — Enfermeira, pode terminar. O Ambien está fazendo efeito.

Aislin se senta em uma cadeira de couro enquanto a enfermeira prepara os equipamentos.

— Olhe, querida — Eve começa com voz de sermão. Ela ouve a si mesma e vejo que se sente desconfortável. Mas precisa continuar. Quero que ela continue. Alguém precisa trazer Aislin à realidade. — Isso tem que acabar, Aislin. Você sabe disso. O mundo todo sabe disso. Você vai acabar se machucando.

— Vai ficar tudo bem — Aislin diz. Mas não há força nas palavras dela. Ela não acredita no que está dizendo.

— Eu sei que você se importa com o Maddox — Eve diz. — Mas isso não pode continuar.

— Vou dar um remédio para a dor — a enfermeira diz.

Aislin está chorando. E não acho que seja por causa da dor.

Em pouco tempo, a enfermeira sai. O nariz de Aislin parece um pouco a perna de Eve. Uma confusão de curativos brancos.

Aislin se levanta para se olhar no espelho.

— Nossa. Por quanto tempo vou ter que ficar assim?

— Veja a rapidez com que meu rosto cicatrizou — Eve diz.

— Vai demorar bem mais para a Aislin do que demorou para você — digo. Sai sem eu querer. Tarde demais para voltar atrás. Por um segundo, acho que ninguém vai dizer nada.

— Por que demoraria mais? — Eve pergunta. Parece que eu ofendi Aislin.

Não respondo. Abaixo a cabeça, cotovelos nos joelhos.

— Solo? — Eve pressiona. — Por que não me responde?

Olho para ela. Olho para o banheiro.

— Ali. — Digo sem emitir som.

Para meu alívio, as duas entendem imediatamente.

— Pode pegar minha cadeira de rodas? — Eve pergunta para mim.

— Tente ficar de pé — sugiro.

Ela me lança um olhar desconfiado.

— Está brincando? De jeito nenhum.

— Beleza, então. Vou ser sua muleta — digo, dando de ombros.  
Como se fosse um sofrimento.

Passo o braço ao redor de Eve e a ajudo a entrar no banheiro.  
Aislin nos segue, movendo-se de modo desequilibrado.

Com a porta fechada, o banheiro fica apertado, mas tudo bem. O quarto é espaçoso, e o banheiro também. Procuro no armário de remédios, e então nas gavetas. Pego uma tesoura.

— O que vai fazer? — Eve pergunta.

Eu me ajoelho na frente dela.

— O que é mais fácil? Subir ou descer?

Ela entende o que pretendo fazer. Com uma expressão de desconforto, Eve abaixa a calça do pijama, que se acumula ao redor de seus tornozelos.

— É isso o que você veste de roupa íntima? — Aislin protesta.

— É confortável.

Não comento. Eu me contento em engolir em seco.

Os curativos grossos se estendem do tornozelo até a coxa. Bem em cima. Com muito cuidado, mãos tremendo, eu puxo a ponta do curativo da perna dela, e insiro a tesoura com a ponta para baixo.

Aislin passa o dedo indicador pelo nariz cheio de curativo.

— Sabe, pensando bem, é estranho eles não terem engessado sua perna.

— Na verdade, não é tão estranho — digo.

— O que está fazendo? — Eve pergunta. Mas não com seriedade. Não como se fosse me impedir. Sua voz está um pouco hesitante.

Eu corto.

Desço pela parte interna da coxa dela.

Chego ao ponto onde a perna foi cortada. Retiro o curativo para expor essa parte.

Nós três olhamos.

A luz do banheiro revela tudo.

No ponto onde a perna tinha sido decepada — com pele destruída, osso quebrado, músculo dilacerado como uma coxa de peru — tem uma pele lisa e impecável.

## 19 Eve

— Não tem nem cicatriz — Aislin diz.

Ficamos olhando por um tempo. Eu estico dedos trêmulos em direção à minha perna.

Preciso tocá-la para acreditar.

A pele não está nem marcada. Não está só lisa. Está absolutamente igual a como era antes do acidente.

Continuo retirando ainda mais os curativos. É como tirar uma calça muito justa. Desço até o joelho, para garantir, só para ter certeza de que minha memória não está de brincadeira comigo.

— Estamos acordados, certo? — pergunto.

Solo fica de pé. Ele coloca a tesoura no balcão.

— Está assim há alguns dias. No segundo dia, tudo já estava bem. No terceiro, as cicatrizes devem ter desaparecido. No quarto? — Ele ergue os ombros. — Pode haver variações, não é nada certo.

Aislin parece ter se esquecido de seus próprios ferimentos.

— Isso não é possível. É?

— Solo — digo. Ele tem as respostas. Sei que tem.

— Já ralou o joelho, um ferimento que durou mais de um dia? — ele pergunta.

— Hum... não sei. — Penso na minha vida toda e nos curativos que usei. — Quem fica olhando?

— Cortes? Hematomas? — Solo se recosta na pia, com os braços cruzados no peito. — Dor de dente?

— Eu sempre passo o fio dental — digo, de modo defensivo.

— Resfriados? Gripes?

Meu coração está acelerado.

— Eu tomo vitamina C — digo, esboçando um sorriso. — Quantos resfriados você teve na vida?

Solo fica tenso. Começa a dizer algo, mas para.

— Estamos falando sobre você.

— Ela nunca fica doente — Aislin diz suavemente. — Tipo... nunca. Ela não tem nem cólica.

Eu olho para ela.

Ela ergue as mãos de modo defensivo.

— Bom, é verdade.

— Então, sou a imagem da saúde. Tenho sorte — digo. E toco minha coxa.

Solo balança a cabeça.

— Ninguém tem tanta sorte assim.

— Espere! Já sei! — digo de modo triunfante. — Quando tinha dois anos, passei por uma cirurgia do coração. — Fico estranhamente aliviada com esse fato. — Foi uma coisa envolvendo a válvula. Congênita. Mas eles consertaram. Com tecido de porco, na verdade.

Aislin franze o cenho.

— Tipo... bacon?

— Não — Solo diz olhando para mim. — Eles não consertaram cirurgicamente.

— Claro que sim. Porque estou aqui, bem. Mais do que bem. — Mordo a unha do polegar, pensando. — E como você pode saber o que aconteceu quando eu tinha dois anos?

Solo olha para baixo.

— Você não tinha muito tempo de vida, Eve — ele diz. — As chances de conseguir um transplante de coração eram muito baixas. De certo modo, dá para entender por que eles fizeram isso. Estavam desesperados.

Seguro o braço dele.

— O que está me dizendo?

— Você é modificada. — Solo toca minha mão e eu solto o braço dele. — Você é geneticamente modificada. Aconteceu quando você tinha dois anos. Está em seu arquivo.

Ele me espera absorver a informação.

Eu o deixo esperando.

Não estou absorvendo.

— Dois dias depois de sua cirurgia, você estava totalmente curada — Solo diz. — Os médicos achavam que estavam vendo coisas. O que eles estavam vendo era o Soro Logan. Sua mãe ou seu pai deve ter injetado em você.

— Soro Logan — repito.

— Legal — Aislin diz, olhando para seu reflexo no espelho. — Posso receber um pouco?

— Ninguém pode — Solo responde. — Nunca foi aprovado pelos órgãos do governo.

— Por que não, se — começo, mas as pernas de Aislin se desequilibram um pouco. Ela se controla, mas estou vendo que a noite cobrou seu preço.

— Preciso de água — ela diz, com uma voz fininha.

Encho um copo com água da torneira. Solo segura Aislin quando ela desaba de repente. Ele a levanta com facilidade. Ela não está inconsciente, só zozna.

Solo a coloca na minha cama. Eu coloco um travesseiro sob a cabeça dela, tiro suas botas e a cubro com um cobertor.

Faço um sinal para que Solo volte comigo para o banheiro. A Perna está surpreendentemente forte, mas minhas mãos não param de tremer.

Fecho a porta do banheiro.

— Primeiro, estamos aqui porque não há câmeras de segurança, certo?

— Sim.

— Isso. — Eu coloco a mão na torneira. Não quero olhar diretamente para Solo. — Essa coisa da cicatrização. Por que nem todo mundo tem? Por que minha mãe, a Spiker...

— Porque é ilegal. O jeito como fizeram é ilegal. Eles fizeram testes em humanos. Agora, têm que recriar tudo do zero, fingindo descobrir e testar do modo correto. Isso demora anos.

Eu me forço a olhar para ele.

Tem mais. Estou vendo em seus olhos. Vejo que ele está me desafiando a perguntar. Vejo que ele está bem disposto a me dizer.

É o que me faz me segurar. Não quero mais saber. Não agora. Não ainda.

Uma coisa é saber que sua mãe burla a lei de vez em quando. Minha mãe sempre foi meio estranha no quesito ética.

Outra coisa é saber que sua mãe agiu totalmente contra a lei. E que fez isso para salvar sua vida.

É mais ou menos como minha mãe mencionar, sei lá, durante o café da manhã, em um dia qualquer: *Frite um ovo, Evening, e não se esqueça de seu projeto de ciências. E, por falar em projeto de*

*ciências, seu pai e eu a modificamos geneticamente quando você tinha dois anos. Por favor, coloque os pratos na pia.*

Solo sabe que eu não quero saber. Ele ri, um som duro e sem graça. Abre a porta do banheiro e atravessa meu quarto.

— Preciso ir. Estou acabado. Se sua mãe perguntar, a Aislin encontrou um lugar aqui. — Ele tira o cartão-chave de dentro do bolso de trás. — Este aqui é da Suíte Quatorze. É para ser o quarto dela.

Pego a chave. Tenho que dizer obrigada, não tenho? Ele se arriscou muito ao trazer Aislin para mim.

Mas, de alguma maneira, a palavra não sai de minha boca. Só consigo dizer:

— Boa noite. — E ele sai.

Aislin ronca.



Apesar de tudo, eu durmo. Apesar de a mão de Aislin estar sobre meu rosto. Apesar das lembranças estranhamente claras de eu ter abaixado meu pijama enquanto Solo ficava de frente para a minha calcinha brochante.

A lembrança sensorial, o arrepio que sinto com ela, de Solo passando os dedos com cuidado na minha perna.

Apesar de tudo isso, eu durmo. Sonho com um hospital. Mas não um hospital aqui na Spiker. Nem na sala de emergência. É um quarto de hospital do meu passado.

Vejo minha mãe. Vejo meu pai.

Sonho com meu pai, às vezes, nunca com minha mãe.

Mas, nesse sonho, eles estão juntos, sussurrando. Minha mãe está segurando uma seringa. Meu pai assente, aprovando. Os dois estão chorando.

Eu acordo com o mau hálito de Aislin. Está cheirando a vômito. Espero que ela tenha conseguido chegar ao banheiro. Eu caminho até o banheiro e encontro o vaso cheio. Bem, antes o vaso do que a cama.

Meu curativo está solto. Tenho que cortá-lo totalmente ou tentar esconder o que sei até minha próxima troca de curativo.

Percebo, então, o que deveria ter percebido antes: todo mundo sabe. Os médicos, as enfermeiras. Todos sabem que o ferimento se foi.

Todos sabem. Todo mundo num jogo, escondendo a verdade de mim.

É por isso que minha mãe teve tanta pressa de me tirar do hospital e me levar para a Spiker. Meu segredo seria revelado em um dia. E o que teria acontecido com a minha mãe se fosse descoberto que ela burlou a lei? Muitas leis?

Está escuro no quarto, mas o relógio marca 8h42. Eu normalmente já estaria de pé a essa hora. Estou meio tonta pela falta de sono, e minha cabeça está tomada por imagens e palavras. O rosto ensanguentado de Aislin. A lembrança do sonho de um quarto de hospital, há muito tempo. As palavras de Solo: *você foi modificada geneticamente*. A sensação irreal de meus dedos no lugar onde a ferida grave aconteceu.

Apesar disso, a lembrança mais forte é a de Solo ajoelhado no chão do banheiro.

Sigo em direção ao banheiro. Aislin ronca baixinho.

Pego a tesoura que Solo usou para cortar a bandagem de minha perna. Estranhamente, corto as bandagens no braço e mão do meu lado direito.

Eu mexo os dedos machucados, sacudo a mão, dobro o cotovelo quebrado.

É como se nada tivesse acontecido.

*Você foi modificada geneticamente.*

Não pense nisso.

Tomo um banho bem quente. Não acredito que seja tão bom. Ficar de pé sob o jato de água é uma dádiva. Passar xampu nos cabelos com as duas mãos é uma felicidade.

Eu me seco, visto roupas limpas, um jeans com duas pernas. E, então — com a mão direita, claro —, pego meu caderno de desenho e o lápis.

Não pense nisso. Não pense nisso.

Abro o trabalho inacabado que estou fazendo no “desenho de modelo vivo”.

O lápis parece macio e firme entre meus dedos. A resistência da ponta no papel é música.

Eu escrevo algumas linhas aleatórias, só para acertar o ritmo.

Não pense nisso.

Analiso meu desenho. Ele ainda está ruim.

Precisa de algo. Energia, brilho, alma.

Desenho de modelo vivo, o meu nariz. Isso é natureza-morta.

São os olhos. Os olhos estão errados. Eles são bem diferentes dos olhos que tenho criado com a ajuda do software da minha mãe.

Os olhos de Adam pulsam com possibilidades.

Esses olhos... bem, eles são grânulos de grafite em material reciclado.

*Não pense nisso.*

Começo a apagar o olho esquerdo, mas de repente me lembro do cartaz gasto na sala de artes:

“Criatividade é permitir a si mesmo cometer erros. A arte é saber quais ocultar”.

Eu viro para uma nova página, rasgo e escrevo um bilhete rápido a Aislin.

Coloco o papel perto do travesseiro dela. Ela afastou os cobertores, por isso eu os subo de novo. A face dela parece uma ameixa madura, roxa e inchada.

Coloco o caderno de desenho em uma gaveta.

Então, corro para salvar Adam.

**E**u me ajeito na minha estação de trabalho. Um feixe de luz do sol invade o ambiente. A figueira brilhante soltou uma folha no meu teclado. Alguns funcionários olham para mim quando apareço, e rapidamente voltam a olhar para seus monitores.

Digito minha senha. Clique, clique, toque, toque.

Posso digitar de novo. Duas mãos, dez dedos.

Adam aparece.

Ele é um cara bonito. Bem bonito.

Parece que os outros funcionários também acham. Eles ficam olhando, como se estivessem hipnotizados, para o rapaz diante deles.

— Quero o trabalho dela — alguém murmura.

Olho para o lado e, em perfeita sincronia, todo mundo volta a olhar para seu monitor. Afinal, sou a filha de Terra Spiker. Contato visual não é uma opção.

Terra Spiker, que aparentemente é capaz de tudo.

Eu mexo os dedos da mão direita. Meus dedos perfeitos e sem dor.

Eles estavam tentando salvar minha vida. Eles *salvaram* a minha vida.

Se eles não tivessem dado um jeito, ignorado os órgãos de saúde, eu não estaria aqui.

Eu não faria a mesma coisa por alguém que amo? Por Aislin?

Sim, num piscar de olhos.

Mas eu teria guardado esse segredo, um segredo que ela descobriria por meio de um desconhecido?

Solo não é um desconhecido, uma parte de meu cérebro protesta. Mas é claro que é. Não sei quase nada sobre ele, só sei que ele odeia a minha mãe.

Clique, clique. Eu me concentro no monitor.

Percebo que os olhos de Adam — que, sim, por acaso são da mesma cor dos olhos de Solo, o que, sim, é só uma coincidência — não estão tão vivos quanto eu me lembrava.

Como meu desenho, o olhar é inexpressivo. Tem um vazio, um vazio. Ainda assim, tem uma sensação de, não sei, *potencial* para Adam.

Não é como a arte. Eu sei consertar esse problema.

O conjunto de ferramentas para fazer os componentes genéticos do cérebro é diferente. As ferramentas não são tão simples quanto os primeiros passos na criação: plugue nesse gene e pronto, você tem olhos azuis, cabelos pretos ou pulmões.

Observo as instruções. Elas deixam claro, de modo brincalhão e simpático, que os genes devem ser a base para o cérebro, mas não dão o passo a passo. Os cérebros também dependem de experiência. E, mesmo no nível genético, as interações são tão sutis e tão entrelaçadas que não dá para ter certeza do que acontecerá. O cérebro é um emaranhado de ligações, bilhões e bilhões de ligações, com algumas áreas relativamente esparsas e outras tão carregadas que as ligações parecem se fundir, criando algo maior do que as simples conexões.

Coço o pulso, onde vejo um pedaço de fita cirúrgica. Coça. Meu corpo todo está ansioso, como eu me sinto depois de passar dias sem conseguir correr.

Pensando bem, talvez seja esse o problema.

Não, eu digo a mim mesma, não é esse o problema. O problema é que, de um jeito ou de outro, você vai ter que confrontar a sua mãe e dizer a ela que já sabe da verdade.

Não pense nisso. Ainda não.

Eu poderia dar a Adam um Q.I. de gênio. Poderia unir certos ícones e criar um baita cérebro complexo. Um que seja capaz de absorver detalhes e sintetizar grandes quantidades de dados.

Por outro lado, pode ser também que eu crie uma pessoa tão perfeita que ela não consiga se identificar com ninguém que não seja igual a ela. Eu poderia reduzir seus amigos e namoradas a um por cento da raça humana.

Poderia fazer com que a felicidade dele fosse algo impossível.

Talvez eu devesse fazê-lo comum. Ele poderia ter alguns amigos e algumas namoradas. Mas ele teria que se esforçar mais na escola. As coisas talvez não fossem fáceis para ele.

Ele pode ser mais feliz. Mas torná-lo comum não garantiria isso.

Eu poderia fazer com que ele gostasse de artes. Poderia prepará-lo para uma vida mais longa. Mas poderia ser que ele não encontre o que procurava e precisava.

Eu poderia fazer com que ele fosse tranquilo e corajoso. Ele poderia morrer mais jovem. Poderia ser um criminoso. Poderia ser um homem bem criativo.

Esse não é o trabalho simples e divertido de fazer um rosto e um corpo. Não sou religiosa, mas estou começando a simpatizar com Deus. Dê ao homem um cérebro inteligente o suficiente para dar nome aos animais, um cérebro útil e produtivo, e você começa a entender a história toda do fruto proibido.

Não é tão fácil quanto parece.

Penso em cérebros que conheço. Aislin. O que diabos está acontecendo no cérebro dela? Ela não é tão inteligente quanto eu, e talvez isso a coloque em apuros. Mas, ao mesmo tempo, se

somarmos toda a diversão e os momentos legais que tivemos? A pilha de Aislin seria como um arranha-céus perto da minha casa de três andares.

E a minha mãe? Ela é incrível. Ambiciosa. Amoral.

*Você foi modificada geneticamente.*

Ainda consigo ouvir Solo dizer aquilo. Como se fosse comum, algo corriqueiro.

Ele parecia um médico quando me contou. Um médico contando ao paciente que ele tem uma doença incurável.

O que é engraçado, pensando bem, porque o que eu tenho é como se fosse um superpoder. Consigo me curar com uma rapidez incrível. Eu poderia ser uma heroína de gibi.

Mas nunca percebi.

Será que sou tão esperta assim se nunca percebi?

— Ele é... bonito.

Eu me viro e vejo Aislin apontando para Adam. Ela está péssima. Hematomas em um lado do rosto. Os curativos cobrindo as suturas estão manchados de sangue, agora secos, cor de ferrugem.

Ela não foi modificada geneticamente.

— Como está se sentindo? — pergunto. Não me levanto para abraçá-la, apesar de achar que deveria. Não faço isso.

Ela não responde. Está boquiaberta.

— Case comigo, Adam. Não importo se você não tem umas partes. Amo você.

— Sim, o rosto dele ficou bom — digo de uma forma bem normal.

— Então, repito: como você está?

Aislin procura se concentrar.

— Estou de ressaca. Além disso, parece que alguém jogou uma bigorna em cima de mim. — Ela sorri, faz uma careta, e vejo um

dente lascado.

Quando eu tinha sete anos, quebrei um dente quando caí do balanço. Cresceu de novo. Por que não me dei conta de que era algo estranho?

Fico em silêncio. O lábio inferior de Aislin treme. Está prestes a chorar.

Eu fico de pé, afasto a cadeira. E a abraço.

Por que eu não quero? Por que tenho a sensação de que minha pele foi lixada e agora tudo parece demais?

— Preciso ajudar o Maddox — ela diz com o rosto em meu pescoço.

Eu a afasto de meu corpo.

— O Maddox é um traficante. E idiota, ainda por cima. É um traficante que se meteu com outros traficantes. E ele fez você se machucar.

Ela dá um passo para trás, para longe de mim.

— O que devo fazer? Deixar que eles o matem?

— O que acha de ligar para a polícia?

Ela suspira.

— Ele vai ser preso.

— Provavelmente.

Bato o pé, algo que minha mãe faz.

— Aislin, é sério. Que outra opção você tem?

Aislin se senta em uma cadeira. Seus cabelos estão molhados de sangue.

— Não sei. Não sei de mais nada.

— Quanto ele deve? — pergunto.

— Não estou pedindo dinheiro, E.V.

— Quanto? — Minha voz está meio séria e cínica. Eu me odeio por isso.

Ela olha para as unhas.

— Nove mil dólares.

Espero Aislin dizer que não quer isso. Que não está pedindo. Mas está, então não posso esperar.

Não quero fazer isso. Não deveria fazer. Mas, se isso ajuda Aislin a escapar de Maddox... a se salvar...

— Se eu fizer isso, se eu ajudar desta vez, você vai tomar jeito? Encontrar um cara que a trate melhor? Pode fazer essa merda com o Maddox parar?

Aislin funga, assente levemente.

A verdade é que não é muito dinheiro. É muito para a maioria das pessoas, mas não é nada para a minha mãe. O único problema é que minha mãe não me dá dinheiro: ela compra coisas. Se eu pedir ajuda, ela ajuda.

Mas só posso ser comprada uma vez. Preciso aumentar o preço.

Pego o telefone e envio uma mensagem de texto para minha mãe.

Aislin está olhando para Adam.

— Você está deixando passar algumas partes.

— Estou cuidando do cérebro — digo distraidamente.

— Por quê?

— Faz parte da simulação — respondo. — Ele precisa de um cérebro. Estou tentando decidir se devo fazê-lo muito inteligente ou só esperto.

Aislin pensa por um momento.

— Pode fazê-lo gentil?

Meu telefone toca. Minha mãe quer me encontrar no escritório em uma hora.

— Uma hora — digo, cansada, sem explicar.

É tão estranho. Depois de dias querendo a companhia dela, agora quero que Aislin vá embora.

Se ela percebe isso, não demonstra.

— Posso observar? — ela pergunta, apontando para Adam.

Puxo outra cadeira. Ela se senta. Estamos sérias.

Eu mostro a ela.

— Está vendo essas bolinhas? Indicam, basicamente, que se trata de um conjunto de genes que fez com que um cara fosse muito esperto. Mas tem outro conjunto diferente. E outro. E cada um deles, muitos acreditam, torna uma pessoa ou outra esperta.

— Como eles não sabem? — ela pergunta.

— Porque ninguém sabe. Não existe botão de “esperteza”. É como ser esperto em sabores diferentes. Esperto baunilha, esperto chocolate, esperto framboesa.

Aislin olha para mim com atenção.

— Você quer dizer que decodificaram o DNA de uma pessoa de verdade e descobriram o que fazia dela uma pessoa esperta? Quem eram essas pessoas?

Dou de ombros.

— Não sei. O programa não as identifica.

— Então, tipo Einstein ou Stephen Hawking?

— Talvez.

— Bem... isso não é bacana, certo? Fazer pessoas que sejam como outras pessoas?

— É só uma simulação — digo. — Eles não poderiam fazer isso realmente.

Ela olha para mim. Seus olhos estão vermelhos. Desvio o olhar.

— Só porque eles fizeram algo comigo... — digo. Não sei a segunda parte da frase.

— Você vai pedir a sua mãe?

— Os nove mil?

— Explicação sobre ser... como o Solo disse?... modificada.

Eu estendo O Membro Antes Conhecido como Perna.

— Vamos ver. Estou andando. Meus curativos desapareceram. Acredito que vai dar na cara.

Ficamos em silêncio por um tempo enquanto analiso configurações do cérebro. Aos poucos, a tensão entre nós diminui. Não quero ficar longe de Aislin.

Preciso dela. Ela é tudo o que tenho. E ela precisa de mim, mesmo que não perceba.

— Poderíamos fazer os músculos primeiro, depois o cérebro — Aislin sugere.

— Não é tudo genético, sabe? Ele teria que malhar.

— Faça-o direito e eu malho com ele — ela fala com aquele seu jeito confiante de sempre.

— Sem cérebro?

Ela suspira.

— Eles ficam melhores sem cérebro.

O escritório de minha mãe é meio surreal. Não é discreto. É Vegas, baby, mas com um toque muito bacana, até frio, *high-tech*.

A sala é grande, dominada por uma queda-d'água de nove metros. A água desce por uma série de pisos de pedra em ângulos irregulares. Muito lentamente, de modo que a água esteja sempre em uma nova configuração.

A mesa — se é que se pode chamar aquilo por um nome tão mundano — é uma peça de aço escovado, liso onde precisa ser, mas sobe para a esquerda de um modo que sugere um avião decolando com um bisturi.

Penduradas no teto há esculturas que meu pai fez. Ele trabalhava mais com metal — um pouco de madeira e vidro também. Não são exatamente móveis. São esculturas estáticas suspensas por cabos. Meu pai as chamava de “artefatos em voo”, esculturas que imitavam formas naturais: nuvens, árvores, pássaros. Minha favorita, feita de aço e acrílico, é do formato de um rio. Tem uma escultura de pé também, que sempre adorei. É um tipo de sequoia que se estende do chão ao teto.

Não sei por que minha mãe, que odeia arte, e especialmente detestava a arte de meu pai, se apegou a essas peças, nem por que ela as expôs. Já perguntei uma vez, e ela me disse que o seu designer de interiores precisava de algo pretensiosamente feio para tomar o espaço.

É um recinto totalmente intimidante. Um lugar que diz *você não é nada, e eu sou tudo*. De algum modo, no meio dessa expansão grandiosidade e extraordinárias, minha mãe ainda domina.

Não é um escritório onde você esperaria ver um monte de fotos bobas de família, mas ali estão elas, totalmente deslocadas, uma galeria de molduras prateadas na parede à direita de sua mesa. A maioria são fotos minhas, algumas de meus pais. Uma delas é de nós três, a pose clássica da família feliz na praia.

Eu me lembro daquele dia, um bom dia. Um dia de muito vento, frio demais para chegar perto da água. Empinamos pipa até ela cair.

Eu tinha quatro, cinco anos, talvez. Já tinha sido modificada. A mudança havia sido feita muito tempo antes.

— Oi, Evening — minha mãe diz de modo frio.

— Oi.

Ela olhou para minhas pernas. Só um brilho, nada mais.

— Vejo que sua perna está melhor.

— Está mais do que melhor. Está perfeita.

Ela olha para mim. Estou determinada a não ser a primeira a desviar o olhar.

Eu desvio o olhar.

— Quando ia me contar? — pergunto.

— Contar o quê?

— Que sou um de seus experimentos genéticos.

Um longo silêncio se instala, durante o qual eu escuto o som suave da água e minha mãe pensando. Bem, pelo menos escuto a água.

— Estou curiosa para saber como você chegou a essa conclusão — ela diz. Fica de pé, ajeitando seu terninho, que já está perfeitamente arrumado, e sai de trás da Mesa da Morte.

Como sempre acontece em relação a minha mãe, sinto vontade de dar um passo para trás. Mas resisto.

— É óbvio — eu digo. — Minha mãe comanda uma empresa de biotecnologia com fama de resolver problemas.

Ela dá um passo para mais perto.

— Você preferiria sentir dor? Preferiria ficar com cicatrizes? Mancando para sempre?

— O que mais você fez comigo?

Ela está bem perto agora.

— Fiz com você? Quer saber quais outros presentes eu te dei?

— Eu...

— De que outra maneira deixei a sua vida melhor do que a de outras pessoas? De que outro modo protegi você?

Estou ofegante. Sua certeza e confiança são impressionantes. Começo a responder, mas minha garganta está seca. Será que quero mesmo a resposta?

— Por que você veio aqui? Querida?

— Preciso de nove mil dólares.

— Para a sua amiga fracassada? Imagino que ela tenha encontrado você ontem. Foi graças ao Solo?

Quase entro em pânico. Não posso colocar a culpa no Solo. Ele confiou em mim.

— Ela me encontrou. E ela vai ficar. Pelo tempo que quiser.

Sinto orgulho da determinação em minha voz.

— Essas são as suas exigências. — Não é uma pergunta. — Nove mil dólares e uma suíte para sua melhor amiga eternamente idiota.

Não vejo muito sentido em discutir a descrição que ela faz de Aislin. Não é a hora.

— Sim.

— Você precisa ficar aqui mais uma semana, pelo menos. — Ela diz depois de um momento. — Para mantermos as aparências.

— Tudo bem.

Ela respira fundo. Inclina a cabeça, olhando para mim com curiosidade, como se fosse a primeira vez que me visse.

— Certo.

— Certo?

— Certo.

— E?

— E nada.

Ah, ela é esperta. Muito esperta.

— Mais alguma coisa? — ela pergunta. Na verdade ela sabe que me venceu. Sabe que comprou meu silêncio e minha aprovação. Por um pouco de dinheiro.

Então, foi assim que ela conseguiu ficar bilionária.

## 22 Solo

**P**reciso entender isso.

Paro no corredor, cerrando os punhos. Meu coração bate forte dentro do peito.

Preparei o pãozinho de sementes de papoula de Tommy Tatuado. O que está para acontecer será vital. Se eu errar...

— Ei, Solo.

Quase morro de susto. É o Ben, um dos assistentes de pesquisa.

— Onde está o “como ele chama, mesmo”? — Ben pergunta. — O cara do café.

— Jackson. Ele teve intoxicação alimentar no casamento. Pelo menos foi o que ele contou. — Tento sorrir. — Estou no lugar dele.

— Melhor do que estudar, acho.

— É nada.

Ben pega um donut. Ele começa a sair, com um sorriso de culpa, e pega mais um.

— Projeto grande. Excesso de carboidrato.

Estou tão cansado, tão exausto, que fico pensando se posso evitar. Na última hora, tenho empurrado o carrinho idiota como um zumbi, entregando muffins e chá tailandês enquanto respondo às perguntas em monossílabos. Resmungos, praticamente.

Dormi muito pouco e fui acometido por muita adrenalina.

Mas está na hora.

Eu ia esperar até Eve ir embora.

Mas algo em relação à noite passada, ao ver o seu rosto quando contei a verdade a respeito do motivo pelo qual ela havia se curado tão depressa... não sei. Ela não vai ficar aqui por muito tempo, e eu acho que ela merece saber de tudo.

Talvez eu só queira que outra pessoa faça isso comigo. Afasto essa ideia.

Não, não é meu estilo.

Eu me aproximo de Tommy.

— Menino do pãozinho — ele diz, sem desviar os olhos da tela.

Ele está usando o computador. Não tenho como entrar. Ele acrescentou uma senha alfanumérica, quase tão comprida quanto a que eu uso, mais o scanner de retina. À prova de invasão, a menos que possa pegar um supercomputador, dez anos, e o olho direito de Tommy.

— Aqui está seu pãozinho — digo.

Consigo ver sua tela. Ele está jogando futebol de mentira.

Melhor do que paciência, acredito.

— Algo a dizer sobre o novo capitão dos Jets? — ele pergunta. Sua tentativa de igualitarismo, conversar comigo sobre esportes. Não sei nada sobre esportes e não me importo nem um pouco.

— Não. Pão?

— Não, o nome dele não é pão, é Jibril. — Que bela piada. Minha risada parece estranha e histérica.

— Pare com isso — ele diz, já entediado.

Coloco o pão ao lado do teclado.

— Cappuccino?

— Sim, coloque...

Não tenho nem que fingir que derrubei o café. Acontece. Sim, planejei, mas acontece.

— Aaahhhh aahhh!

Café no colo, na perna, no braço. Tommy me empurra com violência, o que faz com que os últimos cinco centímetros de café caiam em cima do resto.

— Idiota! — ele grita.

Ele está de pé, dando passos para trás, limpando as mãos nas roupas, e eu estou dizendo “desculpa, desculpa, desculpa” e pegando guardanapos. Ele me empurra, furioso, e xinga.

Será?

— Droga, preciso trocar de roupa.

*Será?*

Sim. Ele sai, resmungando, e deixa a estação de trabalho ligada. Assim que ele sai, eu chego. Estou tremendo. Eu invadi os sistemas da Spiker durante anos, mas é uma estação de trabalho individual. É o tipo de coisa muito pessoal ou secreta demais para colocar nos servidores principais.

Digito o código de Adam.

E, num piscar de olhos, entro.

A parte mais difícil é transferir os dados. Não tem entrada para USB. Tem wi-fi? Não tem que ter; não tem wi-fi na Spiker por questões de segurança. Mas, sim, a capacidade ainda existe.

Abro o wi-fi de Tommy, procuro o único botão ativo. Tem o nome de snakep. Como Snake Plissken, um quase xará daquele filme *Fuga de Nova York*. O único outro Plissken com quem me identifico.

Um arquivo atrás do outro está aparecendo em meu telefone. Quanto tempo tenho? Olho com culpa para trás. Com uma das mãos, limpo o café derramado na cadeira, para o caso de alguém estar olhando.

Mas minha outra mão bate nas teclas — tenho um toque pesado — à procura do que Tommy possa estar escondendo. Ele é arrogante, felizmente, certo de que ninguém pode invadir seu computador, por isso os arquivos individuais não são protegidos por senha.

Tem um arquivo grande de fotos. Provavelmente pornô ou coisa assim. Abro de qualquer modo — pode ser útil descobrir quais são as taras de Tommy.

Mas, se alguém considera isso pornografia, posso dizer que essa pessoa tem um gosto muito estranho, mesmo.

Abro mais fotos.

Parei de respirar.

Estou vendo fileiras compridas de tanques de acrílico. Alguns são cilindros verticais. Alguns são retângulos horizontais.

Cada tanque um horror.

Um porco enorme com a pele levemente verde.

Um filhote sem pelos com o que parecem ser orelhas de ser humano atrás de suas próprias orelhas.

Uma menina, uma garota humana, ou que pelo menos parece uma menina humana, mas com dois rostos — um onde deve ficar, e um esticado em suas costas.

— Ah, Deus — digo alto. Não consigo evitar.

Fecho o arquivo. Engulo o gosto azedo da minha boca.

Ai, meu Deus.

Escuto um barulho. Toque, toque, e volto ao aplicativo de futebol de mentira quando Tommy Tatuado volta, vestindo as roupas que ele deve reservar para as idas à academia da Spiker.

— Saia do meu computador! — ele resmunga.

— Eu só estava limpando o café que...

— E espiando as minhas coisas! — Os olhos dele se semicerram perigosamente. — Wilma Petrov vai compensá-lo por isso? Aquela megera está tentando entender meu esquema para poder... vou matá-la!

— Não — digo, fazendo o melhor para parecer que estou mentindo.

— Wilma! — ele grita para o outro lado da sala. — Inferno, Wilma! Estou me afastando, e de repente percebo que deixei o wi-fi dele ligado. Se ele perceber...

Tommy me segura, mas não com cuidado.

— Olha, cara: da próxima vez que a Wilma subornar você, venha me ver. Vou dobrar qualquer quantia que ela pague se você der um jeito antes de sexta. Entendeu?

— Sim, senhor.

Vou embora. E agora só preciso decidir o que fazer com um segredo que é muito maior do que eu tinha imaginado.

Preciso limpar o registro de vídeo no computador de Tommy. Preciso colocar todos esses dados roubados em algo que não seja meu telefone, que pode ser vasculhado a qualquer momento.

E então, depois de montar a apresentação que, eu espero, derrube Terra Spiker, eu preciso levá-la a Eve.

Preciso que ela entenda por que tenho que fazer isso.

**N**a manhã seguinte, Maddox recebe o dinheiro. Consegui algo de Aislin: ela vai ficar comigo até os pais dela voltarem para casa. Enviaram um e-mail a ela para dizer que iam estender a viagem por uma semana (Aruba), e eu quero que ela fique em um lugar seguro. Só para ter certeza de que Maddox ainda não está sendo procurado.

Ela aceitou com surpreendente facilidade. Será que está aprendendo por experiência, finalmente? Será que ela percebeu como é perigosa a relação que mantém com Maddox?

Ou será que ela está sentindo pena de sua amiga, a mutante?

De qualquer modo, não me incomodo.

Não sei como minha mãe deu o dinheiro a Maddox. Ela disse que só precisaria do nome dele. Ela tem subordinados que não fazem nada além de cumprir as ordens dela e satisfazer seus caprichos. M&Ms azuis? Sem problema. Cera quente? Horário e lugar reservados. Correr nove quilômetros até um traficante de merda? Pode deixar.

Às 6h30, Maddox enviou uma mensagem de texto a Aislin dizendo:

*Vc é a melhor.*

Entrei em contato com o diretor da escola para dizer que Aislin teve um problema. Alguns pontos, nada de mais. Não sei se ele acreditou em mim, mas, tão perto do fim das aulas, os funcionários fazem vista grossa, a menos que seja algo grave.

Além disso, eles acabaram de consertar a academia com um cheque gordo de minha mãe.

O Dr. Anderson e seus funcionários escolheram não falar sobre minha perna e braço curados. Ontem à noite, quando minha mãe passou Aislin e eu para uma das suítes, o Dr. Anderson até ajudou a carregar meus vasos cheios de flores.

Ele parecia um pouco ansioso. Acho que gostou de ter um paciente de verdade. Principalmente por ser um que ele sabia poder curar.

— Onde está o Sr. McMúsculos? — Aislin pergunta quando nos ajeitamos na estação de trabalho. — Você disse que ele está cuidando do carrinho de café, não é? Preciso de um pouco de cafeína. Ou de um pouco de estímulo. — Ela tenta rir, mas está na cara que dói muito para sorrir.

— Eu não o vi.

— Então, acho que vou ter que me contentar com o Adam. — Aislin coça o nariz. — Os pontos estão me enlouquecendo.

— Sim, sei como é.

— Como saberia, Mulher Biônica? — Aislin pergunta.

Ela está me provocando, mas lanço um olhar sério.

— Cedo demais? Desculpa. — Ela dá um tapinha em meu ombro. — De volta ao trabalho. Vamos terminar o homem dos sonhos.

Adam agora é um homem bonito com cabelos escuros esvoaçantes na simulação que fiz.

Acontece que o software tem uma característica interessante que não notei antes. Além de poder aumentar ou diminuir a idade, você pode ajustar o estilo de vida.

Nas próximas horas, Aislin e eu brincamos com ombros, peito, barriga. Usamos barras para mostrar os efeitos de nossas escolhas aleatórias. Mais ou menos apetite? Mais ou menos exercício? É uma lição útil nos limites da genética.

Adam tem os genes para um peito sarado e tanquinho. Mas, se ele for muito fã de doces e tiver pouca energia, pode ser gordinho.

— Vamos ver o que acontece se ele se largar — sugiro.

Deslizo uma barra e, de repente, Adam tem mamilos de homem.

— São maiores do que os seus! — Aislin ri.

Volto a barra para onde estava. Depressa.

Penso que, quando estiver terminando o cérebro dele, um pouco de hiperatividade pode não ser algo ruim. Talvez um monte de genes faça com que ele tenha vontade de ficar ao ar livre.

Ele precisa andar de bicicleta. Jogar tênis. Algum exercício aeróbico.

Talvez ele pudesse ser um corredor, como eu.

Aislin fica olhando para Adam enquanto ele flutua como um Adônis, o deus. No canto da sala, duas secretárias sussurram e riem. Alguém uiva.

— Acho que está na hora de encararmos os fatos — Aislin diz. — Precisamos ajeitar as partes do garoto.

— Não fizemos as pernas ainda.

— Ah, entendi. Vamos tipo... ver de perto. Mostre por todos os ângulos primeiro. Deixe o melhor para o final. — Ela me cutuca com o cotovelo. — É meio a história de sua vida amorosa, não é? Deixar o melhor para o final. Ou, pelo menos, para bem mais tarde.

— Não tem pressa de...

— Ou ainda mais tarde, pobrezinha.

— Pernas! — grito. Não tinha a intenção de gritar. Mas grito.

— Certo, pernas — Aislin concorda. — Curtas?

— Não — digo. — Mas podemos tentar. Afinal, o que estou fazendo aqui? Eliminando todas as imperfeições?

— Bem, é óbvio.

— Mas quem pode dizer o que é perfeito?

Aislin dá de ombros, como se a pergunta fosse idiota. Talvez seja. Mas prefiro debater questões filosóficas a me sentar aqui com a minha melhor amiga e desenhar coisas que nunca... sabe... vi. Só em fotos nas aulas de ciências. E em uma ou outra imagem do Google, sem querer.

— Sério, Aislin. Todo mundo tem defeitos, certo? Ninguém é perfeito.

— Sério?

— Sim — insisto.

— Certo. E quem diz isso é a garota que não quis sair com Finnian Lenzer porque o cabelo dele era loiro demais?

— Ele é albino, praticamente — digo. — Não que haja algo de errado com isso.

— Toine Talbert era muito baixo. E John Hanover, muito magro. E Lorenzo, de cujo apelido não me lembro, tinha um rosto engraçado. E você deu toco na Carol porque não é lésbica.

— Isso não é bem minha culpa — digo.

— O que você queria que a Carol pensasse? Você sempre dizia não aos rapazes. Naturalmente, ela pensou que você jogasse no time dela.

— Não me sinto atraída por garotas.

— Mas se sente atraída por garotos?

— Você sabe que sim!

— Na teoria. Não tanto na realidade.

— Sou seletiva.

— Você disse que não podia sair com o Tad. Por quê?

Murmuro algo.

Aislin leva a mão à orelha.

— O que você disse? Por que não podia sair com Tad?

— Porque o nome dele é Tad! — grito, frustrada. — Como poderia sair com um cara chamado Tad? É um nome ridículo.

— E Chet também.

— Chet? Vou namorar um cara chamado Chet? Em que ano estamos, 1952? Ninguém se chama Chet.

— Hum, hum.

— Tenho que fazer pernas — falo com frieza.

— Faça as pernas curtas e arqueadas — Aislin sugere.

— Você sabe que não vou fazer isso.

— Ah, eu sei — ela diz, triunfante. — Você vai fazê-las compridas e musculosas. Vai escorregar a barra do estilo de vida até o corredor campeão.

— Não vou.

Mas é claro que, no fim, é exatamente o que eu faço. Adam ganha pernas compridas. E coxas musculosas. E batatas da perna bem desenvolvidas.

Ele agora é formado por três partes desconectadas. Perna. Tórax e cabeça.

Existe, digamos, um certo espaço vazio entre essas três partes.

— O país não descoberto — Aislin diz com voz de apresentador de TV.

— Alguém quer muffins?

Solo entra, empurrando o carrinho de café.

— Exatamente o que eu queria — Aislin diz, fazendo um aceno para ele.

Tenho vários longos segundos para decidir o que é mais embaraçoso: uma imagem gigante de Adam com um monte de partes faltando? Ou um Adam com essas partes?

— Como está se sentindo, Aislin? — Solo pergunta. Ele não olha para mim.

— Melhor agora — ela responde, olhando para ele de cima a baixo. E pega um bolinho.

— Fiquei sabendo que você saiu da clínica — Solo diz, olhando para mim pela primeira vez.

— Não faz sentido ficar — digo. — Sou uma aberração da natureza, como você sabe.

— Bem, sim. Estou cuidando do carrinho mais um dia — Solo diz, com cara de nojo. — Pensei em passar aqui e ver se vocês precisam de algo. Salgadinho? Chocolate? — Ele para, olhando para o Adam incompleto. — Salsicha?

Aislin se inclina para a frente, muito séria.

— Você tem algo mais forte do que uma salsicha? Tipo... uma linguiça? Um salame italiano?

Ela está fazendo gestos com as mãos enquanto fala.

O rosto de Solo fica vermelho. Ele só se garante por pouco tempo com a Aislin. Logo em seguida, perde o rebolado.

— Ele é tímido — Aislin diz a mim, como se Solo não estivesse ali. — Não sei: devemos fazer um Adam tímido? É meio bonitinha essa timidez.

— Quero um sanduíche. Não de salame — digo. — De peru.

Solo pega um sanduíche de peru do carrinho e me entrega. O guardanapo cai no chão. Eu automaticamente tento pegá-lo, mas Solo já está abaixado. Ele pega o guardanapo e me dá.

Mas, quando estendo a mão para pegá-lo, ele a segura e o guardanapo se torna apenas parte do que ele está me dando.

Algo pequeno, talvez de dois centímetros, duro e retangular.

Nós nos olhamos.

Ele fica de pé.

— Naquela noite, eu percebi que você tinha um laptop em seu quarto — ele diz baixinho. — MacBook Pro. Meio antigo, né? Ainda tem entrada USB.

E percebo então o que ele me deu. Um pen drive.

Posso pegá-lo e devolver a ele. Posso impedir o que ele estiver aprontando.

Amasso o guardanapo no colo de modo que Aislin não veja. Olho para baixo para confirmar que é isso mesmo. Tem um pequeno logo da Apple.

Solo sai da sala antes que eu possa dizer qualquer coisa. Antes que Aislin possa dizer qualquer coisa.

Aislin o observa se afastar, curtindo a visão do seu traseiro com o olhar treinado.

— Se você não for, E.V., eu posso ir.

Sinto algo estranho em meu peito. Não sei o que tem nesse pen drive. Mas sei que é um segredo. Sei que é um segredo do cara que odeia a minha mãe.

Só mais um pouco e posso ir para casa, digo a mim mesma. E mantereí o acordo com minha mãe.

E estarei protegida de Solo.

— Preciso mijar — Aislin anuncia. — Já volto.

Assim que ela sai da sala, abro o guardanapo e analiso o pen drive. Nada especial. E, ainda assim, sinto medo.

Eu o embrulho e o enfio no bolso da blusa.

Adam está diante de mim, lindo. Minha obra de arte não finalizada.

De repente, sinto uma grande inquietação, um desejo de ir às ruas íngremes e nebulosas de São Francisco. Quero sair deste lugar. Quero correr até meu cérebro parar de funcionar, até minhas pernas gritarem de exaustão.

Antes de perder o controle, olho para a tela e clico em algumas opções. Não penso em nada. Só clico.

Aislin volta quando aperto o último botão.

*Aplicar modificações.*

Um zunido, um tremor, e ali está. Meu homem perfeito, sem nada — e eu quero dizer nada — escondido.

Inclino a cabeça, estreitando os olhos.

— O que acha?

Aislin uiva como um lobo.

— Menina — ela diz —, eu curto o seu estilo.

**I**nsiro o pen drive em meu computador. O ícone aparece na área de trabalho. Agora. Só preciso clicar nele.

Só o que preciso fazer.

Está tarde. Aislin está roncando baixinho. Fingi estar dormindo para colocá-la na cama. Estou no banheiro, de calça de pijama e camiseta, sentada no vaso sanitário com o assento abaixado. A luz é muito forte para esta hora da noite. É uma luz que não esconde nada.

O ícone mostra o logo da Apple.

Só é preciso dar um clique com o mouse ou um toque com o dedo na tela. Mas aí é que está. Não tem como ignorar algo que já se sabe. Quando você fica sabendo, não tem jeito. Quando fica sabendo, sente-se motivado a agir. Quando você age...

Você está pensando demais, digo a mim mesma. Preocupando-se demais.

E ainda assim...

Por que é tão difícil? Eu não vim aqui para ver o que está escondido no drive de Solo? Não é por isso que estou sentada em um vaso sanitário duro no meio da noite?

Estico meu dedo indicador, passo o dedo sobre a tela.

Toque.

O arquivo se abre. Contém três outros arquivos. Um deles é um vídeo. Os outros dois parecem ter documentos ou fotos. O vídeo tem uma etiqueta na qual se lê "#1".

Respiro fundo. Encontro meus fones de ouvido — eles caíram no chão. Eu os coloco novamente.

O vídeo é de Solo. Ele está de pé, saltitando de um lado para o outro. Está nervoso.

— *Eve. Sou eu, o Solo.*

Sorrio brevemente, apesar da situação. Como se eu não soubesse disso sem que ele precisasse dizer.

— *Não sei se você vai assistir. Não sei qual será a sua reação. Você não fazia parte do plano. Mas... bem, aqui estamos. E acho que você está envolvida agora. Agora.*

Parece que ele está perdendo o jeito. Ele começa a esticar a mão para a câmera, como se fosse desligá-la. Muda de ideia.

— *Bem, você faz parte disso porque é quem é. É que, antes, eu não conhecia você. Sei lá, eu sabia que você existia. Sabia sobre você, mas então você se tornou uma pessoa real. Uma pessoa de quem eu gostei.*

Ele olha para os pés.

— *Uma pessoa de quem eu gosto muito.* — Pausa. Ele se remexe.  
— *Muito.*

Olho com nervosismo para a porta trancada, como se alguém pudesse escutar. Mas sou a única escutando. A única sentindo.

— *Bem, você é uma Spiker tanto quanto ela, acredito. Então, vou contar a você.* — Longa pausa. Sinto que ele está em conflito, arrependendo-se. — *Sinto que você merece saber tudo.*

Solo pigarreia. Ele se estica em direção à câmera, e o vídeo termina.

Estou envolvida demais. Clico no primeiro arquivo.

Há uma dúzia de documentos individuais no arquivo. Os primeiros que abro parecem planilhas de orçamento.

Não tenho interesse em orçamentos e não sei ler uma planilha. Talvez elas sejam incrivelmente importantes, mas não sou a pessoa que entende disso.

Eu fico desapontada.

Mas continuo olhando. O próximo arquivo é uma descrição do Projeto 88715.

**Projeto 88715, Fase um: Vamos unificar diversas tecnologias novas e antigas dentro da Spiker e outras de fora da empresa. O objetivo será criar uma interface simplificada que reduza a complexidade extrema da engenharia genética a um nível no qual qualquer operador moderadamente inteligente consiga construir um ser humano desenvolvido.**

**Projeto 88715, Fase dois: Vamos ligar a interface aperfeiçoada descrita acima para começar a construir humanos.**

Olho para a página. Tem a ver com o programa que estou usando, aquele que estou utilizando para criar Adam.

Um programa que permite a criação de seres humanos simulados.

Mas tem uma coisa: não diz nada sobre "simulado".

Abro o arquivo que resta. As imagens surgem aos montes.

Tem a foto de um porco. A pele é verde.

Tem a foto de um cachorrinho com orelhas, orelhas humanas.

Tem a foto de um homem com olhos inexpressivos e dobras de pele pendendo do peito como velas feitas de carne.

Tem, ai, meu Deus, uma menina com um rosto no...

Tem uma série de tubos gigantes, cada um com alguma coisa viva dentro.

Tem...

Estou enjoada.

As fotos continuam aparecendo.

Uma vaca toda desproporcional, com úberes tão grandes que as pernas não conseguiriam alcançar o chão, mesmo se ela estivesse no chão, e não flutuando em um tipo de tanque.

E, então, outro tanque enorme com algo — alguém? — dentro dele. Vejo cabelos, pele escura, flutuando como alga marinha, uma mão, um pé, mas é só o que vejo, porque tem alguém de pé do lado de fora do tanque, sorrindo. É o cientista das tatuagens.

O computador voa do meu colo.

Eu me viro, caio de joelhos e levanto a tampa do vaso antes de vomitar o pouco que resta em meu estômago nauseado.

Náuseas. Não param.

Oh, não, não, não. Minha mãe... ai, Deus.

Aislin bate na porta.

— Ei, o que está acontecendo aí dentro? Você está bem?

Não consigo parar de vomitar.

Aislin leva a mão à maçaneta. Não é difícil. Ela tem que passar por cima de mim para entrar totalmente no banheiro. Coloca uma das mãos no meu pescoço. Aislin tem muita experiência com vômito.

— Tente respirar, mas apenas pelo nariz — ela diz, solícita.

Ela se senta na beirada da banheira, preparada para esperar. Vejo quando ela pega meu computador.

Tento dizer “não”, mas não encontro as palavras.

— Não relute, apenas relaxe — Aislin avisa. — É... — Ela se cala. Está vendo.

— Ai, meu Deus — ela diz. — Ai. Não. O que é isso? Oh... Não. Não.

Mas é claro que *não* não é a resposta.

## 25 Solo

**E**stou acordado quando alguém bate à minha porta. Dormir não é uma opção. Estou tão agitado que não consigo ficar deitado por muito tempo.

Se eu fecho os olhos, ainda que por um segundo, as imagens aterrorizantes do computador de Tommy ainda me assustam.

A batida se torna mais intensa. Eu visto uma cueca.

Por um momento, penso que pode ser Eve. Ela provavelmente já viu o conteúdo do pen drive — isso se ela teve qualquer intenção de olhar. Pode ser que o tenha jogado na lata de lixo mais próxima.

E me pergunto, de novo, se errei ao mostrar o que descobri.

Não. A Eve é como eu. Ela vai querer saber.

— Abra a maldita porta.

Uma onda de adrenalina pura me coloca em alerta total.

É o Tommy.

Ele sabe.

Não tenho escolha. Não tenho para onde correr, não dali, não agora. Destranco a porta.

Dois caras da segurança entram. Um é mais velho, grisalho. O outro é jovem. Ele malha, já o vi na academia.

E, então, ele aparece. Tommy.

Cheira a suor e maconha. Embaixo da tatuagem de caveira no pescoço dele, uma veia azul pulsa.

— Você entrou nos meus arquivos, não foi? Espertalhão. Derrubou café em mim. Entrou no meu computador e usou o wi-fi velho. Sabichão. Mas foi esperto o suficiente para colocar na nuvem? Ou ainda está em seu computador?

Não respondo.

Tommy se aproxima da mesa onde meu laptop e meu iPad estão. Ele se senta na cadeira e toca o iPad. O código de quatro dígitos aparece.

— Qual é a senha?

— Um, dois, três, quatro — digo. Fico contente por parecer tão calmo.

Tommy desconfia, mas digita mesmo assim. Faz uma cara feia.

— Que bonitinho. Você tem um software de segurança independente instalado.

Dou de ombros.

— É muito fácil descobrir a senha de quatro números. Por isso, acrescentei uma coisinha.

— Me passe o código.

Balanço a cabeça.

— Sabe, cara do pãozinho, já é bem ruim o fato de você ter deixado o wi-fi ligado — Tommy diz. — Você também não pensou que eu tenho três microcâmeras de segurança instaladas em minha estação de trabalho. — Ele estala a língua. — Muito descuidado.

— O que eu posso dizer? Sou amador.

— Me dê o código — Tommy ordena. Ele lança um olhar significativo para um dos seguranças.

Um segundo depois, levo um tapa na cabeça.

Arde. Mas eu aguento. Já levei coisa pior.

— Tudo bem — eu digo. — Não me machuque. O código é FG6H8D551MSU1LQWVFOP7FD34MHUTDLK.

Tommy digita enquanto falo.

— São trinta caracteres?

— Trinta e dois.

— Paranoia?

Na tela do iPad, a foto de um dedo médio aparece.

Tommy xinga. Ele sabe o que eu fiz.

A tela fica escura. Todos os dados acabaram de ser apagados e anulados. Um laboratório com o equipamento e o pessoal treinado pode ser capaz de salvar uma parte, mas demoraria dias, talvez semanas. Mesmo assim, eles só conseguiriam ver fragmentos.

— Quer a senha do meu laptop também? — pergunto.

Tommy se levanta da cadeira. Ele ainda segura meu iPad. E bate na lateral da minha cabeça com ele, quebrando o vidro.

Ele o abaixa de novo, desta vez em cima da minha cabeça, com as duas mãos e toda a força que consegue.

Fico meio atordoado por alguns segundos. Não totalmente inconsciente, mas também não estou bem.

Um dos seguranças, o mais jovem, puxa Tommy para trás antes que ele possa causar um estrago maior.

— Ei, ei, Dr. Holyfield — ele diz.

Nunca vi Tommy tão irado. Não me surpreende. Mas é estranhamente fascinante ver um homem com a inteligência dele tão furioso. Ele está cuspidando ao falar. E xingando. Tenta se livrar do segurança, num esforço que faz suas tatuagens ficarem esticadas e distorcidas.

Ele demora muito para se recompor. Por fim, o segurança o solta. Tommy caminha de um lado ao outro, com os dedos trêmulos. Ele

se recompõe, ajeita a camisa.

— Certo. Certo — ele diz, e estou pensando que ele se acalmou, mas então ele dá um pulo e me bate, um belo e sólido golpe de esquerda. Sai sangue do meu nariz.

Os seguranças estão preocupados. Eles se metem entre nós para detê-lo, mas ele se afasta, com as mãos para cima.

— Ele merecia. Safado.

O sangue escorre do meu nariz e também da minha cabeça, acumulando-se ao redor de meus olhos. Ainda estou tentando me recompor.

— Para quem você contou sobre isso? — Tommy pergunta.

Cometo um erro. Digo:

— Ninguém. — Mas digo rápido demais, e ele percebe.

— Ninguém, não é? Qual é o nome do “ninguém”, hein?

Ele me encara e acho que os seguranças não conseguirão contê-lo se ele decidir me bater de novo.

— Vocês estão sendo arrastados para algo bem pesado — digo aos seguranças. — Não acho que estejam recebendo dinheiro suficiente para se envolverem nessa confusão.

Eles se entreolham. Ponto para mim.

— Vão embora agora — digo a eles. — Vocês não fizeram muito até aqui. Podemos deixar...

*Boom!*

Tommy me acerta de novo e, desta vez, dói pra valer.

— Uau — ele diz, examinando seu esforço. — Isso vai ficar feio amanhã. Claro — ele se aproxima —, daqui a alguns dias, você vai estar novo, certo?

— Dr. Holyfield, o senhor precisa se acalmar. Ele está certo — o segurança mais jovem diz.

— Está tudo gravado, gênios — Tommy diz. — Já temos um vídeo de vocês dois. E a única pessoa que pode apagar isso sou eu. Então, vocês já estão envolvidos. Mas o cara do pãozinho disse uma coisa certa: vocês não estão sendo pagos o suficiente. Por isso vou dar a cada um... uns cinco mil?

— Para cada um — o mais velho resmunga.

Tommy sorri para mim. Levanta um dedo e limpa o sangue da minha testa. Leva o dedo à boca e lambe.

— Combinado — Tommy diz.

E é fácil assim. Minha vida foi comprada por dez mil dólares.

## 26 Eve

**T**em uma campainha e um botão.

Está tarde. E eu não quero que Solo pense errado. Eu, entrando no quarto dele. Vestindo... o que estou vestindo? Tarde demais. Olho para baixo e considero a questão.

O short da academia com o qual durmo. E sem sutiã, como também durmo. E tênis desamarrados, que calcei na hora de sair.

Eu deveria ter trazido a Aislin. Ela se ofereceu.

Mas não sei, parecia errado. Isso tem a ver com a minha mãe, o que quer dizer que tem a ver comigo. E com Solo.

Estou tremendo, e não é por causa do que estou vestindo.

Aperto o interfone.

Ele não atende. Toco de novo. Nada. Aperto o interfone e seguro. Não me importo se ele está dormindo. Ele pode muito bem acordar e me deixar entrar.

A porta se abre.

Um homem — não, mais de um homem — sai. Um deles me joga contra a parede. Eu bato e escorrego até o chão. Um terceiro sai com um passo forte e pisa na minha perna que foi decepada.

A porta para o quarto de Solo está entreaberta. Tem algo errado, extremamente errado. Solo não é um dos três.

Eu me levanto e corro para dentro do quarto. Idiotice. Provavelmente eu deveria procurar ajuda ou algo assim. Penso nisso tarde demais.

Solo está em uma cadeira.

A primeira coisa que noto é o sangue.

A segunda são as cordas.

— Feche a porta — ele diz com a voz mole. — Tranque-a.

Faço isso. E, então, corro até ele, e me ajoelho para poder olhar em seu rosto.

— Assustador, não? — ele pergunta.

Ele está só de cueca. Filetes de sangue escorreram até seus ombros e peito.

— Vou buscar ajuda — digo. Mas sei que é a resposta errada.

— Não, não existe ajuda neste lugar. Eles só se assustaram porque não esperavam você aqui. — Solo mexe a língua dentro da boca. Ele resmunga e, um segundo depois, cospe um dente. — Desculpe.

Corro até o banheiro, molho uma toalha de mão com água fria e volto. Cuidadosamente, limpo o sangue de sua cabeça. Ele sai assustadoramente vermelho na toalha branca. Não consigo fazer um trabalho muito bom porque o cabelo dele é grosso.

Limpo o sangue de seu rosto. Testa. Olhos. Boca.

Volto ao banheiro para enxaguar a toalha e, enquanto a água fria escorre, meu cérebro está acelerado, e então para, volta a acelerar, como um motorista muito ruim com um carro muito rápido.

Levo a toalha de volta e começo a limpar o sangue de seu pescoço e peito.

Espero mais sangue escorrer — dizem que os ferimentos na cabeça sangram muito —, mas sai pouco.

Limpo tudo até a altura do elástico de sua cueca.

Olho para ele e estou muito assustada. Estou muito perturbada. Nunca vi tanto sangue assim desde o meu acidente na Powell Street.

Nunca fui empurrada e derrubada daquele jeito antes.

Nunca toquei o corpo de um cara.

Nunca me ajoelhei na frente de um cara antes, um cara vestindo só cueca e cordas.

Cordas?

— Você ainda está amarrado!

— Sim, percebi.

Fico de pé, assustada e nervosa. Meus dedos apertam os nós.

— Tenho um canivete suíço na gaveta da cômoda.

Eu o encontro embaixo das meias enroladas. Com cuidado, muito cuidado, porque não confio nas minhas mãos trêmulas, eu corto a corda.

Ele fica de pé, se vira, olha para mim e diz:

— Você viu os arquivos.

Mas não quero falar sobre isso. Porque é tudo tão horrível e tão complicado, e no momento ele está muito perto.

— Você... — Solo começa.

E para de falar também.

Estamos a centímetros um do outro. Se eu me inclinar para a frente, meu nariz vai tocar o pescoço dele.

De certo modo, estamos mais próximos agora.

Ele respira e eu inspiro.

Mais perto.

Meus seios tocam a parte de cima do abdômen dele. Ele estremece.

Eu também estremeço.

Os dedos dele tremem quando tocam meu rosto. Engulo em seco. Há sangue nos dedos dele, e agora tem um pouco na minha nuca, porque a mão dele está sob meus cabelos e não estamos mais a poucos centímetros de distância, mas sim a milímetros, e ele respira, eu respiro, e nós dois emitimos sons como se estivéssemos prestes a morrer.

Nada nunca foi tão lento quanto o movimento que ele faz de aproximar os lábios dos meus.

É um milhão de anos.

Seus lábios tocam os meus.

E, então, uma parte de meu cérebro pensa: é um beijo.

Sim, é um beijo, com certeza.

Alguns anos, décadas e eras mais tarde, nós nos afastamos. E ele diz:

— Agora precisamos correr.

Corremos até meu quarto e chegamos ofegantes, contando a Aislin sobre surras, pessoas malucas e fugas.

— Precisamos sair daqui! — concluo.

Aislin inclina a cabeça.

— Tem sangue na sua boca.

— O quê? — Sinto meu rosto corar. — Devo ter cortado meu lábio.

— É. Não é *seu* sangue, querida — ela diz. Ela se vira para Solo.

— Então, acho que perdi as chances que tinha com você.

— Hum...

— Para onde vamos? — Aislin pergunta. Não está irritada, apenas curiosa. Como se fugir de minha mãe e de seus subordinados malucos fosse perfeitamente normal, algo corriqueiro.

— Vamos sair daqui — Solo diz. Ele toca o corte no couro cabeludo e faz uma careta. — Você ainda está com o pen drive?

Procuro na minha bolsa e pego a pecinha com o logo da Apple.

Nós três olhamos para ele, na palma da minha mão.

Tão pequeno, tão perigoso, tão terrível.

— Ótimo — Solo assente, tenso. — Fique com ele.

Corro para vestir uma calça jeans, e me viro para colocar um sutiã e uma camiseta. Só então percebo que estou de frente para um espelho.

— Ele não olhou — Aislin disse. Com a voz intrigada, ela acrescenta: — Não mesmo.

— Tenho excelente visão periférica — Solo diz, piscando para Aislin com o olho roxo.

— E o Adam? — digo. Isso me ocorreu não sei como.

— O que você quer dizer? — Aislin pergunta. — Vamos fugir para salvar nossa vida e você está preocupada com um software?

— É só que... — começo. Mas não consigo dizer mais nada.

Solo diz:

— Tommy não conseguiu seu doutorado e seu emprego sendo um idiota. Nós o surpreendemos. Nós o tiramos do jogo. Mas ele vai voltar. Temos minutos... no máximo.

— Minha mãe não vai me machucar — digo, em dúvida.

— Mas e o Solo? — Aislin pergunta. — Ele não é filho dela. — Um olhar estranho aparece em seu rosto. — Você não é, certo?

— Não, graças a Deus — ele diz, com um sorriso irônico. Tarde demais, ele se dá conta do que disse. — Quero dizer...

Eu balanço a mão.

— Vamos sair daqui — digo, mas, por algum motivo, paro por tempo suficiente para pegar meu caderno. Arranco o desenho não finalizado e enfio no bolso de minha calça.

Nós três saímos correndo pelo corredor. Parece um filme de ação, mas é ridículo. Sério, estou fugindo da minha mãe?

Minha mãe, que me tornou uma cobaia de laboratório. Minha mãe, que administra uma câmara de horrores.

Aquelas imagens. Tantas. Como posso aceitar que minha mãe tem envolvimento com aquilo?

O problema é que é fácil demais. Ela nunca foi do tipo amável, carinhosa, que abraça e elogia. Ela é uma megera sem moral. É a

realidade.

Estou percorrendo corredores curvos e acarpetados, tentando pensar em algo bom relacionado a minha mãe.

De repente, me ocorre — sim, em circunstância e lugar inadequados — que fui um pouco negligenciada como filha.

Corremos em direção à garagem, como fizemos na nossa “fuga” de antes. Mas os riscos são maiores desta vez. O clima de diversão desapareceu.

Entramos no elevador. Ele se move e para.

A porta não se abre.

Solo mexe a cabeça; não se surpreende.

— Ele está atrás de nós. — Ele pega o telefone. — Isso vai funcionar uma vez. Só uma. Ele vai revidar imediatamente.

Ele aperta números no teclado.

— Estamos entre a quatro e a cinco. Ele vai cobrir a garagem e, se nos encurralar ali, vai ser fácil para ele acabar conosco.

O elevador balança.

— Estamos subindo — Aislin diz.

— Sim — Solo confirma, tenso. — Quando a porta se abrir, corremos.

— Para onde? — pergunto.

— Apenas me acompanhem.

O elevador para e nós saímos correndo. Solo grita:

— Por aqui, por aqui!

Descemos quinze metros por um longo corredor. Solo para em um escritório, ofegante, e aperta uns números no teclado. A porta se abre. Está escuro do lado de dentro.

— O escritório pertence a um cara que está de licença médica há meses — Solo explica.

Aislin leva a mão ao interruptor.

— Não — Solo balança a cabeça. — Nada de luz.

Não há muito a ver no escritório, apenas a Baía de São Francisco. Há nuvens pesadas sobre a Golden Gate. As estrelas são esparsas, a luz visível apenas como um brilho prateado, sem localização distinta.

Solo abre uma gaveta do arquivo.

— Vocês já escalaram montanhas? — Ele está segurando uma corda enorme.

— Eu já — Aislin diz.

Eu olho para ela, certa de que está fazendo piada. Mas ela pegou algumas cordas e pinos de metal com Solo. Passa a corda pela virilha, pega um nó e passa pelo pino.

— O que foi? — ela pergunta, em resposta à minha cara de surpresa. — Minha vida não é só festas. Meu pai me levou para escalar em Tahoe algumas vezes.

Vamos à varanda. O prédio da Spiker brilha sob nós, espalhando, a nossa direita, um enfeite grande de luz sobre a água escura e as rochas invisíveis. Solo amarra a corda na varanda e joga o resto para o lado.

Ele escolheu o lugar perfeito. É um dos pontos no complexo onde tem uma queda limpa, sem varandas no caminho.

A corda enrolada despenca na escuridão. Ela chegou ao chão? Não tenho como saber. Só espero que Solo tenha planejado bem.

— Certo, Aislin, você primeiro — Solo diz. Ele a ajuda a passar pela grade.

— O oito pode ficar torcido, por isso seja cuidadosa.

Para minha surpresa, Aislin entende o que ele está falando

Ela confere a corda e o mosquetão como uma profissional e pisca para mim. Eu me inclino e observo quando ela desce, e prendo a respiração. Não sou muito fã de altura.

Ela é levada para o meio do prédio, batendo os pés nas grades da varanda e na placa de vidro, empurrando, descendo mais alguns metros.

Ela desaparece de vista.

— Ela está bem? — pergunto.

Solo aponta para o nó.

— A corda está frouxa. Ela desceu, soltou-se e está bem. Sua vez.

— Não sei fazer isso — digo. Agora que preciso descer por ali, dependendo apenas de uma corda, estou duvidando bastante desse plano.

— Olha, você só precisa...

— Não sou uma fracote — interrompo. — Poderia vencer você em uma corrida de dez quilômetros sem o menor esforço.

— Não tenho a menor dúvida.

— Mas... sabe, não gosto de altura. Nem de cair de altura, na verdade.

— Levo você para baixo — Solo diz.

— Não vai rolar.

— Estamos sem tempo, Eve. O Tommy está nos caçando. Como eu disse, ele não é idiota. E, se ainda não aconteceu, sua mãe vai espalhar seguranças pelo prédio todo. Temos segundos. — Ele se abaixa um pouco de modo que possa olhar em meus olhos. — Não se preocupe. Não vou derrubar você.

— Eu poderia vencer você em uma corrida de cinco quilômetros também — digo.

— Suba na grade.

Faço isso logo, antes que perca a coragem. O vento está forte e frio. Estou totalmente ciente de que, se meus pés escorregarem, terei segundos para gritar antes de cair no chão.

Posso ser geneticamente modificada, mas duvido que minha capacidade de recuperação física inclua recuperar-se da morte.

Solo passa com facilidade pela grade. Prende a corda no arreio. E se inclina para trás, confiante.

— Suba — ele diz.

— Como?

— Seus braços ao redor do meu pescoço, as pernas ao redor de minha cintura. Tente não me enforcar.

O corpo dele está inclinado em relação ao prédio. Uma das mãos está livre. A outra segura a corda. Mantendo as mãos na grade, eu me viro para olhar para ele.

Ele se aproxima, encosta o corpo no meu.

Passar os braços pelo pescoço dele é a parte fácil. A mais difícil é passar as pernas ao redor do corpo dele. É ridículo, e ele tem que se inclinar para trás lentamente para aguentar meu peso.

Meus tornozelos estão pressionados contra ele. Não sei o que fazer com minha cabeça. Então, só olho para ele, e ele olha para a corda.

— Eve? — ele me chama. — Você está bem?

— Por que insiste em me chamar de Eve? — pergunto, porque não quero ter que falar se estou bem ou não.

— Sei lá. É normal para mim — Solo diz, e então começamos a descer.

Descemos. Quando lenta e levemente balançamos, eu me aproximo do corpo dele. Descemos mais e balançamos. Descemos lentamente. Descida, lenta, impacto.

— Viu? — Solo diz, parando no meio. — Não é difícil.

Preciso de uns instantes para perceber que ele está falando sobre a descida com a corda.

E começo a rir como uma tola.

Ele entende, sorri, desvia o olhar e então descemos, mais e mais, e a verdade é que, agora, não tenho pressa de chegar ao chão.

Mais uma descida e aterrissamos.

Aislin está esperando. Está escuro. Por isso não consigo ver o rosto dela muito bem, mas sua voz brincalhona é bem clara.

— Que injusto. Ninguém me disse que dava para descer desse jeito.



**E**stamos no meio da grama alta e das pedras aos pés das árvores. O chão é tão íngreme que ninguém fez um esforço para deixá-lo plano. É quase vertical da base do prédio até a água.

— Tem uma escada, se conseguirmos chegar lá antes que alguém nos pegue — Solo diz. Ele aponta. — Por aqui. Cuidado com os galhos, eles podem machucar.

Não é longe, talvez uns três quilômetros, mas é um grande esforço nos mantermos equilibrados.

As escadas são de madeira, meio velhas. Elas já deviam existir antes de o complexo Spiker ser construído. Está escuro, mas tem um pouco de luz da lua refletindo na água, então, apesar de não conseguir ver os degraus, consigo ver o corrimão.

Solo está na frente, depois Aislin, e eu estou atrás. Tentamos não fazer barulho, mas a escada range e nossa respiração parece incrivelmente alta no silêncio.

— O que faremos lá embaixo? — sussurro.

— Tem um barco — Solo responde, com um suspiro alto.

É ridículo, mas eu esperava ter que nadar para algum lugar. Sou ótima nadadora. Poderia, facilmente, fazer parte da equipe de natação, mas não quero entrar na piscina fria todos os dias antes da aula. Gostaria de exibir minha habilidade em alguma coisa, depois de não ter impressionado muito no rapel.

E então:

— Tem alguém vindo! — eu digo, bem alto, talvez para Solo e Aislin ouvirem.

Lanternas fortes refletem feixes grossos na escuridão. Há três feixes, e, então, um quarto, e um está apontado na minha direção, iluminando meu braço e o lado de meu rosto, cegando meu olho direito.

— Ali estão eles! — um homem grita.

Eles estão no topo da escada. Não estão tentando fazer silêncio. Estão correndo atrás de nós, as luzes inconstantes.

A água está perto. Vejo um píer de madeira. Vejo dois barcos, ambos pequenos, dois barcos a motor. Um tem um casco de madeira e o outro é inflável.

Dois barcos são piores do que um. Um barco é uma fuga. Dois barcos é uma perseguição.

Solo entra no barco de madeira.

— Soltem! — ele grita para Aislin e para mim.

Aislin diz:

— O quê?

Mas eu me jogo em direção à corda. Está enrolada em uma trava. Aislin vê, compreende, e começa a puxar a corda.

Ouçó o som de um apito.

— Peguem-nos, peguem-nos! — alguém grita.

Um homem, não, dois homens chegam ao píer, dois caras enormes, do tamanho dos jogadores de futebol americano, e se lançam na nossa direção.

Solo estende a mão e me puxa para dentro, e eu caio de joelhos no banco e tropeço. Minhas mãos se molham nos poucos centímetros de água fria no fundo do barco.

Aislin salta e aterrissa com um estrondo, mas o impacto empurra o barco alguns centímetros para longe do píer.

O motor é acionado. Escuto um ronco e o cheiro do diesel.

O primeiro de nossos perseguidores salta.

O barco está a sessenta centímetros do píer e ganhando velocidade. O homem não acerta, e bate o rosto na lateral do barco quando cai.

Os outros três homens param.

Solo pega um colete laranja e o joga em direção à água, onde o homem afundou.

— Ei! Peguem o cara, ou ele vai se afogar! — ele grita.

O motor ronca e nós partimos noite adentro.

— Eles vão precisar de alguns minutos para tirá-lo da água, mas logo estarão atrás de nós — Solo diz.

— Qual barco é mais rápido? — pergunto.

— Ótima pergunta — ele diz. — Não sei.

Mais uma vez, a névoa — um traço comum da baía — passa pela lua. A luz leitosa desaparece. Poderíamos bater em um muro sem vê-lo a nossa frente.

— E agora? — Aislin pergunta, ofegante.

Solo está no timão. É baixo demais, por isso ele tem que se agachar. Não é uma pose muito nobre ou atraente. Os cabelos dele estão esvoaçantes, menos onde o sangue está grudado.

Somos um grupo sem graça e feio. Aislin ainda está com o olho roxo, e Solo... bem, olhando melhor, o rosto surrado dele não está tão ruim. Mas ele precisa de um banho.

Olho para trás, para o prédio da Spiker. Alguns escritórios estão iluminados, outros, escuros. É, de longe, a coisa mais iluminada que já vi, e eu me sinto estranhamente atraída por ela. Está escuro em

todos os outros lugares. No fundo, está seco, seguro e cheio de comida. Aqui? Aqui, não sabemos nem para qual direção seguir.

— Podemos entrar na Angel Island — Solo diz em voz alta, tentando ser ouvido acima do barulho do motor. — Não tem ninguém ali além de uns caras acampando e um pequeno grupo de vigias. Mas não temos sacos de dormir nem barracas. Continuamos seguindo para a cidade.

Há diversas cidades na Bay Area. Mas “a” cidade só pode ser São Francisco. Minha cidade natal. Procuro por ela, mas está totalmente escondida atrás de um muro de névoa. Nenhuma luz aparece.

Vejo luzes até o píer.

— Tenho uma ideia — digo. — Temos uma lanterna?

— Veja no armário — Solo diz.

Procuro nos equipamentos de pesca, no meio de garrafas de água e coletes, até encontrar uma lanterna. Eu a testo dentro do armário. Funciona. E é boa, à prova d’água.

Pego um dos coletes e passo uma faixa ao redor da lanterna. Deixo-a bem firme.

Então, acendo a luz e coloco o colete na água. Ele se afasta, e então é pego pela corrente quando a maré avança em direção à Golden Gate.

— Esperta — Solo comenta.

— Eles vão ver a luz, e acharão que somos nós — digo. E então acrescento: — As pessoas sempre seguem em direção à luz, não é?

Ninguém responde. Todos sabemos que não é verdade: às vezes, as pessoas seguem em direção à escuridão.

— Não gosto de acampar — digo. — Vamos para a cidade.



— **E** então — Aislin diz quando prendemos o barco na Fisherman's Wharf. — O que faremos?

A marina está calma, mas, em algumas horas, os barcos começarão a chegar. E, então, os primeiros turistas vão aparecer, procurando um leite com café e um croissant.

Por enquanto a cidade está vazia, tomada pela névoa de restaurantes de frutos do mar e lojas de quinquilharias fechadas. Os barcos e balsas balançam e rangem no píer. As mesas de ferro forjado, que logo estarão repletas de camarões e peixes sobre gelo moído, estão cobertas com lonas.

Um morador de rua solitário empurra um carrinho cheio, para e olha na lata de lixo, e nos ignora. Um carro da polícia passa por ali e a névoa o envolve. O policial também nos ignora.

Eve e Aislin olham para mim. Dou de ombros.

— Cara, não planejei ficar com duas garotas.

— Ah, sei, sei — Aislin diz. — Os homens sempre querem duas mulheres, mas eles se planejam? Não.

— Precisamos subir os dados com segurança — digo. — Quando estiver no YouTube e no Imgur.com, com links no Reddit, estaremos seguros.

— E depois? — Eve pergunta.

Pigarreio, e me forço a olhar nos olhos dela.

— Depois, o FBI e o FDA e mais um monte de outras agências vão descobrir e agir.

— Agir. — Não é uma pergunta, só uma constatação.

— Podemos ir para minha casa — Aislin, diz de modo desconfiado.

Eve balança a cabeça.

— Primeiro lugar onde minha mãe vai procurar.

— Onde é o último lugar em que ela vai procurar? — pergunto.

Eve pensa na pergunta com cuidado. Vejo que ela pensou em algo. A ideia faz com que ela una as sobrancelhas. Ela não tem certeza.

— Conheço um lugar — ela diz, por fim. — Venham comigo.

É uma caminhada pelo Embarcadero, a praça que acompanha a água ao redor da ponta nordeste da península. À nossa esquerda, há balcões enormes. Muitos se tornaram destino de turistas. Alguns são mais simples. À direita, há trilhos de um bonde, e, mais para a frente, quase totalmente engolidos pela névoa, os montes e prédios altos de São Francisco.

Consigo ver o topo da Coit Tower, uma estrutura em *art déco* que aparece em meio à névoa. Foi construída com o dinheiro deixado por uma mulher chamada Lillie Coit, uma maluca viciada em jogo que fumava charuto, que raspava a cabeça para se passar por homem nos anos 1920, quando esse tipo de coisa trazia problemas — mesmo em São Francisco. Sempre gostei da história dela.

Gosto de rebeldes.

Entramos no Embarcadero, descendo pela lateral do armazém, menos bem cuidado. Ele se estende pela água, um pedaço da história de paredes de lata. Tem uma porta pequena na ponta. A trava está enferrujada e tem teias de aranha.

Eve para. Com um dedo inseguro, ela toca a trava.

— Pode ser que eu encontre algo com que quebrar a trava — digo.

Eve não responde. Ela respira fundo, atravessa a água e se ajoelha, procurando até encontrar uma corda podre, envolvida por algas marinhas. Ela puxa.

Há uma boia na ponta, ainda mais escorregadia do que a corda. A boia tem uma ponta que Eve não tem força para manusear. Eu tento puxar a tampa. Não quer abrir. Finalmente, ela cede e há uma chave ali dentro.

Eve tenta usá-la. Funciona. Ela empurra a porta para dentro, e Aislin e eu entramos depois dela, afastando as teias de aranha.

Eve encontra um interruptor. Uma única lâmpada no teto ilumina muito pouco. Estamos em um espaço grande e aberto, mas não está vazio. Figuras enormes aparecem como criaturas congeladas no tempo.

A lâmpada faz um barulho e se apaga. Todos nos sobressaltamos.

Eve pega o celular e o usa como luz para localizar uma mesa comprida. É uma mesa de trabalho, na verdade, de madeira compensada. Ela procura em uma gaveta, pega um pacote e o rasga com os dentes. Escuto um *crack* abafado

É um bastão incandescente. Luz azul. Aparece uma segunda luz, verde.

A luz não é muito melhor, mas meus olhos se ajustam e eu vejo que as formas espalhadas pelo quarto são estátuas abstratas. São formas da natureza — árvores, creio eu, flores, até nuvens —, mas a maioria das esculturas se parece com animais. Ao meu lado, em uma pedra lisa e branca, está o que parece ser um urso de três metros. Perto de Eve, consigo ver um tigre saltando — ou talvez seja um leão. Não, realmente me parece um tigre.

Deve haver sete ou oito dessas formas estranhas. Nenhuma delas se parece com nada, mas todas indicam o que podem ser.

— Não venho aqui há muito tempo, desde que ele morreu — Eve diz. — Ela se senta no chão, observando uma pilha de telas recostadas em uma parede como dominós tombados.

Estou prestes a perguntar a quem ela se refere, mas é claro que Aislin sabe. Ela coloca a mão no braço de Eve e diz:

— Gostaria de ter conhecido seu pai.

— Seu pai era escultor? — pergunto.

— Sim — ela diz, e até mesmo essa simples palavra sai trêmula de emoção. — Ele pintava e desenhava também. Mais do que tudo, ele esculpia.

Encontro o pacote de bastões de luz. Pego um — é azul também — e o uso para explorar a sala. Tem algo emocionante nesse lugar. Algo sagrado, de certo modo.

— Sua mãe não vai saber que você veio aqui? — pergunto a Eve de trás de algo que deve ser um gavião ou uma águia. Está pendurada por correntes, e não parece contente por estar acorrentada.

— Minha mãe não se lembra que ele existiu — Eve diz.

— Como ele morreu?

— Acidente de carro em Tiburon. Eu tinha onze anos.

Meu coração se acelera.

— Onde?

— Tiburon.

Eve tem dezessete anos.

Faço as contas.

Ela dá de ombros: é um detalhe sem importância.

— Paradise Road, a estrada que leva a Tiburon. É uma estrada de pista dupla, que serpenteia... bem, você sabe disso.

Sim, eu sei.

As coisas se encaixam. Coisas das quais nunca suspeitei.

Minha história com Eve vai muito além e é muito mais profunda do que eu sei.

Foi por isso que Terra Spiker me aceitou: culpa.

O marido dela matou meus pais.

Seis anos atrás, em uma noite de névoa, alguém tentou ultrapassar o carro de meus pais. O motorista provavelmente viu o trânsito que vinha na direção contrária, porque, de repente, voltou para a pista e acertou meus pais, tirando o carro deles da estrada, morro abaixo.

Os dois carros despencaram em meio a árvores e rochas, espalhando terra em todas as direções, e os passageiros bateram contra os painéis, volantes e teto até morrer.

Pelo menos é assim que eu vejo as coisas em meus pesadelos, às vezes.

Não havia como saber se o cara que estava tentando ultrapassar meus pais estava bêbado. Os carros pegaram fogo e queimaram horas antes de alguém perceber e chamar a polícia. Identificaram meus pais pela arcada dentária.

Terra nunca disse nada. Ninguém nunca disse. Talvez eu devesse ter ligado os pontos, se tivesse lido os relatórios a respeito do acidente, se tivesse pesquisado.

Mas eu não queria saber nada. Em um momento, meus pais estavam vivos. No seguinte, mortos.

Eu me retraio. Me desligo do mundo.

— É uma estrada perigosa — digo.

E, então, procuro outra parte da sala onde ficar.



Passo pelas janelas escuras, pensando nas coisas. Só preciso tornar público tudo o que há naquele pen drive. Depois disso, estaremos

seguros.

Só há um problema: estamos presos em um grande galpão, repleto de estátuas enormes e sem wi-fi. Não tem internet de nenhum tipo.

Nossos telefones têm conexão, claro, mas não tenho como pegar os arquivos pelo telefone. Preciso de um computador. Um meio antigo, na verdade, para poder puxar por USB e, então, subir os arquivos.

Droga.

Vou precisar de uma biblioteca pública, de um escritório da FedEx ou algo assim. Mas são 4h30 da manhã.

Não tenho nada a fazer além de dormir.

Estou cansado. A adrenalina passou. Eu ainda me sinto cansado, apesar de estar bem melhor do que deveria. A coitada da Aislin provavelmente ainda está se sentindo bem pior.

— Acho que deveríamos tentar dormir — digo.

Há um pufe, uma maca e uma poltrona em um canto. Uma televisão também. Eu a ligo, mas, apesar de já terem pago a conta de luz, ninguém pagou a da TV a cabo. Passo um pouco pelos canais e chego às emissoras locais. Não tem nada interessante, mas a luz fria é confortável, de certo modo.

— Peguei a cadeira — Aislin diz. — E também o sofá. Vocês dois terão que dividir a maca. Ah, e eu tenho o sono bem pesado. Vocês podem fazer qualquer tipo de barulho, porque eu não vou perceber.

— Que bonitinha — Eve diz. — Fico com a poltrona. Sou a menor.

Eu me estendo no sofá. Há algumas horas, eu estava beijando a Eve. Eu tinha certeza de que estava apaixonado por ela.

Eu *estou* apaixonado por ela.

Mas. Mas algo mudou. Estou aqui, no estúdio do homem que matou meus pais. O pai de Eve. O marido de Terra Spiker.

Terra, que fez coisas horríveis. Para Eve, para mim, para muitas outras pessoas.

Tem muita história. Há muitas complicações.

O que eu achei que fosse acontecer depois de revelar a verdade? Não é um final do tipo "viveram felizes para sempre".

— Não consigo dormir — Eve diz baixinho. Não tenho certeza se ela está falando com Aislin ou comigo. Nem com ninguém. — Eu continuo observando... a garota.

Ninguém pergunta com quem ela está falando. Nós sabemos.

— Gostaria que você nunca tivesse me mostrado — Eve diz, e agora tenho certeza de que ela está falando comigo.

Eu me apoio nos cotovelos.

— Então, você poderia ter vivido sem saber dessas coisas? — pergunto. — Fiz um favor a você, Eve.

— Um favor?

— Ela é a sua mãe. Você tem o direito de saber. A obrigação.

— O fato de eu ser filha dela não me torna responsável pelo que ela fez — Eve diz. — Você tem responsabilidade pelos seus pais?

Deixo a informação ser absorvida e, um minuto depois, escuto a respiração dela.

— Ah, Deus, sinto muito, Solo. Eu me esqueci. Estou tão cansada, eu não sei mais o que estou dizendo.

— Não se preocupe.

— É só que... ela é minha mãe. Você pensa que conhece uma pessoa, que sabe do que ela é capaz, e então...

— Sim, a vida é cheia de surpresas — digo. Eu me deito e solto o ar.

E, então, repouso o braço sobre meus olhos e finjo dormir.

## 30 Adam



**A**bro os olhos.

Vejo algo. É uma imagem. Uma imagem que conheço. Já estava na minha mente antes de eu vê-la. Agora, essa imagem ressoa.

É uma garota.

A imagem lentamente se transforma em outra, diferente. A mesma garota. Desta vez ela está à beira da piscina com outra menina.

Essa imagem, por sua vez, volta à da menina de antes, e o nome dela aparece em minha mente.

Evening. O nome dela é Evening.

Estou sentado em uma cadeira.

Estou olhando para um monitor.

Por quê? Quando me sentei nesta cadeira? Como cheguei aqui? Onde eu estava antes?

Levo a mão à cabeça. Tem uma faixa apertada, e sinto os fios, dezenas deles passando por todos os lados.

É normal? Vejo milhares de imagens de pessoas. Nenhuma delas tem uma faixa com fios.

E outra imagem de Evening.

Eu amo a Evening.

Como eu sei disso? É óbvio. É verdade. Eu tenho que amá-la. Ela me fez. Tenho as imagens na mente, movendo-se, de Evening em

um painel tomando as decisões que logo me definiriam.

Eu me vejo pelos olhos dela, sem forma, parcial, incompleto. Vejo que ela escolheu meus cabelos e meu rosto. Eu sei que ela esculpiu meu peito. Que ela teve a ideia de criar pernas perfeitas e musculosas.

Eu sou perfeito. Eu sou Adam.

Perfeito para Evening.

Ao meu rosto, será impossível ela resistir. A minha pele, ela desejará tocar. Assim como desejarei tocar a dela.

Ela fez meu corpo. Ela quer que eu seja o parceiro dela. Claro que quer.

Ninguém me disse isso, mas eu sei. Posso tirar minhas conclusões.

Na verdade, percebo que ninguém me disse nada. Ninguém falou comigo. Eu só... cheguei... aqui nesta cadeira. Cheguei aqui do nada e não sei quando.

Estou usando roupas, por isso não posso ver minhas pernas perfeitamente esculpidas por Evening nem meus bíceps incrivelmente simétricos, nem meu abdômen rígido.

— Como eu cheguei aqui? — pergunto.

É a primeira vez que falo. Busco em minha lembrança. Será verdade? Certamente já falei antes. Com alguém. Mas minha lembrança não revela ninguém.

Acabei de nascer. A percepção me choca. Eu acabei de nascer. Mas minha lembrança diz que não é assim. Minha lembrança me fala sobre úteros, mães e bebês enrugados e chorosos.

Nada disso se aplica a mim. Sou adulto. Não sou um bebê frágil e dependente; sou forte, alto e amo Evening.

— Você sempre esteve aqui — alguém diz.

Uma mulher aparece. Ela é alta, bonita, atraente.

— Não existe sempre — digo. — Nada persiste para sempre.

— O nada persiste — ela diz. Ela está me testando.

— Não. Assim como as coisas existem, o nada é impossível. Na verdade, o nada não pode persistir. O nada dá espaço a alguma coisa. O nada que precedeu o Bing Bang foi destruído. O nada se tornou algo.

A mulher assente.

— Ótimo. Você absorveu bem os dados. Sua inteligência é, obviamente, bem funcional. Você parece um aluno recém-matriculado na faculdade levando a primeira aula de filosofia muito a sério, mas isso é bom. Evening vai gostar.

— Eu ainda gostaria de saber como surgiu — digo.

— Pense nisso como um mistério — Terra Spiker diz. — Como o Big Bang. Em um segundo não tem nada e, no próximo, tem o universo.

— Evening me criou.

— Sim, criou. E, agora, você vai encontrá-la. Vai trazê-la aqui. Por você, ela vai voltar.

— Onde ela está?

Terra Spiker não diz nada por algum tempo. Fico tentando imaginar se ela me ouviu. Mas vejo que ela está pensando. Está com a testa franzida. E os olhos estreitos.

Ela corresponde a imagens que tenho de como é pensar.

— Tenho uma ideia de onde ela possa estar — ela diz, finalmente.

— E se ela não vier comigo?

— Ah, ela virá — Terra Spiker diz. — É o destino de todos os criadores: eles se apaixonam por suas criações.

A manhã é cinza, preguiçosa, muito fria e normal em São Francisco, independentemente da época do ano. A névoa não está tão densa e baixa quanto estava ontem à noite. Parece que vai chover mais tarde.

Solo vai acordar a qualquer momento. E, quando acordar, ele vai me pedir o pen drive, e vamos encontrar um lugar para descarregá-lo.

A sequência de fatos que virá é clara, até mesmo na minha imaginação. Vejo minha mãe com as unhas feitas presa em algemas cromadas. Vejo agentes federais em toda a Spiker, exigindo senhas, levando os computadores para laboratórios que possam abri-los e fazer com que despejem seus segredos.

Vejo minha mãe na cadeia. Com um macacão laranja.

Ela odeia a cor laranja.

Eu a enfrento no tribunal. Ela terá ótimos advogados, claro. Mas a prova virá de sua própria filha. No mínimo, ela vai ter que assinar um acordo. Vai perder seus negócios.

Os horrores chegarão ao fim.

Mas também chegará ao fim o trabalho no Piso Um. Projetos que podem trazer alívio a milhões ou salvar dezenas de milhares de vidas. Uma criança na África vive ou morre devido ao que eu decido.

É demais para pensar. Preciso me concentrar no que importa. Fui manipulada, usada, uma cobaia. Sou uma modificada, como disse Solo. Um experimento genético.

Para conseguir isso, crimes horrorosos foram praticados e horrores criados.

Fecho os olhos e vejo os monstros em suas caixas.

Pisco para tentar afastá-los, e olho para a pilha de quadros pintados pelo meu pai que está encostada na parede.

São bons, alguns deles, muito bons. Natureza-morta, paisagens, alguns rostos esboçados. Carvão, na maioria. Alguns em aquarela. Tem uma pintura minha quando bebê, com o rosto gordinho e um único dente.

Minhas mãos congelam quando vejo a última tela. É a minha mãe. A tela a óleo que meu pai tentou, e então abandonou.

Foi feita e refeita. Consigo senti-lo esforçando-se para fazer o olhar, o sorriso.

O sorriso nunca foi o forte de minha mãe.

Ainda assim, existe uma leve vulnerabilidade nos olhos. Uma suave doçura nos lábios. O desenho foi feito por alguém que amava minha mãe profundamente. Sem reservas.

Penso nas brigas sem fim e nos silêncios gélidos. É possível que, por trás de todo o drama, eles realmente se amassem? Ele via algo nela que não consigo ver?

Pego o meu desenho do bolso da calça jeans. Está manchado nas dobras. Eu o comparo com o retrato de minha mãe, estudando as pinceladas e manchas. Passando um lápis imaginário sobre o desenho.

— O que você está fazendo?

Aislin se aproxima. Ela ainda está péssima, mas bonita do seu jeito durão, mas nem tanto. Ela se encolhe de frio e encosta a cabeça no meu ombro.

— Vamos sair — sugiro com um suspiro. — Não devemos acordar o Solo.

Ela ri.

— Tem certeza?

O vento está frio e cheira a peixe. Olho para a água. Há um leão-marinho olhando para nós, ansioso. Sem dúvida, está à espera do café da manhã. Não sei mais se os leões-marinhos da baía ainda pescam. Eu acho que eles só esperam por pedaços de hambúrguer e peixes.

— Não tenho nada — digo. Mostro as mãos vazias. O leão-marinho mergulha tranquilamente e desaparece.

— Você deveria dormir — digo a Aislin.

— Hum. Deveria. Não sei seguir conselhos muito bem.

Sorrio.

— Percebi.

— Você segue.

— Sigo? — É uma pergunta de verdade. Não sei bem se tenho a resposta.

— Aquilo no seu computador foi mesmo assustador — Aislin diz. Ela parece inquieta. Está percebendo que estou me afastando.

— Sim, coisa de filme de terror.

— O que você vai fazer?

Suspiro profundamente.

— Ainda não sei. De acordo com você, sempre faço a coisa certa. Mas qual é a coisa certa?

Ela ri.

— Sério? Está mesmo me perguntando?

Olho para ela.

— Sabe, Aislin, nem sempre concordo com o que você faz. Mas você é uma boa pessoa. De modo geral, no fundo, você é uma boa

pessoa.

Ela aperta a minha mão, mas não acredita em mim.

— Diga, Aislin. O que eu devo fazer?

Ela suspira, como eu.

— É difícil ir contra a família — ela diz.

— Minha mãe merece isso — digo. — Se ela realmente for a responsável.

Aislin sorri um pouco, mas um tanto amarga.

— Lembra quando meu pai teve aquela amante, Lainey, e minha mãe o colocou para fora de casa? Por um tempo. Depois, ela o deixou voltar. E minha mãe, claro, tem um problema com bebida, mas acho que ele ainda a ama. E, apesar de tudo que fiz, eles não me colocaram para fora.

— Eles nem sabem onde você está — digo. — Sério, Aislin, estamos usando a sua família como um tipo de exemplo para alguma coisa?

Foi grosseiro. Horrível. Percebo assim que digo.

— Na verdade, eles sabem onde estou — Aislin diz. — Ou, pelo menos, onde eu estava. Eu disse a eles que ficaria com você em Tiburon. Não é minha culpa eu não estar mais lá.

Eu deveria deixar isso de lado. Mas estou exausta. Estou confusa. Tenho ótimas desculpas.

— Nossa, me desculpe, meus problemas impediram que eu salvasse você.

Ali, enfio a faca na nossa amizade. A única coisa que eu nunca quis ser foi a menina rica e megera.

Eu me odeio. É imediato, não tenho como não pensar nisso, eu me odeio. Sinto vontade de arrancar minha língua. Mas é tarde demais.

Faz-se um longo silêncio. Aislin me dá tempo para pensar. Mas eu não penso. E não sei por quê, mas estou me odiando tanto que sinto merecer esse ódio.

Ela entra. Fico de pé, segurando o corrimão, pensando que é injusto que eu esteja tendo que me odiar quando, na verdade, só quero odiar a minha mãe.

A porta se abre de novo e Aislin volta a sair, levando a bolsa. Ela passa por mim.

Eu digo... não digo nada. Estou nesse estado. Não digo nada.

Estou num tipo de sobrecarga. São coisas demais. Sinto uma vontade desesperadora de chorar. E eu não sinto vontade de lidar com outra crise.

Ouçó os passos dela no píer. E, então, ela se vai.

Sinto a autopiedade tomar conta de mim. Será que ela não percebe que preciso dela por perto? Ela não sabe pelo que passei? Quase morri. Descobri que minha mãe é uma criminosa. Escapei com vida de um maluco que trabalha para a minha mãe.

Ou, pelo menos, Solo escapou. E nos levou com ele.

Tenho certeza de que ele me disse a verdade? Eu nem o conheço. Um beijo — mesmo aquele beijo — não nos torna amigos para sempre.

Não, garota, sua melhor amiga acabou de ir embora.

Bem, estou cansada da carência de Aislin. E começo a pensar se estou sendo manipulada por Solo. Afinal, ele é bom com tecnologia. Talvez todas aquelas fotos sejam falsas. Talvez tudo isso seja uma fraude bem elaborada para permitir que ele machuque a minha mãe. Ele a odeia o suficiente para isso.

Talvez eu só precise pegar um táxi e voltar para a Spiker e contar a minha mãe.

Não. Não, sei que é bobagem. Eu me curei em dias de algo que demoraria meses. Isso, pelo menos, é verdade.

E algo me diz que aquelas fotos eram verdadeiras.

Elas voltam a minha mente, sem querer, como um slide de imagens aterrorizantes. O porco. A garota. Aquele maluco tatuado, de pé na sala dos horrores.

O cara tatuado. De repente, percebo: ele é o mesmo cara que veio correndo da sala de Solo.

Talvez ele seja o cara ruim. Talvez ele seja o culpado e minha mãe seja inocente.

Por pior que seja, talvez fosse ainda a melhor opção.

Pelo menos devo a ela uma chance de se explicar, certo?

Estou congelando. Vou pegar meu celular e telefonar para ela. Desativei o rastreador para que ela não o use para me encontrar. Não há riscos.

Tenho que dar uma chance a ela. Ela pode ser uma megera, mas ainda é minha mãe.

E se ela não conseguir se explicar? Então, dou o pen drive a Solo.

Dentro do galpão não está mais quente; um pouco melhor, pelo menos. Pego a minha bolsa.

Solo não está mais no sofá. Ele deve estar... Onde ele deve estar, exatamente?

— Solo. — Nada. — Solo?

E, então, eu sei. A princípio com cautela, e, então, a procura se torna desesperada, uma procura que vai confirmar o que já sei: o pen drive sumiu.

Assim como Solo.

## 32 Adam



Conheço esse barco, apesar de nunca ter estado aqui. Um motorista me deixou no píer. Estou com uma carteira cheia de dinheiro. Tenho um cartão de crédito também. Tenho um telefone que faz tudo. Até responde as minhas perguntas.

Conheço cada uma dessas coisas, assim como sei onde comprar a passagem para o barco, e como embarcar. Sei com antecedência como é o terminal do outro lado da baía — a baía que também conheço, ainda que não devesse.

O barco sai de Tiburon, que é a palavra “tubarão” em espanhol. Não falo espanhol, mas sei o que essa palavra quer dizer.

Estou alguns minutos adiantado. Tem um café repleto de clientes que chegam cedo.

Eu gosto de café? Não sei.

Terra Spiker diz que eu absorvi bem. Minha inteligência está funcionando bem. Meu corpo funciona. Mas ninguém me contou do que eu gosto ou não gosto. Só sei que amo e me importo com Evening Spiker. Ela me fez.

Entro no café. Sei como pedir. Parece que já pedi ajuda antes, mas não pedi. É confuso.

Chego ao balcão. A mulher está anotando pedidos. Ela arregala os olhos. Suas pupilas se dilatam. Ela engole em seco.

— O que quer? — Sua voz está rouca.

— Café. Um cappuccino.

— Mais alguma coisa? Um salgado?

— Não. Não quero salgado.

— São três dólares e dez centavos.

Pego algum dinheiro.

Espero pelo café. As pessoas olham para mim. Alguns homens não gostam de mim. Outros não se incomodam. Todas as mulheres gostam de mim. Algumas fingem não me notar, mas olham e desviam o olhar.

Um casal se une ao grupo de pessoas que esperam os pedidos, um jovem, de vinte anos, talvez, e uma garota, talvez um pouco mais jovem. A garota olha para mim e fica boquiaberta. O rapaz se coloca entre nós dois, bloqueando a garota. Ela aparece atrás dele. Ela está sorrindo um pouco. E morde o lábio inferior.

Meu café está pronto. Eu o pego. E digo:

— Obrigado.

— Não, eu é que agradeço — a atendente diz.

O barco está chegando. Consigo vê-lo pelo vidro. Eu sigo na direção dele. Um homem mantém a porta aberta para mim.

Sei que as pessoas estão me seguindo. Não estão em fila atrás de mim. Elas formam um emaranhado de gente, mas mantêm o ritmo comigo. Estão perto, mas não muito. Outras pessoas se sobressaltam. Eu, não.

O sol está subindo atrás da Angel Island coberta de árvores. A névoa fica entre nós e a cidade, e eu sei disso porque conheço muito do lugar, apesar de nunca ter estado aqui.

Uma ideia me ocorre. Tento pensar no que há a leste dessa área. Chego a uma cidade chamada Berkeley. Tenho informações detalhadas até aqui, de todas as ruas, mas então o mapa em minha mente se torna vago. Sei que em algum lugar existe uma cidade chamada Chicago. E outra chamada Nova York. E um lugar chamado Europa. Sei pouco sobre eles, bem pouco.

Interessante. Fui educado de modo incompleto. Sei muito a respeito de encontrar Evening, e não sei quase nada sobre outras coisas.

Eu me recosto na grade do barco, onde o sal espirra e molha meu rosto. Uma mulher muito jovem se aproxima de mim.

— Com licença, sei que deve ouvir muito isso, mas você é modelo?

— Não — digo. Fico curioso. — Por que achou isso?

A mulher balança a cabeça.

— Você deve saber.

— Não sei muitas coisas que deveria saber.

— Cara, você é a pessoa mais linda que eu já vi.

— Sou? — Olho ao redor e vejo duas garotas balançando a cabeça juntas.

— Ok. Obrigado — digo.

— Você deveria ser modelo. Ou um ator — a jovem diz. — Ou participar de campanhas publicitárias ou... — Ela dá de ombros.

— Ele poderia me vender qualquer coisa — uma mulher de meia-idade com dois filhos comenta. — Qualquer coisa.

As palavras me deixam pouco à vontade. Eu inclino os ombros para a frente e abaixo um pouco a cabeça. Então, olho para a água e me recuso a olhar para trás até chegarmos a São Francisco.

Terra Spiker me deu uma lista de três lugares onde procurar Evening. O primeiro é a casa da família. Fica distante, em um bairro chamado Sea Cliff. Sei que posso andar, ou pegar um ônibus, ou chamar um táxi.

Só tem um táxi, e a luz de "sem serviço" está acesa. Precisarei caminhar, ou pegar um ônibus, a menos que...

Um táxi desvia bruscamente das faixas e o vidro desce.

— Precisa de uma carona? — o motorista pergunta.

**E**stou ansiosa. Ainda estou com meu telefone, mas não tenho o número de Solo. Faço uma busca onde posso encontrar um computador para alugar. Sigo as orientações correndo.

Tudo está acontecendo rápido demais. Não posso deixar Solo fazer isso.

Ou posso?

A copiadora está fechada. Só vai abrir daqui a duas horas. Olho ao redor, desesperada. Estou no centro financeiro agora, uma formiga diante de gigantes. O Transamerica Pyramid fica em uma direção, o prédio do Bank of America, na outra. Sigo em direção ao Bank of America, hesito, paro, desejo ter poderes paranormais, olho cuidadosamente em todas as direções. Nada. Ninguém além de uma pessoa da rua, uma mulher mais velha, que empurra um carrinho de supermercado na minha direção enquanto murmura:

— Eu disse que não tinha problema, eu disse que não tinha problema.

Esquizofrenia, uma doença genética. O tipo de doença assustadora que pode ser curada com a informação correta, se você souber encontrar os códigos de genética e puder copiar e colar.

Será que a mulher doente desejaria ser curada se soubesse que isso significaria ficar em um porão repleto de malucos e monstros?

Não seja tola, digo a mim mesma. Claro que sim. Todo mundo.

Aonde Solo foi?

Ele poderia estar em qualquer lugar, percebo. Não precisa esperar que uma biblioteca ou uma copiadora abram. Há computadores ao meu redor. Estão empilhados em setenta andares. Solo, sendo quem é, já deve ter encontrado um escritório destrancado, ou ter passado pela segurança. Existe uma grande possibilidade de que os dados mortais já estejam se propagando pela Rede.

Não se trata de uma decisão dele. É nossa decisão.

— Sim, bem, dane-se você, Solo — digo, de modo amargurado. — Você pode cair morto e falecer!

Percebo a redundância na frase.

Volto ao armazém. Paro antes em uma loja de donuts. Entro, dizendo a mim mesma que só vou pegar um café. Saio com dezenas de donuts, alguns ainda tão frescos que estão quentes. Devoro dois no caminho.

Não é longo o caminho de volta. A porta está destrancada, exatamente como a deixei. Uma parte de mim deseja que Aislin tenha voltado. Quero escutá-la me provocando por estar comendo para me confortar.

Outra parte espera que Solo tenha voltado, para que eu possa gritar com ele e, possivelmente, beijá-lo por muitos dias.

Mais donut.

Assim que entro, percebo que não estou sozinha.

O sol começa a passar pelas janelas altas. Ele ilumina o topo das estátuas, que olham para mim com uma ferocidade animalesca.

O sol também ilumina um lado do rosto dele.

Ele me vê.

Ele não se move.

— Evening? — ele pergunta.

— Adam — eu digo.

No septuagésimo sétimo andar do prédio do Bank of America, encontro um grande escritório de advocacia. Não está aberto, mas aqui os advogados trabalham muito em lugares assim. Uma mulher apressada e jovem está chegando. Ela procura a chave, encontra e abre a porta e, em seguida, entra depressa.

A porta se fecha, mas não rápido o suficiente. Coloco a ponta de meu tênis ali, só um pouco, para mantê-la aberta. Espero três minutos para ter certeza de que a advogada entrou em seu escritório. Então, entro.

As luzes estão fracas, a mesa da recepcionista está vazia, o chão é acarpetado. Tento adivinhar para que lado a advogada foi, e decido que foi para a esquerda. Vou para a direita. Alguns escritórios individuais estão trancados; outros, abertos.

Os computadores parecem bem atualizados, e eu consigo encontrar um com entrada USB. Entro no escritório e fecho a porta em seguida. A vista para a California Street é ótima.

O computador está protegido por senha. Tento o básico: 1, 2, 3, 4. QWERTY. YTREWQ, que é qwerty ao contrário. SENHA. Algumas outras. Quem usa esse computador não é tão burro. Mas foi burro para escrevê-la no canto do bloco de anotações sobre a mesa.

Confiro o relógio, enfio o pen drive. Demora para carregar. Demora muito, já que há muitas imagens pesadas.

A partir de agora, vai ser simples. Só preciso anexar o arquivo a uma dezena de e-mails: CNN, *New York Times*, diversos membros

do Congresso dos dois partidos, contatos que conheço no coletivo hacker Anonymous, o FBI.

Eu digito os endereços. Todos saberão quais foram os órgãos que receberam os mesmos documentos, de modo que não haverá como encobrir.

Só preciso clicar em "enviar".

Só. O que tenho que fazer.

É clicar em "enviar".

Depois, não vai ser da noite para o dia. O mundo não é tão rápido. Mas, em dias ou semanas, o FBI vai para cima de Terra Spiker.

O Congresso marcará audiências.

Documentos e arquivos serão tomados. No fim, é provável que algemas prendam os braços de Terra e de Tommy Tatuado, e provavelmente de muito mais gente.

Eu permaneço sentado, sem me mexer, olhando para a tela.

Um crime foi cometido. Muitos crimes. Alguns podem ser mais do que criminosos; podem ser maquiavélicos.

Mas não posso mentir para mim mesmo e fingir que é meu único motivo. Sinto raiva de Terra Spiker pela vida que ela me deu. Por me tratar como um de seus funcionários comuns depois que meus pais morreram. Por me manter, ainda que não como prisioneiro, muito distante do mundo da Spiker Biopharm.

Por fazer comigo o que fez a Eve.

"Faça", digo a mim mesmo.

Caos e loucura. Libertem-nos. Como é essa frase?

Causar caos?

Paro para procurar no Google.

"Venha a destruição e solte os cães da guerra", leio.

Então, leio que “venha a destruição” era uma frase da época de Shakespeare, um sinal para que os soldados queimassem, saqueassem e estuprassem.

Então, uma escolha ruim de algo a pensar.

Shakespeare usou a frase em outras duas peças. Deve ter gostado. Uma delas é sobre um campo manchado. Manchas de sangue, claro. A terceira é de uma peça da qual nunca ouvi falar.

“Não chame a destruição onde deve caçar com humildade”, leio.

Olho para as palavras na tela.

Sério, Solo? Você está hesitando? Você viveu por este momento.

Solte os cães de guerra!

Ou...

Cace com humildade.

Apenas teoricamente, pergunto a mim mesmo o que significaria caçar com humildade. Qual é o passo que não tem a ver com cães de guerra?

Estou agitado. Eu me sinto nervoso e inquieto, de repente. Frustrado, de alguma forma.

É mesmo, Solo? Uma pesquisa no Google o impede?

Uma pesquisa no Google e um beijo. Essa é a verdade. É o que tem me feito ficar ansioso, indeciso e procurando uma desculpa para não soltar os cães de guerra.

Sou um guerreiro. *Sou* um cão de guerra. Passei anos... e agora a garra desaparece de dentro de mim por causa de um beijo e de uma frase de Shakespeare?

Bem, não *só* pelo beijo. Pela descida com a corda, foi... Sim, pensar um pouco mais naquilo, e no que vier à mente (sei exatamente o que traz à mente). Independentemente do que essa lembrança significar para mim, se eu clicar no “enviar”, ela só será uma lembrança.

O problema é que eu consigo sentir as pernas dela ao redor de meu corpo, e sinto seus lábios, e consigo imaginar, e a imaginação é uma maldita provocação, a imaginação tortura, mas saber disso não me detém. Minha imaginação está livre, passando por lugares doces e quentes. E não é só isso, não apenas as partes quentes nem as partes doces, é a sensação de que minha vida é um raio laser que acabou de bater em um espelho, e está refletindo, uma mudança repentina, uma transformação total, uma virada, todas essas coisas, todos esses sentimentos que pensei estarem envolvidos em minha vida, talvez não estejam. Talvez toda a minha história tenha sido apenas uma maneira de chegar a este ponto, mas este ponto não é o e-mail "bomba" que está a um centímetro do dedo indicador de minha mão direita; a questão é algo que nunca vi acontecer e me pega de surpresa! A minha história não é tudo o que pensei que fosse.

Justiça e vingança. Ou Eve.

Minhas mãos se afastam. Como se eu tivesse descoberto, de repente, que o teclado é como a chama acesa de um fogão.

Eu me sobressalto.

Olho para a minha mão. Ela tomou a decisão. Minha mão me acha um idiota. Minha mão acha que só um imbecil poderia escolher a vingança em vez do amor.

Eu acho que minha mão pode estar certa.

De um jeito ou de outro, a decisão não é só minha. Preciso de Eve.

— Evening — ele diz de novo.

Balanço a cabeça, assentindo. Muito vigorosamente. Porque minha voz vai falhar, com certeza.

Ele está aqui.

Mas ele não pode estar aqui.

Ele é de verdade.

Mas não pode ser de verdade.

É mais alto, na realidade. Seus olhos estão vivos agora, surpreendentemente vivos. Está curioso, preocupado. Ele me conhece — isso eu sei. Ele sabe quem eu sou.

Ele é o homem mais lindo que já vi. Na vida. No mundo. George Clooney, Johnny Depp e Justin Timberlake e todos os outros, todos seriam considerados o amigo menos atraente de Adam.

Fico tentando imaginar se ele consegue dizer algo além de meu nome.

Mas é muito bom. Gosto de ouvi-lo dizer meu nome. Quero que ele diga de novo.

— Estou a sua procura — ele diz.

— Oi? — respondo, de modo brilhante.

— Sua mãe me mandou encontrar você.

É verdade, claro, e a honestidade desse fato me surpreende.

— Você tem que me dizer isso?

— Não sei.

Ele não dá de ombros, não sorri, não abaixa a cabeça. Percebo que não se afeta. Não tem tiques nem manias.

O espanto de vê-lo me deixa sem fala. É a criatura de um sonho. Ele é algo que eu desenhei em um bloco de papel e trouxe à vida, totalmente formado.

Quero tocá-lo. Ter certeza de que é de verdade e não um truque de minha mente cansada.

Eu também só quero tocá-lo. Porque... porque sim.

E eu acredito que posso fazer isso. Acredito que ele vai permitir. Eu acredito nisso porque ele é, de um modo inacreditável, meu. Será que ele sabe disso?

— Você sabe quem eu sou? — pergunto. Não estou só perguntando se ele sabe meu nome. Estou perguntando se ele sabe quem eu sou, o que eu sou. Estou perguntando se ele conhece a minha importância.

É o tipo de coisa que ouvi minha mãe dizer mais de uma vez: você sabe *quem* eu sou? Com ênfase no “quem” e um tom incrédulo e mais alto no “sou”.

Não digo isso assim. Mas é a intenção.

É maluquice pensar assim, mas, apesar da beleza desse garoto, ele é, de certa forma, meu. E eu quero que ele saiba disso.

Você é meu, Adam.

De onde vem esse tipo de pensamento?

— Você foi quem me fez — Adam diz. — Sou seu par perfeito. Sua alma gêmea.

— Você sabe disso tudo?

A primeira hesitação. Ele está contido. Está pensando.

— Não acho que sei de tudo, Evening.

Quero pedir a ele para parar de dizer meu nome, porque, sempre que o faz, eu sinto um arrepio. Não quero um arrepio. Não quero que ele me deixe com os joelhos bambos.

Fico em silêncio e ele continua.

— Recebi algumas informações. É uma técnica básica, compreendo, por isso só sei de algumas partes. Ainda estou sendo formado mentalmente. Tenho conhecimento, mas não tenho experiência.

— Isso não fará com que você seja tão diferente da maioria dos caras — digo. É um comentário espertinho. Uma piada. Ele tem senso de humor? Dei senso de humor a ele. Pelo menos foi isso que eu fiz, incluir os códigos que permitiriam que ele desenvolvesse senso de humor, mas ele tem experiência para diferenciar uma piada de outras coisas?

— Você me fez diferente dos outros — ele diz.

Pode ser um comentário meio espertinho. Estou preparada para aceitá-lo, porque acho que não poderia ter um relacionamento com um cara que não tenha senso de humor.

Relacionamento?

Dá um tempo, garota.

Dá um tempo mesmo... Certo, não. Agora estou discutindo comigo mesma. Estou me repreendendo. Estou no controle aqui, certo? Não deveria nem sequer estar pensando nele como algo além de um experimento interessante. Ele é meu projeto de ciências nota 10.

Uma parte racional de meu cérebro indica que essa... essa pessoa, essa criação, seja lá o que Adam for... é um crime ambulante. Real ou não, nascido ou fabricado, não importa. Adam não deveria estar aqui. Alguém deu vida a ele e o mandou para o mundo, e isso foi errado.

Mas, por mais que eu tente, não posso ficar a sessenta centímetros dele sem reagir. Não acredito que exista uma pessoa,

seja do gênero que for, que pudesse estar ali indiferente a ele.

Ele é uma obra de arte.

Se eu me convencer disso.

— Certo — eu digo, apenas para dizer algo, porque, do contrário, ficarei olhando para ele sem parar, e é falta de educação fazer isso.

— O que a minha mãe disse para você fazer quando me encontrasse?

— Ela quer que eu peça para você voltar.

— É isso? Sem desculpas nem explicações? Apenas “voltar”? Ela não disse mais nada?

— Ela disse algumas coisas que não acredito que quisesse que eu dissesse a você. Eram mais observações.

Coitado, porque deve ter pensado que eu não questionaria.

— Observações?

— Afirmações.

Inclino a cabeça, em dúvida. Ele começa a fazer a mesma coisa, e então para. Eu inibi sua disposição a ser influenciado. Eu dei a ele traços individuais.

— Você se lembra de algumas dessas afirmações? Das afirmações dela?

— Sim. Elas foram algumas das primeiras coisas que ouvi.

— Por favor, me conte.

— Certo. — Ele franze o semblante com o esforço para se lembrar.  
— “Ela é uma megera teimosa, bem, eu também sou, ela puxou isso de mim. Ela acha que não me deve nada, acha que não dei tudo a ela, mas, sim, o pai. Bem, que pena, querida, porque ele está morto e eu sou o que restou. E agora ela fugiu com o Solo, aquela serpente, eu deveria saber. Eu sabia, não é? Sabia que tinha que mantê-los separados e, então, como uma idiota, permiti que eles se encontrassem. Vou destruir aquele monstinho, eu juro, depois de

tudo o que fiz por ele, depois de tê-lo recebido quando seus pais criminosos e traidores... e quem a Evening pensa que custou a vida de seu pai?"

Levanto a mão.

— O quê?

— Você quer que eu repita? Provavelmente perdi umas palavras. Não tenho memória fotográfica. Mas você já sabe disso.

— O que ela disse depois?

— Foi isso. Ela parecia agitada...

— Ela sempre está agitada, de um jeito ou de outro — eu interrompo.

— Mas, então, ela se deteve e disse: "Você não precisa saber nada disso. E não conte a Evening nada disso".

— Então, por que me contou?

Ele sorri. Não tinha feito isso antes. Eu dei a ele belos dentes. Dentes perfeitos. Mas não fiz esse sorriso, não exatamente. Esse sorriso, que é uma alquimia, um tipo de interação mágica de, não sei, mas, ah, sim. Tremor. E calor. E uma sensação tomando conta do corpo todo como se eu realmente quisesse diminuir a distância entre nós e, de repente, ficou muito difícil me concentrar em minha ira.

Tenho que balançar a cabeça, com força, e repassar a última frase dele para me encontrar de novo.

— Por que você me contou se minha mãe pediu para não contar?

— Não sou uma máquina, Evening. Sou um homem. E você me fez livre. Você fez isso, não?

— Sim, sim. — Eu o fiz para ser livre? Não tenho responsabilidade nisso. Sim, eu o fiz para ser livre. E me pergunto o que mais eu fiz.

O dia no laboratório com Aislin volta a minha mente em alta definição. Aislin olhando para mim, eu fingindo ser muito mais pura

do que sou, porque faz parte de meu relacionamento com Aislin.

Eu o vejo agora em minha lembrança. Vejo os olhos flutuando, desconectados. Eles estão bem melhores na cabeça dele. Vejo o peito que eu fiz, o tanquinho que criei. Vejo todas as escolhas que fiz.

É perturbador.

Ele está aqui, real e lindo, e eu o fiz lindo. E é por isso que Solo destruiria a minha mãe? Esse cara, esse homem, a existência dele é um tipo de crime?

Em qual universo maluco poderia essa obra de arte — a *minha* obra de arte — ser um crime?

Meu celular toca. Eu escuto, mas não me importo muito. Então, percebo que tocou antes. Muitas vezes.

— Com licença — digo. Por algum motivo, sinto que tenho que ser formal com Adam. Não sei quais são as regras. Nunca fiquei conversando com minha criação incrivelmente atraente antes.

Procuro meu telefone, meus dedos não o encontram na bolsa. Não quero — quase não posso — parar de olhar para ele. Eu me desculpo de novo por mudar a linha de visão. Como ousa não olhar, encantada, para você? Como ousa olhar para o ninho de rato que é a minha bolsa?

Encontro o telefone. É uma mensagem.

*Maddox baleado. SF General Hospital. Venha, pfv.*

Para minha vergonha, hesito. Eu penso *que se danem ele e ela, estou conversando com o Adam!*

Mas, de alguma forma, de algum canto profundo de minha mente, o meu lado bom se impõe e diz que eu tenho que ir.

Vou pedir a ele para ir comigo.

Não, não. Espere. Quem o criou aqui? Não criei essa pessoa para que se tornasse como eu costumava ser, inseguro, crítico, tímido.

Tenho o controle desse relacionamento.

Certo? Pergunto a mim mesma. Certo?

— Adam — digo. — Venha comigo.

## 36 Adam



**E**la não é bem o que eu esperava. Visualmente, sim. Visualmente, sei que Evening é o máximo da beleza jovem e feminina. Sei disso tão bem quanto sei qualquer outra coisa. Recebi essa verdade.

Mas ela não fala o que eu esperava.

Não age como eu esperava.

Eu ouvi que ela era teimosa, difícil, ingênua, muito esperta, muito talentosa, com todo o potencial do mundo.

Esta frase está em minha mente: todo o potencial do mundo.

A garota tem todo o potencial do mundo. Ela poderia ser qualquer coisa. Pode fazer o que quiser. Qualquer coisa! Mas ela está desperdiçando a vida na companhia daquela amiga vaca, viciada e fracassada.

Depois de falar com Evening, concluo que ela é inteligente. Não sei se ela tem todo o potencial do mundo.

Um pensamento me ocorre:

— Essa pessoa que vamos salvar. É a sua amiga vaca, viciada e fracassada?

Estamos descendo o píer na direção do Embarcadero. Evening para.

— O que foi? — Ela estreita os olhos. — De onde tirou isso? — Antes de responder, ela interrompe balançando a mão. — Não importa. Consigo imaginar.

Corremos mais um pouco. Chegamos ao bonde antes de ele parar numa estação. Entramos, e então esperamos impacientemente por vários minutos, enquanto o motorista sai e inspeciona o veículo.

— Não acredite no que minha mãe lhe disse — Evening diz.

Sinto uma onda de terror.

— Evening, eu só sei o que sua mãe me disse. Se eu tivesse que parar de acreditar em tudo o que ela me contou...

Estamos sentados lado a lado. A coxa e o ombro dela estão pressionados contra os meus. Ela se vira para mim e eu para ela, e isso deixa nossos rostos bem próximos.

— Eu... — ela diz, e então fica rouca. Semicerra os olhos, como se estivesse com sono. Lenta, lentamente, ela se aproxima.

De repente, seus olhos se arregalam. Vejo algo como um susto em seu olhar, quando ela se afasta.

— Preciso me sentar em outro lugar — ela diz depressa.

— Por quê?

— Preciso, só isso.

Ela não se mexe.

— Onde?

— O quê? — Seus olhos voltam a ficar entreabertos. — Ah, sim. O banco aqui na frente.

Ela se levanta, mas, nesse momento, o bonde parte. Para impedir que ela caia no corredor, eu passo meu braço direito ao redor de sua cintura e, então, ela escorrega um pouco, de modo que meu braço sobe e então para, porque não pode ir além.

O bonde acelera e esse movimento — não é bem isso, é um impulso — a empurra de volta para mim.

Somos os únicos passageiros.

Ela tem um pouco de dificuldade para se levantar, mas seu esforço não é tão grande, e ela se senta por um tempo mesmo depois de o bonde parar de desacelerar.

— Minha nossa — ela diz com a voz rouca. Ela repete, mas com uma pausa comprida. Assim: “Minha... nossa”. E então, como se não estivesse falando comigo, mas, sim, com outra pessoa, ela diz: — Sim, vou me levantar. Vou me levantar e andar. Porque, não. Errado. Isso não é certo. Então. Levantando.

Com um impulso repentino, um impulso descoordenado que considero estranhamente divertido, ela se levanta. Parece meio mole, apesar de o bonde estar avançando com admirável tranquilidade.

Evening se senta à minha frente. Ela suspira e passa os dedos pelos cabelos e diz — mais uma vez, como se não estivesse falando comigo:

— Certo, posso fazer isto.

Eu me lembro das palavras da mãe dela e digo:

— Você pode fazer qualquer coisa que quiser.

Ela responde:

— Argh! — com a voz alta e esganiçada.

Vinte minutos depois, chegamos ao hospital.

A entrada para a sala de emergência é uma porta estreita e automática. Há uma placa cor-de-rosa acima da qual se lê “Sala de Emergência”, decorada com um ursinho de pelúcia azul. Acho que pode ser a entrada apenas de ambulâncias, mas decido que não me importo. Entramos atrás de uma maca que leva um homem muito embriagado.

O bêbado está gritando:

— Purgatório! Purgatório! — Mas ninguém percebeu.

Todos ali notam Adam.

A maca para. Os dois caras que a empurram olham, levemente boquiabertos. Uma médica sai, acende um cigarro, traga, e para. A fumaça sai de sua boca. Ela se esqueceu de soltar o ar.

O bêbado — ele é um cara velho, talvez de sessenta anos, talvez seja um vagabundo — para de gritar e parece assustado.

— Com licença — digo. Ninguém me ouve. Ninguém me vê. Está ficando meio irritante. Eu existo, afinal, mesmo quando estou ao lado de Adam.

Não existe a menor possibilidade de alguém nos parar enquanto passamos pela maca e entramos na sala de emergência. Enfermeiras e médicos passam, todo mundo parecendo bem cansado.

Há menos gritos e drama do que vemos nos programas de TV, e a iluminação é muito pior. Talvez os médicos estejam fazendo monólogos a respeito de suas vidas amorosas, mas é mais provável que estejam apenas esperando os turnos terminarem.

Adam para o lugar todo.

Fico com medo de que pessoas estejam morrendo enquanto os médicos param para olhar.

— Onde está Maddox Menlow? — pergunto. Mais uma vez, é como se eu não estivesse falando nada, por isso grito:

— Aislin! Cadê você?

— E.V.?

Uma cortina branca é puxada e a cabeça de Aislin aparece em uma das salas. Eu corro até ela. Nós nos abraçamos. Então, olho para a cama. Não vejo Maddox.

— Onde ele está? — pergunto.

— Eles o levaram para ser operado.

— Ah, não — digo. — Está muito mal?

Seus olhos estão inexpressivos.

— Eles atiraram no estômago dele. Está... eles não sabem. Sei lá, tinha muito sangue.

Não sei por quê, sempre imaginei que, se Maddox realmente tivesse que levar um tiro, seria no pé ou no cotovelo, algo assim. Nada potencialmente fatal.

Eu me sinto uma idiota.

— Foram os mesmos caras? — pergunto.

Aislin olha para os pés, envergonhada.

— Olha, Maddox não deu aquele dinheiro para eles, os nove mil dólares. Ele o usou para comprar algumas coisas. E então ia revender, para poder pagar aqueles caras e guardar um pouco.

Apesar de ter em minha mente imagens claras de Maddox ferido, não consigo afastar a onda de ódio dentro de mim. Eu consegui o dinheiro para ele. Não era para ele comprar mais maconha.

Eu me recosto na cama.

— Eles pegaram os caras?

Aislin balança a cabeça.

— Eu sei, está bem? — Seus olhos ficam marejados. — Eu sei quem ele é. E finalmente sei que tenho que me livrar dele. Mas não enquanto ele estiver morrendo, OK?

— Sim — digo, mas não acredito que ela vá se afastar de Maddox, machucado ou não. Ela vai voltar para ele, como sempre volta. De repente, o problema disso tudo me faz entender. Aislin vai afundar com Maddox, e com qualquer outro idiota que o substitua.

E qual é o meu grande plano? Ajudar Solo a destruir minha mãe? E depois? Andar pela cidade, sem casa, acompanhada de minha bela criação, parando o trânsito?

Percebo — e culpo Adam por me distrair — que Solo, sem dúvida, já teve sucesso. Os dados arrasadores provavelmente estão sendo repassados. O triste destino de minha mãe está selado.

Não tem nada a ver comigo agora. O problema é a *Aislin*.

— Vamos pegar um café — digo. Aislin limpa o nariz na manga, e eu a levo da sala de emergência para a cafeteria.

Estou bebericando o café quando percebo que deixei Adam.

— Ele vai ficar bem — digo.

— Não sei — Aislin diz com tristeza, pensando que estou falando sobre Maddox. E então, que gentil, ela se preocupa comigo. — O que está acontecendo com Solo? Vocês fizeram aquilo?

Pela primeira vez, percebo que a pergunta não é sobre sexo.

— Ele pegou o pen drive e saiu — digo.

— Ah. — Ela não sabe o que dizer, mas tudo bem, porque, no lugar dela, não sei se estaria pensando em alguma coisa.

Por que eu amo a Aislin? Porque, com seu mundo ruindo, ela pensa em mim. Ela ainda se importa comigo.

Não sou tão boa amiga quanto ela.

— Então... sua mãe? — ela pergunta.

Dou de ombros. Meu estômago está revirado, minha cabeça está atordoada. Tenho resistido a Adam, sem pensar. Qual é o problema comigo? Solo está ocupado destruindo minha mãe e eu estou suspirando por Adam.

É que ele é tão... perfeito.

Estou muito confusa.

— Aislin — digo —, tem algo que preciso lhe dizer. Mostrar para você. *Alguém*.

— Certo. Você tem lenço de papel?

Pego alguns guardanapos do suporte.

— Espere — digo. — Você verá em breve.

De repente, alguém senta em uma das cadeiras vazias. É grosseiro, por isso lanço um olhar frio ao intrometido.

Ele é um asiático bem apessoado de vinte e poucos anos. Não sorri. Está vestindo uma jaqueta verde de couro. Demora alguns segundos para eu perceber que já o vi antes. No Golden Gate Park.

Aislin fica pálida.

— Saia daqui, seu merda — ela vocifera.

O cara olha para ela, vagamente interessado e nada intimidado. Cruza os braços sobre a mesa e se inclina para a frente.

— Alguma de vocês duas não teria doze mil dólares, né?

— São nove — eu digo.

— Eram nove. — Ele dá de ombros. — Os juros estão altos.

— Na verdade — digo com toda a superioridade que consigo demonstrar —, a taxa *prime* é bem baixa.

É uma coisa incrivelmente idiota de se dizer, mas ele aceita normalmente.

— Não somos a polícia federal. Nossa taxa é mais alta.

Ele percebe minha surpresa.

— Sim, eu sei, sou um bandido, por isso devo ser burro e sem estudo. A verdade é que eu trabalho com algumas pessoas que são assim. Mas estou perto de conseguir meu diploma.

— Então, você deveria ser esperto o suficiente para conseguir outro emprego — digo.

Ele ri, mas a risada dele é uma daquelas silenciosas.

— Sim, se minha mãe fosse bilionária, eu provavelmente me sentiria assim, também. Você sabe qual é o valor do seguro-desemprego para caras da minha idade?

Não sei. Tenho a sensação de que ele sabe.

— Não tenho dinheiro — digo.

— Bem, isso é só questão de tempo — ele diz. — Maddox tinha o dinheiro, não? O que quer dizer que ele o conseguiu com você. Certo? A namorada não tem, então veio de você. — Ele dá de ombros e se recosta. — Peça a ela. Doze mil para Terra Spiker é, tipo, um milhão para mim. — Ele procura troco dentro do bolso da calça jeans justa, encontra uma moeda de vinte e cinco centavos e a segura entre os dedos. — Isto é o que doze mil valem para a sua mãe.

— Minha mãe tem... — começo.

— Mas você sabe o que doze mil são para o Maddox? A vida, é isso o que são. A vida.

O estranho é que os olhos escuros dele não estão frios nem sem sentimentos. Ele parece compreensivo. Quase como se estivesse se

importando.

Talvez se importe. Talvez ele não queira matar Maddox.

Respondendo a minha pergunta silenciosa, ele diz:

— Odeio ver as coisas terminarem desse modo. Você sabe como gosto que terminem? Você me encontra hoje à noite (enviarei uma mensagem de texto dizendo onde) e me dá uma bolsa com treze mil dólares dentro.

— Eram doze!

— Nossas taxas de juros aumentam toda hora. À noite serão treze mil.

Ele começa a se afastar e eu grito:

— Você nem sequer tem meu número.

— Claro que tenho — ele diz sem olhar para trás.

Aislin não diz nada. Não precisa. O cara sem nome com a moeda tomou conta disso.

— Como devo... — começo.

— Não — Aislin diz. Ela coloca a mão no meu braço. — Sabe de uma coisa? Você já fez mais do que o suficiente. Demais. Sério. Isso não é problema seu.

— Você é minha melhor amiga. Claro que é problema meu.

Ela olha para mim com gratidão, mas então seu olhar muda. Ela se levanta sem nada dizer. Tem um médico na fila do caixa, segurando um pedaço de torta.

Eu a acompanho até onde ele está.

— Você é o médico que cuidou do Maddox — ela diz, puxando a manga do avental dele. — O que está acontecendo?

Ele parece pressionado e nada contente.

— Ele ainda está na sala de cirurgia. Vai demorar. Horas.

— Horas? — repito.

— Ele levou dois tiros. Há fragmentos em sua coluna, o fígado foi atingido, e ele sofreu uma grande hemorragia interna. Se ele sobreviver a tudo isso, seu intestino grosso foi perfurado, o que quer dizer que todos os tipos de bactéria serão lançados em seu corpo.

— Mas ele vai sobreviver — Aislin diz.

O médico declara:

— Pode ser que sim.

Pode ser?

Olho para Aislin, esperando que ela comece a chorar. O rosto dela está quase impassível. Mas seus olhos, eles dizem a verdade.

A verdade me choca. Não deveria, mas choca. A reação dela àquelas palavras horrorosas, palavras que passam a possibilidade — ou melhor, a probabilidade — de que Maddox morra, causa surpresa.

Vai embora em um piscar de olhos. Mas eu sei que vi.

Uma parte de Aislin deseja que Maddox simplesmente morra e ela se liberte dele.

Estranho, talvez, mas isso decide as coisas para mim. Vou pegar o dinheiro. Porque minha melhor amiga não vai passar o resto da vida com a sensação de que abandonou o namorado quando ele mais precisava.

Maddox vai viver, se depender de mim.

*E então* ela poderá largar o idiota.



Caminho pelas ruas de São Francisco com a ruína no bolso, um medo forte no coração e o desejo de voltar para a Spiker para entregar os pãezinhos.

Tommy virá a minha procura. Tenho certeza disso. Eu o surpreendi, e, por ter escapado, provavelmente o frustrei a ponto de ele começar a jogar mais pesado.

Mas ele não consegue me encontrar. Por enquanto, estou seguro.

Será que ele vai adivinhar que tenho informações importantes comigo? Será que vai saber que eu hesitei, pensando se deveria espalhá-las?

Qual é o plano dele? Correr para Terra, sem dúvida. Avisar que o showzinho de horrores acabou.

Por que pensar nisso não me deixa feliz? Ah, eu sei por quê: Eve. Eve estragou tudo. Eve bagunçou tudo. Ela confundiu minha cabeça. Me deixou totalmente perdido.

Por isso preciso encontrá-la. Para desfazer a confusão.

Provavelmente, se eu tentasse recriar aquele beijo agora, ele não teria efeito sobre mim. Nenhum efeito bom ou ruim, o que quer dizer que ele provavelmente não teria efeito algum.

É uma ideia confusa.

É bem provável que eu não tenha uma ideia completamente clara até testar a afirmação. Aquela sobre o segundo beijo que não significa nada para mim. Nadinha.

Decido dar um chute num saco de lixo na calçada.

Bem. Bem. Bem. Preciso ir vê-la, ver o que ela está aprontando, ver o que ela acha que eu deveria fazer. Conseguir sua permissão. Sim, sua permissão, não, não quero isso. Porque ela não é minha chefe.

Eu me lembro de quando passei por Eve e ela estava trabalhando naquela simulação — não uma simulação —, mas isso eu já sei, do que me lembro mesmo é o jeito como o cabelo dela estava meio jogado para o lado e que foi com grande dificuldade que eu não me aproximei e beijei sua cabeça.

Se eu fizesse isso, ela, sem dúvida, se viraria e me bateria.

Ou não.

Caminho mais depressa. É uma descida, então consigo ir mais rápido. É possível que ela não tenha percebido que eu saí com o pen drive? Não, de jeito nenhum. Droga.

Por que eu fiz isso?

Porque estava com medo. E eu nunca sinto medo.

O Embarcadero está à vista. O tráfego está começando a ficar intenso. Os bondes passam apitando. Há um casal de idosos gays caminhando de mãos dadas, levando um cachorrinho em uma coleira. Há um morador de rua à procura de latinhas nos cestos de lixo. Tem uma executiva de terninho cinza, com saia e tênis. Fico tentando imaginar se ela é a advogada do escritório que invadi.

Passo por uma pequena multidão de pedestres e caminho decidido em direção ao armazém, onde pegarei Eve e a beijarei até cansar. Não. Primeiro, vou perguntar a ela se devo ou não destruir a sua mãe e os negócios da família.

Paro à beira do píer. Tem algo errado. Sinto isso, então paro.

E é tarde demais. Porque há dois caras atrás de mim, perto demais.

— Estamos armados!

Eu me viro para olhar para eles. São o Dr. Chen e a Dra. Anapura. Gênios. Chen tem quarenta e poucos anos. Ele tem um olhar assustado por trás dos óculos, que ele pensa que o deixam moderno. Anapura é uma mulher cerca de quinze anos mais velha do que eu. Tem uma trança comprida que desce pelas costas que quase chega à... bem, é muito comprida.

— Vocês não estão armados — digo.

Chen aponta com nervosismo para um volume por baixo da blusa.

Anapura tira algo do bolso do casaco que parece uma lata de spray para cabelos. Mas não é.

Ela borrifa algo em mim, e eu digo algo brilhante, do tipo:

— Ei!

E o mundo fica borrado.



Não posso dizer que esperava acordar em algum lugar em especial. Mas não acordo no armazém do píer.

O cheiro de orvalho foi embora. Assim como o barulho da água batendo nas pedras. Há algo no ar que me parece familiar.

Estou de volta à Spiker.

Mãos fortes me seguram. Há um capuz na minha cabeça. Estou sendo posto de pé e empurrado para a frente. Eles pegaram meus sapatos. Estou com os pés descalços no carpete. Minhas mãos estão amarradas atrás de mim. Sinto que há pelo menos três ou quatro pessoas ao meu redor.

Passamos por uma porta.

— O que... — começo a dizer, e então minha mente confusa percebe que há um pedaço de fita adesiva sobre meus lábios.

Mais portas. Um elevador. Estamos descendo.

Saio do elevador, passamos por uma porta que estava trancada — escuto quando eles digitam a senha — e então estamos em outro elevador. Descendo de novo.

Descendo para onde? Não tem nada tão mais abaixo assim. Conheço a área da Spiker como conheço a minha cara. Não há outros elevadores. Não há mais andares para baixo.

Mas há, sim.

O elevador para e eu sou empurrado para fora. Tropeço. Bato em algo rígido, como uma parede, mas não é. Sinto quando ela passa pelo meu rosto: uma coluna de aço.

O capuz é tirado de minha cabeça.

A luz está fraca, cilindros antigos e fluorescentes lá no alto, pendurados no concreto não acabado. Estamos em um espaço bem amplo. Há tanques de diversas formas e tamanhos por todos os lados. Cilindros altos, cilindros horizontais, aquários enormes de aço.

Há objetos, criaturas, em muitos tanques, mas não em todos. Mais perto de mim, mais visível, há algo que deve ter sido um gorila no passado. Foi depilado ou, pior ainda, feito para não ter pelos. Parece um fisiculturista enrugado, flácido, velho, com a pele da cor de anis. Não está vivo, pelo menos espero que não esteja, porque está enfiado no cilindro vertical.

Conto quatro homens e uma mulher. Dr. Chen, Dr. Gold, Martinez e um aluno que está fazendo seu mestrado, além de um rapaz chamado Sullivan, que trabalha no departamento de contabilidade. A Dra. Anapura é a única mulher.

A pessoa que está faltando, a sexta, está de pé atrás de mim.

— Solo Plissken — Tommy Tatuado diz, com um tom de pesar na voz.

Observo as pessoas que estão me olhando. Chen e Anapura são os mais durões. O resto está com medo e sem saber o que fazer.

— Plissken? — Martinez repete. — É?...

— Você não sabia disso? — Tommy pergunta. — Você está perdendo a fofoca, amigo. — Ele se aproxima de um ponto onde consigo vê-lo. — Sim, Plissken, aquele... Dr. Jeffrey Plissken e sua adorável esposa, Isabel. Três grandes trabalhos inovadores e vencedores do Prêmio Nobel?

Olho para Tommy. Ele arranca a fita de minha boca.

— Deixem meus pais fora disso — digo assim que consigo.

— Ele é um subordinado — Martinez protesta. — Ele mexe com o autoclave.

Tommy olha para mim, como se fosse meu trabalho explicar.

— Ele é, na verdade, muito inteligente — Tommy diz. — Os pais deles tinham um Q.I. de média 170. Houve uma reversão significativa, por isso não acho que o cara do pãozinho esteja nesse nível, mas ele é esperto. Não é, Solo?

Ele se inclina, gabando-se. Está gostando de fazer o show para seus funcionários. Eu jogo a cabeça para a frente, um ataque.

Erro. Mas faço com que ele dê um salto para trás.

Não é o suficiente para acabar com o humor triunfante dele.

— Como me encontrou? — pergunto.

— Bem, Solo, você vem com modificações interessantes. Eu acho que você sabe que recebeu o mesmo potencial de cura de sua namoradinha.

Claro que sei.

— Ela não é minha namorada — digo. E é algo tolo de se insistir.

— Você ainda não pegou aquela coisinha? Ela não é linda, mas é bonitinha, e tem um corpo bonito.

— Eu pegava — o Dr. Chen comenta.

A Dra. Anapura diz:

— Não precisa ser sexista, doutor.

Tommy está irritado, mas continua:

— Meus homens não estavam tão atrasados. Esperto de sua parte confundi-los na névoa, mas eles descobriram onde você havia parado. Viram você seguindo em direção ao leste no Embarcadero. Eu conheço a localização do estúdio de Austin Spiker. Dois mais dois. Mereço um pouco de crédito.

— Mas você não tem a Eve — digo.

— Hum. Ainda, não. Ela esteve ali, mas não está mais. Para segurança dela, precisamos encontrá-la. Então, diga. Onde?

— Você vai ficar muito irritado se eu disser “Vá se ferrar”?

Ele sorri.

— Já esperava por isso. Tudo bem, estamos com seu pen drive. E, daqui a algumas horas, teremos você fazendo o que quisermos, inclusive encontrar a garota.

— Vocês vão me bater?

— Não. Vamos clonar você. Fazer um novo Solo. Graças ao processo de Plissken, podemos transferir (e editar) suas lembranças para a implantação no clone. Ele vai nos dizer.

— O processo Plissken. Eu me sinto honrado.

— Ah, não recebeu esse nome por sua causa, rapaz do pãozinho. Recebeu esse nome pelos gênios que o inventaram, juntamente com o processo de clonagem em si.

Ele deixa a informação ser absorvida. Seus olhos brilham de ansiedade.

Pisco e desvio o olhar. Não era a intenção.

— Sim, jovem Plissken, isso mesmo. É a verdade. Terra Spiker? Ela é uma baita executiva, mas uma cientista mediana. Seus pais eram os gênios por trás da Spiker-Plissken Bio. Como você deveria saber. — Ele estala a língua. — Seus pais ficariam tão decepcionados

com você. Eles sabiam que deviam colocar a ciência antes de tudo. Eles sabiam que as restrições da sociedade não tinham sentido.

Os outros assentem com vontade. Acreditam. Seguidores.

Seguidores não de Terra Spiker, mas de meus pais.

— Eles também sabiam do potencial de lucro desse tipo de poder — Tommy diz. — Meu Deus, não dá nem para começar a imaginar. Com o trabalho deles (e, claro, com a interface feita pelo ex-aluno), podemos criar humanos para mandar. Vocês sabem quanto as pessoas pagam por isso? Meu Deus, Solo! Podemos criar seres humanos do zero. Podemos fazer réplicas exatas. Ou podemos deixá-los criar os deles e fazê-los da idade que quiserem, programarem do jeito que quiserem. Por um preço, você pode ser Deus.

— E podemos banir todas as malditas doenças genéticas — o Dr. Chen acrescenta.

Tommy balança uma das mãos.

— Sim, sim, salvar o mundo e coisas assim. E ganhar bilhões de dólares.

— Tornar o mundo um lugar melhor — a Dra. Anapura diz.

Entendo Tommy. Sei o que ele está dizendo. Mas não consigo esquecer o que ele disse sobre meus pais.

— Meus pais — eu digo, sem terminar a frase.

— Eles são brilhantes! São jovens deuses — Tommy declara. — Terra descobriu o que eles estavam fazendo, que estavam indo além da teoria, e os impediu. Ela destruiu o trabalho deles! Ela limpou seus discos rígidos, queimou os papéis.

— Terra destruiu o trabalho deles — eu repito.

Tommy levanta as mãos.

— Foi um crime! E, claro, ela mandou Austin atrás deles. E sabemos como isso terminou.

Balanço a cabeça. Não. Não sei como isso terminou.

Ele está começando a me dizer quando o Dr. Gold, que se afastou para procurar algo com que limpar os óculos, grita.

— Ei, Dr. Holyfield! Onde está o rapaz da menina?

Tommy olha para mim, congelado. Eu olho de volta, igualmente congelado.

— Do que está falando, Gold?

Dr. Gold volta. Ele não está preocupado, apenas curioso.

— O experimento. Adam. Ele não está mais ali.



**E**vening desapareceu. Demoro um pouco para perceber.

Enquanto isso, estou recebendo cuidados médicos. Uma médica chamada Johanna detectou uma possível irregularidade que exige que ela ouça meu coração. Para isso, tenho que tirar minha camiseta. Estou sentado em uma maca com as cortinas fechadas, mas outros médicos e enfermeiras — Adele, Laura, Stephanie e Steve — entram para ajudar.

— Quantos anos você tem? — a Dra. Adele pergunta.

— Isso depende — respondo. — Você quer saber qual é a idade que aparento? Ou minha idade real?

— Só quero saber se você é maior de idade — a Dra. Adele diz, e os outros riem com nervosismo. Ela franze o semblante.

— Qual é a idade para ser maior, mesmo?

— Dezoito — alguém diz.

— Não acho que você tenha dezoito — a Dra. Stephanie diz.

— Dezoito horas — digo. — Dependendo de onde você contar.

— Ele parece ter dezoito — o enfermeiro Steve diz.

As cortinas se abrem. São Evening e uma garota.

Eu vi a garota em minha lembrança. O nome dela é Aislin.

— É mesmo? — Evening diz, olhando para a Dra. Adele, que abaixa o estetoscópio e murmura algo que não consigo ouvir.

— É... ai, meu Deus, é você. — Aislin parece estar surpresa, de algum modo.

— Vamos, Adam, vamos — Evening diz.

— É você — Aislin repete.

— Sim, sou eu — digo. Suspeito que isso está quase sendo uma piada. — Sou Adam. Adam...

Ocorre-me que não sei meu sobrenome. Todos os médicos têm sobrenome. Consigo vê-los nos crachás. Claro, as pessoas têm sobrenome, e eu sou uma pessoa, por isso deveria ter um sobrenome. Mas Terra Spiker não colocou essa informação na minha mente.

— Vamos! — Evening diz, com impaciência.

Mas estou congelado. Pela enormidade disso. A estranheza. Há pessoas ao meu redor e cada uma delas tem um sobrenome.

Como eles ousaram me criar e não me deram um sobrenome?

— Qual é o meu sobrenome? — exijo saber.

— O quê? Quem se importa? — Evening diz. — Temos que ir!

Mais um médico aparece. Ele olha para Evening. Ele olha para a perna dela. E para o rosto. Ela o reconhece.

— Você é Evening Spiker — ele diz.

— Certo. Hum, bom... Você me tratou, não?

— Você está andando?

— Estou — ela diz.

— Sem ajuda.

— Sim, eu... hum. Preciso ir.

— Preciso ver sua perna — ele diz.

— Não, é só uma perna.

— Por favor, por favor. Permita.

Evening diz:

— Tenho vergonha.

— Mostre sua perna, por favor.

Ela suspira.

— Acho que não importa mais. Tudo está sendo revelado. — Ela tenta subir a perna da calça, mas não adianta, então ela desabotoa o jeans e o desce até os tornozelos.

Ela tem pernas bonitas. Muito atléticas e bem torneadas. Mas eu não faço ideia do porquê de esse homem querer tanto vê-las.

— Minha nossa — o médico sussurra.

Evening suspira.

— O show acabou. — Ela sobe a calça. Agora, precisamos ir.

Ela segura minha mão com firmeza e me puxa.

Corremos por entre as pessoas na sala de espera. Vejo crianças sentadas com seus pais.

Tenho pais? Não, não tenho.

Isso me irrita. Enquanto sou arrastado, me irrita. Eu sei — me disseram — que sou diferente, então não é uma surpresa. É que não sou simplesmente diferente. Sou único.

Isso deveria ser algo bom, talvez, mas não parece bom.

— Quero um sobrenome — digo quando chegamos ao lado de fora.

— Meio cheio — Evening diz, e corremos para subir no ônibus. Encontramos assentos. As pessoas olham para mim. Estou me acostumando com isso.

— Não gosto disso — digo. É verdade. Eu me sinto mal. É estranho.

Aislin se senta na nossa frente.

— Sempre gostei do sobrenome Allbright.

— Adam Allbright?

— Meu nome é Aislin, prazer.

— Sim, eu sei qual é o seu nome.

Ela estende a mão, muito formal. Sorri. Tem um belo sorriso. Diferente do de Evening. Mas bonito. Alguém bateu nela há pouco tempo. Seu rosto está marcado, e consigo ver as marcas de dedos.

Aperto a mão dela e tento dizer o nome de novo.

— Oi, sou Adam Allbright. Adam Allbright. Prazer em conhecê-la.

Evening está olhando para mim e para Aislin. Pergunto a ela se é adequado me chamar de Allbright.

— Chame-se como quiser.

— Adam Allbright — digo. — Sou eu.

Aislin não está babando.

Demoro um pouco para perceber.

Sim, o namorado dela está no hospital lutando pela vida. Mas conheço Aislin há muito tempo. Ela decora o rosto e a forma de todos os homens atraentes que aparecem na sua frente.

Aislin não olha para os caras e faz uma separação do tipo “bonito” ou “feio”. Ela faz em detalhes. Detalhes bem detalhados. Se não consegue ver os detalhes, vai além do que consegue ver. Mostre a ela o pescoço de um cara, e ela desenha o peito dele. Mostre o bíceps, e ela diz como é a coxa. Mostre uma coxa e você não faz ideia do quanto ela imagina.

É o seu jeito estranho.

Aislin não está nem olhando para Adam. Talvez esteja sobrecarregada. Talvez seja coisa demais para ela processar. Mas ela quase parece tímida. Aislin. Tímida.

Acho que estou aliviada. Não quero ter que dizer para ela se afastar. Adam é meu.

De acordo com o aplicativo de meu telefone, podemos sair do ônibus e pegar outro que nos leve de volta à Golden Gate até Tiburon. Mas vai demorar um tempo. Devo pegar um táxi?

Estou com pressa? Para conseguir o dinheiro de Aislin, vou ter que enfrentar minha mãe. O que quer dizer que vou acabar contando tudo a ela. Posso fazer isso?

— Em que diabos me enfiei? — pergunto a ninguém em especial.

Adam diz:

— Não sei.

Não, decido. Não estou com pressa.

Preciso encontrar minha ira de novo. Minha mãe me usou como experimento biológico.

É, e graças a ela eu ainda tenho duas pernas. Graças a ela, correrei de novo.

Graças a ela, muitas pessoas que morriam em espeluncas não estão mais morrendo. Ou, sim, estão morrendo, mas todos morremos. Elas não estão morrendo hoje, agora, de alguma doença grave, porque minha mãe criou a Spiker Biopharm.

Instantaneamente, todas aquelas fotos assustadoras voltam a minha mente. Um preço alto demais a pagar pela minha perna. Mas foi um preço alto demais por salvar muitas vidas? Essas duas coisas estão ligadas?

Minha mãe não poderia ter feito um sem o outro?

Sáímos da Muni e entramos no ônibus para Marin County. Não quero mais pensar.

Aislin se senta sozinha. Adam se senta comigo. Ele mal se encosta em mim, mas o toque — ombros e coxas largos — está tomado de eletricidade.

— Você está triste? — ele pergunta.

— Se estou triste? — Estou perdendo a paciência com ele, com vontade de dar uma resposta irônica. Mas não devo brincar com ele.

E os olhos dele. São os olhos de Solo — têm o mesmo tom azul. Mas tem algo de diferente nos olhos de Adam. São sinceros. Totalmente.

— Acho que estou nervosa. Ou algo assim — digo. — Durante toda a minha vida, minha mãe foi perfeita, um pouco exagerada. Bem, você a conheceu.

— Não conheço muitas pessoas — ele diz. — Não sei como avaliá-las.

— Então, acredite no que estou dizendo — digo.

— Sua palavra como minha alma gêmea?

Então, ele tem senso de humor. O senso de humor que dei a ele. Não é do mal. É doce, irônico. Como eu o fiz.

— Bem, minha mãe — continuo — era tão cheia de si, nem um pedestal bastaria. Era como se ela vivesse em uma nuvem e eu fosse uma pessoa comum bem abaixo dela.

— E você também teve um pai?

— Eu era muito próxima ao meu pai. Ele era o ponto de contato entre a pequena Evening Spiker e a todo-poderosa Terra-Mãe. Funcionávamos desse jeito. Eu com meu pai e ele com minha mãe. Então, ele morreu e tal... Com algumas famílias, a união acontece. Mas não conosco. Minha mãe continuou lá no alto.

— Nas nuvens.

— Modo de falar. Você entende, não é?

— Sim, eu sei que as pessoas não vivem nas nuvens.

Talvez seja uma piada. Não sei. Eu me viro para olhar para ele.

Estamos no fundo do ônibus. Os assentos são altos. Ninguém consegue nos ver. Aislin está cochilando.

— O que diabos vou fazer com você? — pergunto a Adam.

— Você é que tem que fazer alguma coisa comigo? É minha decisão o que faço comigo. Não é? — Ele realmente não sabe.

Eu evito responder diretamente.

— Nem sequer sei o que vou fazer comigo. E se eles prenderem minha mãe? E se eu for morar com minha avó?

— Você tem que morar com ela?

— Não sei se estou pronta para morar sozinha.

— Liberdade — ele diz, e dá à palavra uma urgência surpreendente.

— Responsabilidade — digo.

— Elas andam juntas?

— Eu soube que sim — admito.

Os lindos olhos dele — olhos dos quais tento não me lembrar como soltos e distantes — olham nos meus. Olhos que ele nunca viu soltos e distantes. Felizmente.

Tenho vantagem sobre ele. Consigo me lembrar de tudo sobre Adam. Ele parece só conseguir olhar na minha alma. Consigo olhar na dele.

— Isso quer dizer que você é responsável por mim? — Adam pergunta.

— Você quer que eu seja?

Ele franze a testa.

Vejo um instante de pânico em seus olhos. Isso me surpreende. Como ele passou tão depressa da ingenuidade infantil para o pânico existencial?

— Não sei o que sou — ele diz.

— Você é Adam Allbright — digo, e tento abrir um sorriso.

— Acho você bonita, mas... — Ele se detém.

— Gosto da parte do "bonita" mais do que qualquer outra coisa que viria depois do "mas" — digo baixinho. Porque o que mais posso fazer quando o cara mais lindo do mundo está sentado ao meu lado e muitos centímetros de seu corpo estão pressionados contra mim, e juro que o cheiro de seu hálito é doce em minha boca?

Brincadeira.

— Você quer que eu diga que você é bonita? — ele pergunta.  
Parece preocupado.

— Quem não gosta de elogios? — devolvo.

— Mas não é elogio. É o que sinto. Eu sinto que você é a mais linda...

E então o ônibus balança quando parte em direção à Golden Gate Bridge e, ah, estou ainda mais perto agora e ele não se afasta, e eu também não. Não é possível me afastar.

Eu o beijo.

Ele não me beija.

Os lábios são os lábios que eu dei a ele.

Passo a mão por baixo do braço dele e abraço o corpo que fiz para ele, e os músculos firmes que programei.

Adam se afasta, tentando respirar. Seus olhos estão confusos.

— Não sei o que fazer.

Claro, eu sei exatamente o que ele deveria fazer. Biologia, pessoal. Evolução. Somos animais, certo? Certo?

Certo?

Toco o queixo dele. É perfeito. Bem desenhado, com uma leve covinha. Perfeito como se esculpido por Michelangelo.

Exatamente como eu quis.

— Beijar é fácil — digo, e fico feliz por Aislin estar dormindo e não poder me ouvir. — Independentemente do que faça, será perfeito.

Nós nos beijamos.

É exatamente como eu fiz.

Quando nos separamos para respirar, eu me viro para ver se a Aislin ainda está dormindo.

Meu rosto arde quando percebo que ela está bem acordada e de olho em nós.

Espero pelos aplausos ou comentários sarcásticos. Mas ela só assente. O sorriso é quase malicioso.

Adam se vira. Ele também fica corado. Eu devo tê-lo programado com esse nível de autoconsciência.

— Oi, Aislin — ele diz.

— Olá — ela responde.

— Que dia lindo — Adam comenta, e, antes que você possa perguntar “que diabos está acontecendo aqui?”, eles estão tendo uma conversa esquisita de primeiro encontro.

De repente, sinto-me deslocada, por isso vou para um assento na frente. Quando Adam começa a me seguir, eu peço a ele para conversar com a Aislin.

Não sei por quê. Só parece o certo.

Havia algo naquele beijo. Foi como um acorde belamente executado, sem qualquer sentimento.

Não foi... perfeito.

## 41 Solo

— **T**erra! — Tommy diz.

— Você acha... — o Dr. Chen diz assustado. — Você acha que ela sabe?

— Quem mais poderia decantar Adam? — Tommy vocifera.

— Mas por que ela faria isso? — o Dr. Gold pergunta. — Ela nem sequer sabe que ele existe.

— Claramente, ela sabe que ele existe, doutor — Martinez diz, com um toque irônico na palavra “doutor”. — De que outro modo ela poderia decantá-lo?

A Dra. Anapura vê o ódio no rosto de Tommy — principalmente sob uma tatuagem onde se lê *Pixies* — e afirma, de modo defensivo:

— Eu chequei! Ela não esteve aqui desde que os Plissken morreram! E não há câmeras, apenas aquelas que usamos para mostrar a suposta simulação!

— Espere um pouco — digo. Ninguém presta atenção.

— Ai, meu Deus, ela sabe — o Dr. Chen grita. Ele está saltitando, remexendo-se de um lado ao outro como uma criança com medo de ir ao dentista.

— Vamos enfrentá-la — Tommy diz.

— Enfrentá-la? *Enfrentá-la?* — O Dr. Chen está quase chorando. E eu consigo ver o medo começando a influenciar os outros.

Sullivan, da contabilidade, está pálido.

— Eu estou em apuros por cuidar do dinheiro daqui. Sou eu a pessoa que tem tirado o dinheiro dos orçamentos do Piso Um para o Projeto Adam. — Ele está ofegante como um animal acuado. — Vou para a cadeia. Vou para a prisão! O que devo dizer a minha esposa?

— Não posso ir para a prisão! — o Dr. Chen grita. — Sou um intelectual!

— Calem-se todos vocês — Tommy diz. — Vocês estão com medo de uma mulher de meia-idade?

O consenso parece ser que sim, sim, eles estão morrendo de medo de Terra Spiker.

— Ei! — eu grito. — Ei! O que é isso? Um show de fantoches que vocês estão fazendo para mim? Como se Terra Spiker não estivesse por trás de tudo isso?

Tommy se vira para mim, com os olhos brilhando.

— Sabe, você não é tão esperto quanto seus pais, não é? Seus pais? Eles eram gênios! Talvez, quando colocarmos você no tanque, possamos aumentar seu Q.I. em alguns pontos para você poder alcançá-los.

No tanque? Não sei o que isso quer dizer, mas imagino. Mesmo com meu Q.I. limitado. Mas não é essa a questão. Não é por isso que olho nos olhos de Tommy e digo:

— Escute, Dr. Holyfield. Você precisa me dizer.

— Sim, então você entrou em meu computador, que bom. Mas não aprendeu muito, não é?

— Temos que correr! — o Dr. Chen grita. — Tenho uma família em Guangdong!

Tommy se inclina, a expressão cruel.

— Seu zé-ninguém idiota. Seus pais eram deuses para mim. Terra Spiker ameaçou prendê-los. Terra Spiker forçou a tirá-los da empresa. Você valeria bilhões, rapaz. Bilhões!

— Por que ela os ameaçou? — pergunto, mas já imaginei.

— Você acha que Adam foi o primeiro humano que fizemos? Antes de haver a perfeição, precisa haver experimentação. Os Plissken fizeram um bebê. Demos a ele o nome de Golem. Ele morreu. Devido a uma leve falha em sua constituição genética.

— O esfíncter dele era na testa — a Dra. Anapura comenta.

— Ele não sofreu — o Dr. Gold me diz. — Ele praticamente nasceu morto.

— Não — eu sussurro.

— Não é tão fácil ser Deus — Tommy diz, e uma sombra passa pelo seu rosto. Uma lembrança, talvez, ou um arrependimento. — Não dá para acertar sempre. Mas os Plissken já tinham desenvolvido o Soro de Logan. Aquilo que permite que você se recupere rapidamente quando eu faço isto...

Tommy dá um soco no meu rosto.

As pessoas se assustam.

— A pequena Evening tinha um problema de coração — Tommy diz. — Fazer uma cirurgia teria sido muito perigoso. E os Plissken tinham a cura, um benefício a mais da pesquisa que estavam fazendo. Terra negociou com eles o seu silêncio pela cura. Mas ela tentou fazer com que eles ficassem quietos. Mandou que eles parassem.

— Você está me dizendo que meus pais eram os monstros? — pergunto. Não vou demonstrar emoção.

Não posso, não vou, eu me recuso.

Mas está ficando claro para mim agora. Não gosto dessa imagem.

Poderia ser que Tommy estivesse mentindo apenas para me perturbar. Mas não. Os outros estão assentindo. Eles sabem a história. Só eu estou sem saber.

Sou o tolo.

— Tudo o que você vê aqui foi trabalho deles... e meu. Ah, eu sei como sua mente funciona, Solo, o rapaz do pãozinho. Sei que você é convencional. Inadequado. Graças a Deus seus pais estão mortos, ou eles morreriam de vergonha!

Meus pais eram monstros.

Terra Spiker é... não sei bem o que ela é.

— Vejam! Ele vai chorar! — Tommy dá risada. — Dra. Anapura, Martinez, Sullivan: coloquem-no no tanque. Veremos se podemos deixá-lo um pouco menos sensível.

— E a Spiker? — o Dr. Gold pergunta.

— Vamos enfrentá-la agora — Tommy diz.

Eu reluto. Mas estou amarrado. E, pior ainda, eu perdi.

Nunca perco. Mesmo quando me atacam, nunca me entrego, nunca admito a derrota. Mas, agora, sinto que fui derrotado. Como se tivesse sido virado do avesso.

Eu reluto. Mas, por um momento, eu quase acho que mereço ser enfiado no tanque. Fui um idiota. Estraguei tudo.

Sou o filho dos monstros, e quase destruí Terra Spiker, que... mesmo agora, mesmo quando eles me arrastam, não consigo pensar... Terra Spiker, que não foi a pior pessoa do mundo.

O restante da viagem é, digamos, estranho.

Eu, a criadora, me sento sozinha enquanto a criação conversa timidamente com Aislin, e Aislin conversa timidamente com ele.

Eu, a esperta, estou me sentindo muito tola.

Estou pensando na minha mãe — que logo estará em uma prisão federal. Estou pensando no cara vingativo que ditou esse destino. Estou pensando que Adam é superior a Solo de todas as maneiras.

E gostaria que Solo estivesse comigo.

O ônibus nos deixa a alguns quilômetros do campus da Spiker. Descemos juntos por um tempo pela estrada de via dupla, íngreme e sinuosa, andando no canto para não sermos atropelados por algum carro.

Aislin e Adam caminham juntos. Parece natural para mim andar um pouco à frente.

Um Porsche dobra uma esquina com tudo e quase acerta Adam.

Vejo o rosto do motorista. Os lábios dele estão formando um grande O. Os olhos estão arregalados.

O freio guincha. O carro para a centenas de metros. As luzes de trás brilham e o carro vem em nossa direção.

Ele para. O vidro desce. Há um homem sério e vagamente familiar ao volante. Um grande contraste entre o motorista e o carro.

— É ele! — o homem grita.

Ele está olhando para Adam.

— Quem é você? — pergunto.

— Sullivan. Da contabilidade. Eu... — Ele está confuso, segurando o volante com desespero. — É melhor você ficar atenta. Eles são loucos. Bem loucos.

— Quem é louco?

— Todos eles. — Ele cospe as palavras. — Todos aqueles cientistas. São todos malucos!

— O que está acontecendo? — exijo saber. Coloco as mãos na porta, tentando convencê-lo a não partir. Mas ele dá a ré, assustado.

— Não participo disso! — ele grita. — Eu só transferi dinheiro. Não estou colocando pessoas em valas nem nada do que eles estão planejando fazer.

Ele engata a primeira e, com um olhar assustado, desce a rua.

— Precisamos correr — eu digo. — Vocês vão o mais rápido que conseguirem. Vou correr o resto do caminho.

— Posso correr — Adam diz. Claro que pode. Ele tem pernas incríveis, muito vigor, pulmões fortes, todas as coisas que dei a ele.

— Sim, mas Aislin não corre, só tropeça — eu digo.

Aislin faz uma careta.

— Adam, cuide da Aislin. — Eu parto.

É a primeira vez que corro desde o acidente, e não sabia que o faria de novo. Meus músculos estão destreinados, mas, para minha surpresa, minha respiração está calma. Gostaria de estar de short, não calça jeans, mas ainda assim é bom. Mais do que bom.

Chego a Paradise Drive e deixo as ruas e casas para trás. Há uma curva na estrada, com árvores de um lado e um monte do outro.

Direita, esquerda, direita, esquerda. Estou correndo bastante agora. O ritmo familiar me controla.

Mais acima, à direita, fica o tronco de um grande pinheiro. Os pelos de minha nuca se eriçam.

O tronco é cinza, estranho. O estrago foi feito há muito tempo.

Seis anos, na verdade.

Conheço este lugar. Eu me forcei a vir aqui uma vez, quando tinha cerca de treze anos. Toquei as bordas afiadas da madeira. Eu ainda estava me agarrando à vida, mas sabia que estava morrendo.

Uma vez bastou.

Agora, a pé, é inevitável. Minha garganta aperta e minha respiração virou lembrança.

Este é o lugar onde meu pai morreu. Esta árvore é aquela que o carro dele atingiu quando ele saiu da estrada. Esta é a ladeira por onde o carro caiu.

Quero continuar correndo, mas minhas pernas não obedecem. Eu começo a caminhar. E paro de uma vez.

Eu me inclino, abraçando meu corpo, e choro.

Não tenho tempo. Não tenho tempo.

Respiro e começo a correr de novo, mais rápido do que antes, minhas pernas forçando.



Da estrada não dá para ver o prédio principal da Spiker, só o andar de cima. Não posso correr pelo caminho. Tenho que andar com passos enormes, lutando contra a gravidade.

Eu me aproximo da entrada da garagem subterrânea. A Mercedes conversível e reluzente de minha mãe está no espaço reservado. Ela nunca abaixou a capota.

Olho para trás, tentando imaginar onde Adam e Aislin estão. Estou com medo. Vim correndo como se tivesse um plano.

Pela primeira vez na vida, gostaria de ter uma arma.

Procuro algo na garagem que possa servir de arma. Minha mente está agitada com um diálogo inventado.

*Oi, Mãe, Solo e eu entregamos você. Como você está? Blusa bonita. Por falar nisso, preciso de mais dinheiro.*

*E então, mãe, enquanto você estiver presa, posso ficar sozinha na sua casa? Por favor? Já tenho idade suficiente!*

*Mãe... O que está acontecendo?*

Há um extintor de incêndio perto da entrada. Eu o tiro do gancho. É surpreendentemente pesado. Como eles esperam que as pessoas usem essas coisas? Mas consigo me ajeitar com o tamanho e o peso dele.

Entro no elevador. Tenho que digitar um código para entrar no escritório de minha mãe. Por algum motivo, meu cérebro confuso consegue se lembrar.

Mesmo agora, assustada, cansada e mil vezes mais confusa do que já me senti na vida, mesmo agora, com uma lembrança perturbadora de Solo, Adam e Aislin, daquela gangue e do Sr. Sullivan assustado, mesmo com as imagens horrorosas do pen drive, mesmo com tudo isso girando feito um tornado na minha mente, tenho energia para me sentir nervosa.

Por quê? Porque vou interromper a minha mãe.

Minha mãe não gosta de ser interrompida.

Eu me aproximo de seu escritório na ponta dos pés. A porta para a antessala, onde ficam seus assistentes, está escancarada. As telas dos computadores estão apagadas. As luzes estão fracas.

O portal — é grande demais para ser chamado de porta — que leva para o escritório de minha mãe está fechado. Encosto a orelha ali, escuto o murmúrio de vozes. Não são vozes alegres. São vozes irritadas. Claro, isso é suficientemente normal no escritório de Terra Spiker.

Meu extintor de incêndio bate contra um vaso e eu digo, instintivamente:

— Xiiiiiiiiii!

Mas duvido que alguém escute. Não com os gritos.

— Ei!

Eu me viro. Um homem e uma mulher se aproximam de mim. A mulher é pequena, negra, com olhos penetrantes e uma trança extremamente longa. O homem está suando. Ele é grande em todas as dimensões e tem um crachá no qual se lê "Dr. Martinez".

Olho para eles. Eles olham para mim. Aparentemente, ninguém sabe o que está acontecendo.

— Vocês estão aqui para ver a minha mãe? — pergunto.

— Você está? — a mulher quer saber.

O homem pergunta:

— Há um incêndio?

— Isto? — Olho para o extintor na minha mão. — Isto é...

Ele salta na minha direção. Mas é um cara grande e, definitivamente, não é rápido.

Eu salto para trás, batendo o corpo contra a porta, quando ele bate na parede à minha direita.

— Martinez! — a mulher grita. — Pegue-a!

— Me pegar? — repito, chocada. É sério? *Pegue-a?* Parece piada.

— Ela é a filha da chefe — Martinez protesta.

— Provavelmente vamos matar a chefe — a mulher diz com a voz da razão, com um leve toque de histeria.

Isso não é novidade para Martinez, mas ele parece envergonhado. É algo que eles não querem dizer na minha frente.

Martinez salta. Eu me recosto na porta. Ela se abre e eu vou junto. Derrubo o extintor. Ele rola um pouco e para. Eu me equilibro para não cair, e então me viro e vejo a mesa a minha frente.

O escritório de minha mãe está organizado como sempre. A fonte ainda funciona. As esculturas lindas e enormes de meu pai ainda estão penduradas em fios no teto altíssimo.

Minha mãe está sentada à mesa. Está vestida, casualmente, com um terno feito sob medida de sua costureira de Londres, e também usa um relógio de vinte mil dólares, e um colar de diamantes que vale mais do que o salário de uma vida toda de cem famílias da Guatemala juntas. Como sempre, exala o cheiro do Bvlgari. Não consigo ver seus sapatos, mas tenho certeza de que não são um par de Nikes surrados.

— Evening — ela diz, fria como sempre. — Você chegou na hora errada.

Tommy, o cientista tatuado, está aqui. Também há um cara asiático e um nerd corado de meia-idade.

Tommy empunha um revólver. Ninguém mais está armado, pelo que sei. A arma chama minha atenção. É engraçado ver como uma arma pode fazer isso, pode fazer com que todo o resto perca a importância e ela se torna o centro das atenções.

De repente, começo a sentir certa compaixão por Maddox. Deve ter sido assustador ver a arma apontada para si. Observar o gatilho sendo puxado.

Lembro que Aislin e Adam não estão tão longe. Mas nenhum deles está armado. Eles não ajudarão muito. Só piorarão as coisas.

Onde está Solo? Sullivan disse algo sobre valas.

Estou tremendo.

Solo está morto?

— Tommy, Tommy, Tommy — minha mãe diz com uma condescendência que deixaria um barão medieval com inveja —,

— você percebeu que não vai dar conta disso, não é?

— Eu já estou dando conta até aqui, sua cadela — ele diz. Até mesmo ele parece surpreso com o palavrão. A temperatura na sala cai para menos dez graus. Ninguém respira.

— Cometi um erro confiando em você — minha mãe diz, com arrependimento.

— Eu cometi um erro pensando que você fosse cientista — Tommy rebate.

— Não existe diferença entre Gregor Mendel e o Dr. Frankenstein — minha mãe declara.

— Ah, claro — Tommy diz. — Vá direto ao Frankenstein. Sua analogia é tão fraca como seu compromisso com a ciência.

— A ciência é aprendizado, Dr. Holyfield — minha mãe diz. — O que você está fazendo não tem nada a ver com aprendizado. Tem a ver com dinheiro e poder.

— Não vai falar sobre a velha história do “brincar de Deus”? — Tommy pergunta.

Ele está segurando a arma de modo casual, balançando-a enquanto gesticula. Está criando coragem. Ele está discutindo porque ainda não teve coragem de atirar.

Não. Não.

Não quero que minha mãe leve um tiro. Não quero que ninguém a machuque.

Eu a amo.

Pode ser até que ela me ame.

E, droga, como ela é fria. Não é à toa que Tommy não consegue puxar o gatilho. Minha mãe é intocável. É tão fria e perfeita — mas linda — como uma das esculturas de meu pai.

Minha mãe ouve com atenção a pergunta de Tommy. Ela assente, como se avaliasse. Devagar, com cuidado, ela dá a volta na mesa.

Aparece totalmente e eu venço minha aposta comigo mesma: seus sapatos são Prada.

Ela se aproxima de Tommy. Os dois têm aproximadamente a mesma altura, mas, de certo modo, minha mãe parece ser cerca de trinta centímetros mais alta. Tommy balança a arma, mas não está pronto para atirar. E precisa se controlar para não dar um passo para trás.

— Seu homenzinho ridículo e sem noção — ela diz. — Quer saber sobre brincar de Deus? Eu já brinquei. Vou lhe dizer uma coisa. Eu tive uma filha. Ela estava quase morrendo. E eu tinha a cura. Eu poderia balançar a mão... bem, injetar um vírus com uma modificação de DNA... e eu sabia que ela viveria. Meu marido e eu... — Sua voz fica embargada, mas é tão discreto que duvido que alguém tenha percebido. — Meu marido e eu nos questionamos se era o certo a fazer. Se podíamos “brincar de Deus” e salvar a vida dela com um tratamento que sabíamos não ter sido testado. Um tratamento que não poderia ser testado ainda, porque eu havia burlado algumas leis para consegui-lo.

— Ótima autobiogra... — Tommy começa a dizer.

— Cale-se — minha mãe diz. E ele se cala.

Estou olhando para o extintor de incêndio. Estou olhando para as esculturas de meu pai. Há uma sequoia enorme que chega ao teto. Perto dela, algo que parece um falcão, mas quase irreconhecível, exceto como expressão dramática de velocidade e voracidade, sobrevoa o espaço, seu bico a três metros e meio do chão.

E a apenas um metro desse bico está o aço brilhante e o raio de acrílico.

A ponta do raio está virada de um modo que parece vingativo para a cabeça de minha mãe. Claro, se sua cabeça fosse se mexer, estaria apontada para a cabeça de Tommy.

— Então, usei o tratamento — minha mãe continua. — E meus sócios — ela muda o tom, que se torna cruel — disseram sim, vamos

usar no nosso filho também. Ele estava perfeitamente saudável, saiba. Mas eles disseram que, se eu não deixasse, eles iriam a público me destruir. Então, cedi. Eles pensaram que estavam me controlando. — Ela sorri de modo desconfortável. — E acho que eles estavam. Eu tolerei a chantagem. E isso não é muito de Deus, certo?

— Eles estavam fazendo ciência — o homem baixo diz.

— Ah, eles eram brilhantes — minha mãe diz. — Brilhantes. E, quando criaram um porco verde, deixei, porque estavam realizando grandes descobertas. Mas, quanto mais trabalhavam, mais eu comecei a pensar que talvez eles fossem um pouco menos brilhantes do que acreditavam ser. — Ela hesita. — E, então, eles criaram a triste aberração de uma criança. E eu percebi que brincar de Deus havia feito aquilo.

— Ah! — Tommy diz. — O pequeno mutante deixou você afetada? Mas toda a sua moral não a impediu de decantar o projetinho de ciência de sua filha, não é?

— Precisei fazer isso — minha mãe diz. — Ele era um ser humano vivo, totalmente formado, capaz de sentir.

— Capaz de atrair sua filha de volta — Tommy diz.

— Isso também — minha mãe concorda.

— Poupe-me. No fim, essa coisa toda a deixou rica.

— Não. Isso me custou uma fortuna, na verdade. Não, Dr. Holyfield. Eu enriqueci com uma patente para acelerar a produção de vacinas contra a gripe. Sempre que uma dose de vacina contra a gripe é feita, recebo vinte e um centavos. Um bilhão de doses por ano rende um bom dinheiro.

Eu dou risada. Não sei por quê.

— Não há patente com o seu nome — a mulher de trança diz.

— Não, está no nome de meu marido. Engraçado. Eu a dei a ele como presente de aniversário, que acredito que ele não tenha

gostado. — Ela parece meio maliciosa. — Talvez seja porque eu a descrevi com seu número de patente. Acho que ele nunca conferiu.

Minha mãe sorri, um sorriso só para mim.

— Ele era um artista, sabe? Artistas não pensam como cientistas. Felizmente, tivemos uma filha que sempre teve a capacidade de pensar como os dois.

Meu Deus. Praticamente caio no choro.

O rosto de Tommy fica mais sério. Ele não gosta da referência a mim. Fica nervoso. Estende o braço. A arma está apontada para o peito de minha mãe.

— Deixe-a em paz — digo.

— Seu zero à esquerda idiota — Tommy diz para mim. — Você não sabe que ela matou seu pai?

Olho assustada para minha mãe.

Ela se retrai.

— É verdade. Por ter brincado de Deus, de novo — ela diz.

— Mãe! — Começo a chorar.

— Eu o mandei atrás dos Plissken — ela diz. Pela primeira vez em muito, muito tempo, ela me toca. Está com a mão no meu ombro. Não me afasto.

— Eu disse algo tolo a ele. Eu disse: “Austin, você precisa detê-los. Independentemente do que aconteça”.

Tommy está rindo sozinho. Está gostando dessa parte.

— O idiota do seu pai levou ao pé da letra — ele diz. — E dizem que cientistas não têm nuances humanas.

— Eu não tinha certeza a respeito do que eles fariam — minha mãe diz. — Eu havia expulsado os dois da empresa. Eu disse que ia prendê-los. Eles ficaram desequilibrados. Como este idiota tatuado aqui. — Ela balança uma mão para Tommy. — Mentalmente

desequilibrados. Fiquei preocupada com o filho deles. Mandeí seu pai atrás dos dois. Chovia... e você viu a estrada. Ele os alcançou e aconteceu um acidente horróroso. Os dois carros desceram o barranco. Eu estava logo atrás com o segurança... Houve um incêndio horróroso. Todos já tinham morrido quando cheguei.

— Escute — digo, e mais uma vez minha voz me trai, embargada.  
— Eu ajudei o Solo. Ele tem todas as informações. Todos os registros sobre Adam. Todo o resto.

Minha mãe não fica surpresa.

— Pensei que seria algo assim. Bem, se é o caso, Dr. Holyfield, você e seu bando de médiocres estão perdendo tempo, não?

— Não temos provas de que ele publicou coisa alguma — Tommy diz. — E, até poucos minutos, não havia nada na internet.

Estou na situação difícil de esperar duas coisas opostas ao mesmo tempo. Se Solo publicar a informação e Tommy perceber, ele não terá motivos para fazer algo de pior: a brincadeira estará acabada.

Por outro lado, minha mãe provavelmente será presa com Tommy.

E por que a informação não foi enviada? *Onde está Solo?*

— Precisamos fazer com que isso pareça um suicídio — Tommy diz, pensativo. Ele observa o escritório, estala os dedos. — Ou melhor, assassinato-suicídio! Ela tem que matar a menina e, então, se matar.

— E por que eu faria uma coisa dessas? — minha mãe pergunta.

Os comparsas de Tommy parecem confusos. Mas ninguém está se opondo.

— Vocês brigaram — Tommy diz. — Todo mundo sabe que sua filha odeia você.

— Isso não é verdade! — grito.

— Ela descobriu a verdade — Tommy sorri. — Sobre como você a usou como rato de laboratório para o gene da cura. — Ele está

contente com a solução. Ele estreita os olhos para a minha mãe. — E, por falar em descobrir a verdade, como você descobriu a respeito de nossos... esforços?

Ela responde com um leve sorriso.

— Vocês não são os únicos que têm câmeras de segurança, Thomas.

Tommy parece meio desanimado.

— Peguem a menina.

O Dr. Gold e o Dr. Martinez partem para cima de mim.

Eu me abaixo como se estivesse desmaiando. Os dois cientistas se trombam quando escorrego entre eles. Pego o extintor de incêndio. Eu me atrapalho, é pesado demais, mas derruba o Dr. Martinez.

Ele cai em cima da mesa. Ainda estou tentando pegar minha única arma. Não consigo pegar a alça, mas consigo colocar as mãos no extintor e, com um esforço desesperado, eu o jogo de volta.

Miro na barriga do Dr. Gold. Erro, mas acerto seu joelho.

— Ahhhh! Ahhhh! Ei, isso machuca! Nossa, como machuca!

— Desculpe — digo. Porque não estou pensando com clareza. Então, seguro o extintor de um jeito melhor e o jogo longe.

Erro, me desequilibro e tropeço.

— Peguem a garota, idiotas — Tommy grita. — Anapura, ajude!

— É *Dra.* Anapura! — ela rebate. Ela parte para cima de mim.

Sei que é um clichê tolo dizer que todos os cientistas são nerds ou doidos. Mas, se esse grupo fosse, digamos, de jogadores de futebol americano, eu estaria morta agora.

— Que diabos! — É Aislin.

Seu grito distrai todo mundo, e eu passo pela Dra. Anapura. Derrubo o extintor, porque ele só está me deixando mais lenta e eu sei o que tenho que fazer agora.

Vejo Adam pelo canto do olho. Ele está olhando para Aislin à espera de orientações. Aislin, que ótimo, estende uma mão, segura os cabelos de Tommy e puxa como se estivesse apertando um travesseiro.

— Merda! — Tommy grita.

Eu subo na sequoia. Não é fácil. Porque, mesmo sendo feita de aço entrelaçado, não é fácil de escalar, estou escorregando e meus joelhos estão esfolados, e a minha única vantagem é que a Dra. Anapura e o Dr. Martinez se surpreendem com minha atitude. E pelo fato de o Dr. Gold estar agindo como um macaco assustado, com a mão no joelho machucado enquanto berra e gira de dor.

Eu subo e Aislin grita:

— Cuidado!

Bem na hora, eu percebo que estou prestes a bater a cabeça em um dos “galhos”.

É alto aqui, bem alto.

Mas não é como a altura que Solo e eu descemos juntos.

— Pegue aquele cara! — Aislin diz a Adam.

Mas Adam, percebo com certo distanciamento, está congelado.

Puxa. Coragem. Dei tudo a ele. E me esqueci disso.

Tommy já aguentou o suficiente. Ele encosta o cano da arma no peito de minha mãe, e sei no que ela está pensando: na enorme fatura da lavanderia.

— Morra, sua vaca fria — Tommy diz.

Adam se retrai, mas Aislin grita:

— Tire as mãos da vaca fria, seu imbecil.

Chego à parte mais alta da sequoia de aço. Eu me viro, meus tornozelos se retorcem, eu tento me equilibrar na ponta maior do raio.

— Mãe! — eu grito.

O raio balança para a frente. A ponta vai acertar minha mãe bem na nuca.

A ponta afiada se inclina para a frente. A centímetros de acertar a nuca de minha mãe, seus cabelos cuidadosamente arrumados.

No último segundo, ela simplesmente inclina a cabeça para o lado.

O raio passa por ela e para.

Para quando a ponta entra na testa de Tommy, abaixo da tatuagem dos Pixies.

Ótima banda. Mas não serve de escudo.

Tommy desaba como um saco de pedras. A arma cai e escorrega pelo chão.

Adam se abaixa e a pega. Ele a observa por um momento, e então a entrega a Aislin.

O resto do grupo de Tommy está prestes a partir para cima dela, mas Aislin aponta a arma e diz:

— Existe um motivo para ele ter entregado a arma *a mim*. Vou atirar em vocês.

Eu me balanço para a frente e para trás no raio por um tempo. Não gosto muito da ideia de cair enquanto ele ainda está em movimento. Já cansei de machucar as pernas.

Minha mãe — que não se abalou nem mesmo se despenteou — estala os dedos a Adam.

— Coloque Eve no chão.

Adam obedece. Eu desço ao chão, passando pelo corpo perfeito dele, e paro com os lábios a centímetros de sua boca perfeita.

Ele é perfeito.

— Solo — digo. — Precisamos encontrar Solo.

## 43 Eve

**E**nquanto os seguranças algemam o grupo de Tommy, olho para seu corpo espalhado no chão.

Eu vi bastante sangue enquanto estava no hospital, por isso estou menos sensível do que antes. Ainda assim, ver cérebro no chão não é fácil.

Adam dá uma olhada e quase desmaia. Aislin o segura e lança um olhar a ele.

— Bem, eu não dei muita atenção à coragem — admito. — Mas ele é bacana, gentil e bonzinho.

— Poderia ser pior — Aislin diz.

— Ainda precisamos cuidar da bagunça feita pelo Maddox — digo.

— Vou precisar trocar o carpete — minha mãe diz. — Seda tecida a mão. Que desperdício.

— Talvez não seja o melhor momento — Aislin sussurra.

— Primeiro as prioridades: Solo — eu digo

— Eu sei onde eles o colocaram — minha mãe diz.

Ela vai na frente — porque sempre vai na frente — e nós a acompanhamos.

A sala está escura. Minha mãe acende várias luzes, e ali está ele, flutuando no tanque antes ocupado por Adam.

— Solo — sussurro.

Ele está totalmente vestido, sem dúvida inconsciente, enrolado em um monte de fios.

Minha mãe confere um monitor brilhante.

— Os registros mostram que a atividade cardíaca e a cerebral estão normais — ela diz. — Ele está vivo. Podemos decantá-lo.

— Graças a Deus — digo.

— Eu vivi aqui — Adam diz a Aislin, com uma voz alegre.

Ela dá um tapinha no braço dele.

— Eu sei, querido.

Minha mãe está com a mão em uma alavanca.

— Sabe, Evening — ela diz, com um brilho nos olhos —, isso seria uma oportunidade para... ajustes.

Aislin esfrega as mãos.

— Ele está todo ligado a fios. Vocês poderiam fazer pequenas mudanças. Certo?

— Psicológicas — minha mãe sugere.

— Físicas — Aislin diz. — Sabe. Em nome da ciência e tal.

— Com algumas horas e alguns ajustes, poderíamos deixá-lo mais agradável — minha mãe diz. — Os homens são tão... teimosos.

Balanço a cabeça, negando.

— Vamos tirá-lo. Agora.

— Última chance — minha mãe avisa. — Você sabe ser teimosa.

— Agora.

Demoramos uma hora para tirar Solo e soltá-lo. Ele só acorda quando o levamos de volta ao quarto. Está coberto pela gosma viscosa do tubo.

Coloco um cobertor sobre ele, quando seus belos olhos se abrem.

— Estou vivo — ele diz.

— Sim, parece estar — digo.

Ele olha para minha mãe e os olhos dele se arregalam de medo. Então, desvia o olhar.

— Droga.

— Sim — minha mãe diz de modo seco. — Ainda estou aqui.

— Não foi o que eu quis dizer — ele diz, com a voz fraca. — Eu...

— Você ia me destruir — minha mãe diz.

— Não fiz isso — ele responde simplesmente. — Estava pronto para fazer. Poderia ter feito.

Eu pergunto:

— Por que não fez?

Ele dá de ombros.

— Não era mais uma coisa entre mim e ela. Tinha você também. Eu poderia derrubar sua mãe. Não você.

— Bacana — minha mãe diz, com o tom de voz que usa quando quer fazer com que a pessoa recue.

— Tommy me contou a respeito de meus pais — Solo continua. — Eu não sabia. Não sabia o que eles faziam, quem eram. Eu pensava... bem, eu achava que você era só uma megera amoral, grosseira, manipuladora.

Minha mãe assente.

— Sim, é tudo verdade.

— Certo — Solo concorda, de modo incerto.

Coitado do Solo. Acho que ele está esperando por um daqueles finais felizes que passam na TV. Plateia errada para isso.

Solo olha para Aislin. Ele sorri.

E, então, vê Adam.

— Ah, meu Deus — ele hesita. — É você.

— Sou o Adam. Adam Allbright.

Solo olha para mim.

— O seu cara perfeito.

Eu dou de ombros.

— Bem, tanta perfeição não é para mim.

— Sério? — Ele não acredita. Olha para Adam de novo. — Sei lá, Eve. O cara é incrível.

— Estou à procura de algo bem menos incrível.

Estou tentando desesperadamente ser romântica, o máximo que posso ser com minha mãe na sala. É claro que Solo está estragando tudo.

— Mas olha para ele! Sou totalmente hétero, mas seria capaz de me apaixonar.

— Obrigado — Adam diz.

— Você prefere a mim? — Solo pergunta. — Está maluca?

— Parece que sim.

— Sou perfeito demais para Evening — Adam diz. — Mas tudo bem. — Ele sorri timidamente para Aislin. — Não sou perfeito demais para a Aislin.

Solo se esforça para se sentar. Está zozzo. Eu me aproximo dele na cama e o ajudo a se levantar. Passo o braço pelas costas dele. Afasto os cabelos úmidos de seus olhos.

As costas dele não são tão fortes quanto as de Adam. Os cabelos também não são tão bonitos.

Mas eu me lembro de quando beijei Adam. E me lembro de quando beijei Solo. E eu sei qual deles eu quero de novo.

Bem, os dois. Mas mais o Solo.

Solo olha para mim. Ele tem olhos lindos. O mesmo azul de arrasar corações que os de Adam.

Mas há algo nos olhos de Solo que não consigo encontrar nos de Adam.

— Tudo bem se eu tentasse desenhar você em breve? — pergunto.

— Tudo bem se eu tentasse beijar você em breve? — Solo pergunta.

— Você está todo coberto com aquela gosma do tubo — digo. — Precisa de um banho.

— Boa ideia. — Solo passa o dedo indicador pelo meu pulso.

Olho para trás e percebo que minha mãe, Adam e Aislin saíram da sala.

Estamos sozinhos.

— Posso colocar você no banho. Depois disso, é com você — sugiro.

Ele levanta a mão toda gosmenta e a limpa nos meus cabelos.

— Agora você também precisa de um banho. — Ele tenta fazer um olhar sugestivo.

— Ah, por favor, você está fraco como um gatinho — provoco.

Ele me beija e eu retribuo, com gosma e tudo. E aí eu me lembro de que Solo também se recupera muito depressa.

Então, eu o levo para o chuveiro.

# Agradecimentos



**A**gradecemos muito às pessoas dedicadas, talentosas e maravilhosas que nos ajudaram a escrever este livro: Holly West, editora-assistente; Rich Deas, diretor de arte; Ashley Halsey, designer; Dave Barrett, editor; e Nicole Moulaison, gerente de produção.

Agradecimentos especiais a Jean Feiwel, que teve a ideia e concordou, com antecedência, em orientar a terapia de casal pós-coautoria.